

Vanderlúcia da Silva Ponte

**Análise Antropológica da socialização das
crianças no contexto social das famílias no trajeto
do lixo no Aurá**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, da Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, para obtenção de grau de mestre em Ciências Sociais (Antropologia)

Orientadora: Professora Doutora Diana Antonaz

Belém
Fevereiro, 2006

Vanderlúcia da Silva Ponte

**Análise Antropológica da socialização das crianças
no contexto social das famílias no trajeto do lixo no
Aurá**

Aprovado em : _____ / _____ / _____

Orientadora:

Profª Drª Diana Antonaz
Departamento de Antropologia
Universidade Federal do Pará - UFPA

Profª Drª Maria Angelica Motta-Maués
Departamento de Antropologia
Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida
Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ/
Museu Nacional

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo
Departamento de História
Universidade Federal do Pará - UFPA

A minha filha Naiara,

Você é o meu acalanto e minha inquietude

A minha dúvida e minha certeza.

Mas, sobretudo, é a melhor parte de mim.

A você, o meu mais profundo e sincero amor.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a quem devo agradecer, mas as que citarei ao longo destas páginas, certamente estiveram mais presente nesse percurso.

Agradeço a toda a minha família (irmãos, irmãs e meus/minhas adorado(a)s sobrinho(a)s, especialmente a minha mãe (Vanda) e a meu pai (Luciano - *in memoriam*) a quem devo tudo. O que sou e tudo o que conquistei. São meu alicerce, minha fonte e minha morada, que me mantém viva e com capacidade de sonhar e ousar.

Aos meus mestres, por tudo que me ensinaram, nesse campo tão fascinante da antropologia, mas ainda muito arenoso para mim. Pelos debates, pelas reflexões, mas, sobretudo, pelo compromisso e fascínio na transmissão do conhecimento.

À professora Angelica (“profe”, como fala nossa amiga Anaclan) pelo entusiasmo, compromisso, carinho, dedicação, orientações e por todos os elementos que a fazem ser uma grande mestra. Que saudades de nossas aulas regadas a chá, biscoitos, conhecimento e afeto.

Ao professor Alfredo Wagner, por sua leitura cuidadosa e crítica de meu projeto de qualificação que me fizeram refletir sobre o meu campo e meu objeto de estudo.

Ao professor Aldrin, que com sensibilidade e senso crítico me apontou caminhos ainda não percebidos.

À minha orientadora Diana, que me fez descobrir o fascínio do saber antropológico, que me acolheu nesse árduo, mas prazeroso percurso. Que tem me ensinado uma nova forma de pensar e problematizar a realidade. A quem devo também, momentos de intensa emoção, por me acompanhar com muita competência nos trajetos do lixo.

Aos meus colegas do curso de mestrado, com quem experimentei momentos ricos de reflexão e debate, mas em especial a minha amiga Marilene; que tem demonstrado a todos nós enorme coragem e serenidade (você fez esse mestrado ser mais interessante), mas, principalmente pelo afeto que nos uni desde adolescentes (foi um feliz reencontro). À Raquel, por estar sempre ao meu lado, me apoiando e incentivando nos momentos mais difíceis, À Franci, pela amizade, mas também pelas inúmeras contribuições, dentro e fora de sala de aula. Ao Alexandre, Leandro, Lizete, Rosiane, pelos momentos de colaboração e apoio mútuo. À Shirley e Euzalina, por estarmos sempre em sinergia e solidariedade.

Ao corpo administrativo do programa, em especial ao Paulo e Rosângela pela paciência, dedicação e eficiência no decorrer do curso.

Ao Jorge, Vânia, Michele e Ivânia, meus colaboradores na fase final do mestrado, por tudo que fizeram por mim, mais em especial, pela competência e sensibilidade em me ajudar quando tudo parecia não dar mais tempo.

As minhas antigas colegas da SESMA, mas com atenção especial, a Suely, Ceci, Arlene e Ritinha, que sempre acreditaram em mim, me apoiaram, incentivaram, mas também pelos sonhos e projetos que nos mantêm unidas.

À Valéria, Pablo, Emerson, Sheichson, Luis Carlos, Rakel, Sônia, Vilma, Jane, Fábio, Claudinha e aos demais colegas do “Projeto de Desenvolvimento Infantil” e do PACS Águas Lindas, por me despertarem para a realidade das crianças de Santana do Aurá, mas também, por tudo que vivemos juntos lá.

Aos meus colegas do UNICEF (Dariane, Sônia, Marcos, Fátima, Brian, Marcelo e Jacques), meu mais novo desafio profissional, especialmente ao Jacques, Marcelo e Dariane por terem me ensinado tanto e estarem sempre por perto. O desafio de nossa missão Institucional é tão grandioso quanto à amizade, carinho e respeito que tenho por vocês.

À Dona Benedita e Seu Amadeu, meus sogros, sempre presentes em minha vida, e com quem sempre pude contar. Obrigada por tudo, mas principalmente pelo amor que nos liga à minha filha.

À Ioná, mas também, a Chiguito por se fazerem amigos muito queridos. Pela amizade sólida desde tempos de menina, pelos dissabores de sonhos perdidos, mas, sobretudo, por estarmos sempre nos apoiando.

À turma do “TC” Socorro, Marune, Dantas, Mariléia, Cristina, Regi por nos mantermos sempre unidos, apesar da “lenda da mulher de cabelo vermelho”, agora e sempre por um projeto de mundo melhor.

À Socorro, minha amiga para todas as horas. Seu apoio, carinho, vivência e sua coerência são sempre grandes exemplos de humanidade e amizade para mim.

À Laura, pelo apoio, incentivo, amizade e pela presença sempre atenta e cuidadosa em minha vida. Nossa amizade já se enraizou e construiu laços sólidos. Obrigada por tudo.

Ao Pedro Paulo, com quem vivi minhas primeiras experiências profissionais e se tornou um amigo muito querido. Mesmo à distância, me apóia em todos os momentos, pois, nosso afeto e respeito mútuo nos mantêm sempre em sintonia.

À Anaclan, pelo longo percurso que nos mantêm unidas, pelo forte afeto, e respeito mútuo, mas em especial, por tudo que construímos e vivemos juntas. Só estou hoje aqui, em grande parte, por você. As “dicas”, os esclarecimentos, a sua experiência me impulsionaram sempre. Sua solidariedade não tem dimensão. Obrigada por sempre despertar em mim os mais nobres sentimentos.

E por fim, às crianças e às famílias que vivem no Aurá, com quem aprendi muito, a quem devo meu mais profundo respeito e admiração. A capacidade concreta de desafiar a vida e estabelecer relações despertou-me para o meu mais profundo silêncio (meu “eu” interior) e a me ver, além de enxergar a vida com outras matizes. Obrigada hoje e sempre!

RESUMO

PONTE, Vanderlúcia da Silva. **Análise antropológica da socialização das crianças no contexto social das familiares no trajeto do lixo no Aurá.** Belém, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2006.

Este é um estudo que aborda a socialização das crianças no contexto de vida no “lixão do Aurá, sob uma perspectiva antropológica. A partir da compreensão do significado e representação do lixo, assim como de sua forma de consumo se estabelece os elos explicativos que as famílias buscam empreender para socializar as crianças. A análise do material empírico parte de restituição das trajetórias de vida das famílias que impulsionados pela extrema pobreza migraram para o estado do Pará e chegaram ao lixão. Ao se reconstituir suas redes de parentesco se percebe a reprodução de valores e percepções nas redes de sociabilidades que permitirão às famílias inserir as crianças às diversas situações de risco, violência e trabalho, para reprodução do grupo social e sobrevivência.

Palavras Chaves: Socialização, lixo, família, criança.

ABSTRACT

PONTE, Vanderlúcia da Silva. **Análise antropológica da socialização das crianças no contexto social das familiares no trajeto do lixo no Aurá.** Belém, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2006.

This study looks from an anthropological perspective at the socialization of children working the waste dumps of Aurá. The social meaning and representation of waste is used to establish how families seek to socialize their children. Empirical data is used to examine how families pushed by extreme poverty migrate to the urban centers of Pará and how they come to be involved in the waste dumps. The study examines the social networks, perceptions and values which allow families to put their children in situations of juvenile labour and violence (or the reproduction of the social group and its survival).

Key words: Socialization, waste, family, child

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1–	Lixo jogado próximo ao lago que circunda Santana do Aurá.....	29
Fotografia 2–	Crianças “bagulhando” no lixo próximo ao lago.....	29
Fotografia 3–	Catadores “bagulhando” lixo.....	41
Fotografia 4–	A organização e disposição dos agentes ao redor do “lixão”.....	45
Fotografia 5–	Barraca das famílias do “lixão” que serve para abrigo e armazenamento do lixo coletado.....	46
Fotografia 6–	Lixo de alumínio armazenado no depósito dos “sucateiros” formando um corredor na estrada de Santana do Aurá.....	49
Fotografia 7–	Lixo de papelão armazenado no depósito dos “sucateiros” formando um corredor na estrada de Santana do Aurá.....	49
Fotografia 8–	Lixo acondicionado para exportação.....	50
Fotografia 9–	Parte externa da casa 1.....	52
Fotografia 10–	Parte externa da casa 2.....	52
Fotografia 11–	Organização do quarto da casa 2	53
Fotografia 12–	Disposição do lugar de guardar as roupas da casa 2.....	53
Fotografia 13–	Organização do quarto da casa 1.....	54
Fotografia 14–	Revestimento da parede do quarto da casa 1.....	54
Fotografia 15–	Organização da cozinha da casa 2.....	55
Fotografia 16–	Organização da cozinha da casa 1.....	55
Fotografia 17 –	Brinquedos e brincadeiras criados pelas crianças	99

Fotografia 18	Brincadeira de pira se esconde na árvore (dos meninos).....	120
–		
Fotografia 19	Brincadeira de acrobacias das meninas.....	121
–		
Fotografia 20	Brincadeira de balanço dos meninos e meninas.....	121
–		
Fotografia 21–	Brincadeira de casinha das meninas e meninos.....	122

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Croqui 1–	Santana do Aurá e áreas adjacentes.....	26
Mapa 1–	Aterro Sanitário e loteamento Santana do Aurá	32
Desenho 1 –	Gadanho: instrumento de coleta do lixo.....	42
Desenho 2 –	Poranga: lamparina caseira.....	43
Quadro 1–	Construção das categorias nativas.....	45
Fluxograma 1–	Comercialização do lixo	48
Diagrama 1–	O sentido de família para Maria.....	68
Diagrama 2–	Família para Bete.....	72
Diagrama 3–	Mostra as relações de parentesco entre As famílias de Mary e Gláucia.....	76
Diagrama 4–	Concepção de família para Socorro e Marco.....	85
Diagrama 5–	Mostra as relações de parentesco entre as famílias de Vera Carmem e Carlos.....	89
Diagrama 6–	Sentido de família para Antônia.....	90

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIDS	Síndrome da imunodeficiência adquirida
CDP	Companhia das Docas do Pará
CNBB	Confederação Nacional de Bispos do Brasil
CODEM	Companhia de desenvolvimento Metropolitano da Cidade de Belém
COOTPA	Cooperativa de trabalho dos Profissionais do Aurá
DST	Doença sexualmente transmissível
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MST	Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra
PA	Pará
PETI	Programa de Erradicação do trabalho Infantil
PSF	Programa Saúde da Família
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
SIAB	Sistema de Informação da Atenção Básica
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
-----------------	----

CAPÍTULO 1

TRAÇADOS ETNOGRÁFICOS ENTRE AS CRIANÇAS E AS FAMÍLIAS DE SANTANA DO AURÁ

1.1 COMO CONHECI AS CRIANÇAS DE SANTANA DO AURÁ....	17
1.2 ENTRE GESTORA E PESQUISADORA, DIFERENTES OLHARES.....	18

CAPÍTULO 2

REPRESENTAÇÃO DO LIXO

2.1 A LOCALIZAÇÃO DE SANTANA DO AURÁ.....	25
2.2 O “XEM” OU O “LIXÃO”	30
2.3 DO “CURVÃO” AO “LIXÃO”: MEMÓRIA E RECONSTITUIÇÃO DA PAISAGEM.....	34
2.4 O TRAJETO DO LIXO: SIGNIFICADOS DO CONSUMO.....	38
2.5 RITUALIZAÇÃO DO LIXO: SENTIDO DO PURO E DO IMPURO; DA ORDEM E DA DESORDEM.....	51

CAPÍTULO 3

FAMÍLIAS: RELAÇÕES PARENTAIS

3.1 PRÁTICAS COTIDIANAS NA SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS.....	61
3.2 A MIGRAÇÃO E O TRAJETO DAS MULHERES.....	64
3.2.1 A história de Maria.....	67
3.2.2 A história de Bete.....	69
3.2.3 A história de Gláucia.....	74
3.3 A MORAL DO TRABALHO E A DIMENSÃO DA VIOLÊNCIA NA	

ORGANIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS.....	77
3.3.1 A história de Maria Edineth.....	77
3.3.2 A história de Socorro.....	83
3.4 QUEM É O CHEFE DA FAMÍLIA? ARRANJOS FAMILIARES E PAPÉIS SOCIAIS.....	86
3.4.1 A história das quatro irmãs.....	87
3.4.2 As histórias de Vera e de Antônia.....	90
3.5 APRENDIZADO DO TRABALHO COMO CATEGORIA PARA SOCIALIZAR.....	93
3.5.1 A história de Mary.....	95

CAPÍTULO 4

SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS: DO “LIXÃO” A INVENÇÃO

4.1 A NOÇÃO DE INFÂNCIA NO AURÁ.....	98
4.2 OS EFEITOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NAS RELAÇÕES FAMILIARES E NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS.....	106
4.3 COSMOLOGIA DOS CONTOS	113
4.4 A DIMENSÃO DO BRINCAR.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS.....	
APÊNDICE.....	

**Universidade Federal do Pará
Centro de Filosofia e Ciências humanas**

Programa de pós-graduação em ciências Sociais

**Mestrado em Antropologia
Universidade Federal do Pará**

Vanderlúcia da Silva Ponte

**Análise Antropológica da socialização das
crianças no contexto social das famílias no trajeto
do lixo no Aurá**

Belém
Fevereiro , 2006

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar o processo de socialização das crianças que vivem em Santana do Aurá, uma área de “invasão”¹ que fica localizada nas intermediações do “Aterro Sanitário de Resíduos Sólidos de Belém”², no bairro de Águas Lindas, na Rodovia BR-316 no município de Belém. Procurei compreender, a partir da observação participante³, o sentido e o significado do lixo para as crianças e suas famílias. A pesquisa parte da reconstituição das histórias de vida das famílias e suas trajetórias até chegarem a Santana do Aurá.

Minha escolha se deve, fundamentalmente, a duas razões. A primeira, de caráter profissional e pessoal, decorre da experiência que tive com estas pessoas no desenvolvimento de meu trabalho como gestora e psicóloga (coordenadora técnica) das equipes do Programa Saúde da Família (PSF), no período de janeiro de 2000 a dezembro de 2002. A outra é de caráter metodológico, já que não poderia compreender o processo de socialização das crianças no trajeto do lixo sem que antes entendesse o significado e as percepções das famílias que residem em Santana do Aurá, construídas no universo onde vivem e estabelecem suas relações.

Nesta perspectiva, o presente estudo buscou aproximar dois universos, ao mesmo tempo próximo e distante, conforme salienta Geertz (1998), para, a partir do entendimento das categorias nativas, compreender, isto é, interpretar do ponto de vista antropológico o sentido cultural da socialização das crianças que vivem em Santana do Aurá.

¹ Espaço onde os moradores de Santana do Aurá residem sem ter adquirido oficialmente o terreno. Isso se dá individualmente em pequenos grupos. O termo está relacionado com a trajetória de vida das famílias diferindo do termo ocupação cujo sentido é de organização planejada dos trabalhadores sem terra. É também chamada pelos moradores de comunidade e está associado à intervenção da igreja e das ações das políticas públicas.

² É o nome atribuído pelos técnicos da prefeitura para designar o tratamento do lixo.

³ A obra de Malinowski, mas especificamente o artigo “Coral Gardens and Their Magic – study of the methods of tilling the soil and of agricultural rites the Trobriand Islands”, será uma das referências metodológicas desse estudo

As reflexões sobre o campo me levaram a perceber as estratégias estabelecidas pelas famílias, em situação de extrema pobreza, para educar e socializar seus filhos. O diálogo com a literatura, mas, sobretudo, com Pollak, Bourdieu e Sayad, permitiram-me as primeiras elucidações sobre aquela realidade.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, problematizo meu objeto de estudo, descrevo minha “entrada em campo” e destaco a passagem do olhar de gestora para de pesquisadora. No segundo mostro a situação limite de vida daquelas crianças e suas relações familiares, no enfrentamento da pobreza. O trabalho no "lixão", a forma de consumo, a utilização dos restos como alternativa de sobrevivência e todo o processo de “reciclagem” do lixo, uma cultura específica, donde, frente àquela realidade, as famílias buscam inserir e socializar as crianças. Ainda neste capítulo, trato dos antagonismos presenciados entre o sentido de sujeira e higiene, entre o universo das famílias e dos técnicos dos projetos sociais.

O terceiro está voltado para a formação histórico-social da realidade em que vivem estas famílias. A partir do levantamento de suas trajetórias de vida, procurei entender o significado de socializar e educar as crianças dentro daquele contexto. Os deslocamentos das famílias, a organização do espaço doméstico, a identificação dos papéis sociais, a convivência com o fenômeno da violência, mas, sobretudo, o sentido e significado do trabalho traduzem o universo das práticas culturais destas famílias, influenciando sobremaneira na socialização e no lugar da criança para elas.

No quarto capítulo procuro elucidar o processo de socialização das crianças em vários contextos: no trabalho, nos contos, na escola, nos projetos sociais, nas brincadeiras, nas ações religiosas. Como as crianças se desenvolvem a partir deste universo na família e no espaço social? Que habilidades e experiências constroem que permitem reinventar e representar a realidade a partir dessas experiências? E por último, como os padrões simbólicos se formam e traduzem o sentido cultural dessa realidade? Estas são as perguntas que procuro responder neste capítulo.

Termino minha dissertação, deixando ver como este trabalho me despertou para uma realidade antes não percebida, ou seja, a forma como as famílias educam e concebem a relação de cuidado para com as crianças: o socializar, o ensinar; o brincar, o cuidado com o corpo, a relação de afeto. Aprendi que lá, todos estes elementos parecem ter um tipo de

configuração e significado que não corresponde ao saber técnico incorporado pela equipe de saúde.

CAPÍTULO 1

TRAÇADOS ETNOGRÁFICOS ENTRE AS CRIANÇAS E AS FAMÍLIAS DE SANTANA DO AURÁ

Neste primeiro capítulo, vou mostrar como aconteceram minhas relações com as crianças de Santana do Aurá e suas famílias. Inicialmente narro meu primeiro contato com elas, em seguida, apresento o cenário de minha pesquisa. No último tópico, mostro como minha relação com elas foi permeada por dois olhares: o de gestora, inicialmente, e o de pesquisadora, já na condição de estudante no mestrado de antropologia.

1.1 COMO CONHECI AS CRIANÇAS DE SANTANA DO AURÁ

Em janeiro de 2000, assumi o cargo de coordenadora técnica das equipes do “Programa Saúde da Família”, no bairro de Águas Lindas, na cidade de Belém, no Pará. Após algumas conversas e levantamentos de dados das equipes e da situação de saúde das famílias cadastradas no programa, obtive informações sobre o grave estado de saúde das crianças que viviam em Santana do Aurá e sobreviviam do “lixão”.

Na coordenação do “Programa Saúde da Família”, inicialmente, realizei visita à “comunidade” de Santana do Aurá - como denominam os técnicos dos serviços de saúde – para conhecer *in loco* o dia-a-dia das famílias de lá. Já tivera conhecimento, na ocasião, de relatos e dos indicadores epidemiológicos de saúde, da situação de pobreza e doença das famílias e das crianças, porém não me era possível imaginar como aquelas pessoas viviam. Diante daquela situação, dentre tantos aspectos adversos, o odor forte que emanava do “lixão”, quase insuportável, causou-me um grande mal-estar. Compondo também o cenário a forma das casas, a sujeira, a forma das pessoas se vestirem, mas, sobretudo, o lixo por toda parte me levaram aos primeiros questionamentos: “como poderiam as pessoas dali conviver com isso? Quem são essas pessoas? Como chegaram ali? Por que ficaram e, principalmente, como vivem?”

Realizei esta primeira visita acompanhada de uma enfermeira que me chamou atenção para uma casa, em especial, onde todas as pessoas da família estavam doentes. Havia quatro crianças e um homem no pequeno “barraco” que visitei. As crianças estavam nuas,

deitadas sobre um velho carpete sujo, próximo a dois animais (um cachorro e um gato). O olhar distante e perdido me sensibilizava. Cheguei mais perto, mas isso não lhes causou qualquer reação, mantinham-se estáticas e imóveis. As barrigas inchadas, as peles ressecadas, os olhos fixos sobre o nada compunham uma cena quase que indescritível. O homem, pai das crianças, deitado sobre um colchão velho e malcheiroso, gemia como se prenunciasse sua morte. No interior da casa, as panelas vazias e sujas revelavam a falta de comida e a fome que sentiam aquelas crianças. A mãe estava no “lixão”, tentando encontrar comida.

Aquela cena, envolvendo as crianças, deixou-me em estado de perplexidade, que não podia verbalizar. A frase de Cecília Minayo, lida recentemente em um artigo⁴: "na dor do corpo o grito da vida" era a tradução mais próxima do que presenciara. Um estado de silêncio prolongado fez emergir velhas recordações. A minha infância feliz, as brincadeiras e os banhos prolongados no rio e nos igarapés, os passeios de barco, mas principalmente a farta mesa de que me recordo com muita precisão me levaram a grandes reflexões existenciais. A distância entre estes dois mundos, mas principalmente o sentimento de humanidade e responsabilidade não me deixaram mais sair dali.

1.2 ENTRE GESTORA E PESQUISADORA, DIFERENTES OLHARES

Depois de tomar conhecimento da situação em que viviam as famílias, escrevi um projeto para o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) intitulado "Desenvolvimento Infantil em Santana do Aurá", que mais tarde, em janeiro de 2001 foi aprovado através de convênio entre a Prefeitura de Belém e o UNICEF e comecei a montar uma equipe de trabalho.

O projeto e todo o contato que mantive com as crianças e com as famílias foi-me envolvendo mais a cada visita. A forma como elas concebiam o corpo, o pudor, o medo, o sentido de limpo e sujo, o estilo de vida, enfim, uma série de condutas diferiam muito dos meus referenciais de saúde e doença, do meu entendimento de infância e de socialização. A internalização de um saber psicologizante, normativo e sanitarista não me permitia perceber aquela realidade. No início não lhe atribuía um sentido próprio.

⁴ MINAYO, M. Cecília de Souza & SOUZA, H. D. Na dor do corpo, o grito da vida. IN: Demandas populares, Políticas Públicas e Saúde. COSTA, Nilson do Rosário; RAMOS, C. L. MINAYO, M.C.S. STOTZ, E. N. (orgs.) Petrópolis, vol II, p. 76-101, Editora Vozes, 1989.

A tentativa de inserir novas práticas e rotinas na vida das crianças e das famílias não tardou a me trazer (e à equipe que coordenava) algumas frustrações e decepções. As dificuldades que todos da equipe sentiram, estimularam-me a querer conhecer melhor aquela realidade social tão diferente da minha. À medida que convivíamos, descobria em cada pessoa a luta diária para sobreviver: o dia-a-dia das pessoas, a rotina do trabalho, a forma de educar as crianças.

Aos poucos, o odor, a forma das casas, o lixo, deixaram de ser tão estranhos. Procurei entender suas referências culturais. Queria saber por que para os moradores não eram importantes as orientações que, para equipe de saúde, significavam questão de vida e de morte. Observava que algumas famílias eram capazes de criar e inventar uma realidade impensável dentro do contexto sanitário no qual estou inserida. Olhar para as relações sociais daquelas famílias revelava outros sentidos.

A situação das crianças era o meu principal interesse. O andamento do “Projeto Desenvolvimento Infantil” obteve resultados positivos entre as crianças. À medida que recuperavam o peso, demonstravam uma riqueza no repertório comportamental: a linguagem, a motricidade, a afetividade, enfim muitos elementos que pareciam desconstruir tudo aquilo que as teorias psicológicas postulavam acerca da socialização e desenvolvimento.

Era-me importante ir além... Meu olhar como gestora e psicóloga não me bastava para compreender a complexidade daquela realidade. Algumas questões insistentemente emergiam: como estabelecer os elos explicativos dessa realidade? De que forma me aproximar dessas famílias e das crianças, particularmente, sem que a relação como gestora interferisse nisso? Minha atuação como gestora não me respondia estas perguntas.

Um ano depois de deixar a coordenação do projeto, estas inquietações me levaram ao mestrado de antropologia. Escolhi as crianças do Aurá como tema principal de minhas investigações. Já no mestrado, o passo inicial foi transformar as minhas percepções anteriores em objeto de análise antropológica relevante. As várias conversas com minha orientadora já me alertavam para o meu olhar intervencionista de gestora. As leituras de artigos e livros, as discussões em sala de aula, os seminários de reflexão e as orientações em meu trabalho de campo foram norteando a minha primeira “entrada no campo” como pesquisadora.

Quando iniciei a trabalho de campo, no mestrado, em 2004, afastada há mais de um ano de “lixão”, primeiro, pensei em estabelecer contato com os agentes comunitários de

saúde, meus principais interlocutores, quando trabalhara como coordenadora do projeto de "Desenvolvimento Infantil em Santana do Aurá". Minha orientadora, porém, mostrou o quanto essa decisão tornaria minha pesquisa enviesada, muito presa ao primeiro olhar, o de gestora.

Decidi, então, por outro caminho, procurei me aproximar de algumas famílias com quem já mantivera contato no passado. A primeira casa que visitei, na condição de pesquisadora, foi a de Gláucia. Conversamos, apresentei-me como pesquisadora, falei da pesquisa e do que pretendia realizar para conhecer melhor as famílias e as crianças. Fiz o mesmo na casa de Vera e passei a freqüentar alguns lugares, já conhecidos por mim, onde as crianças se encontravam.

Minha primeira condição entre eles, como gestora, por ter sido marcante, dificultava que me vissem em outro lugar. O diálogo normalmente era permeado de medo e desconfiança. Em algumas situações, as famílias queriam saber por que eu havia saído do projeto e da coordenação do Programa Saúde da Família. Perguntavam se retornaria ao projeto e por que tinha trocado de função. Faziam, também, constantes denúncias sobre os agentes comunitários de saúde, que não estavam indo com tanta freqüência às visitas de rotina às casas das famílias.

Estas atitudes partiam mais dos adultos. Com as crianças, os interesses eram outros. Eram comuns perguntas do tipo: "Tia, quando vamos fazer de novo aquele passeio no Bosque? Ir ao cinema? Brincar?" A interação e o contato foram logo sendo reestabelecidos. Comecei a participar de suas brincadeiras (muitas delas não entendidas por mim, a princípio) e elas iam me ensinando (nem sempre com muita paciência...) como funcionavam. Conversávamos e elas me contavam as histórias de visagens, os acontecimentos do dia-a-dia. Eu usava sempre o gravador. Ouvir suas vozes no gravador ou visualizar suas fotografias na máquina digital lhes deixavam muito excitadas. Depois foram me convidando para outras atividades, dentro de suas casas, e assim, fui iniciando a minha participação nas rodas de conversas, nas atividades escolares, religiosas e festivas.

A minha presença constante nas casas das crianças e as explicações freqüentes de que estava ali para fazer uma pesquisa e que não trabalhava como gestora, enfim, foi paulatinamente alterando nossa relação. Os adultos me perguntavam por que queria pesquisar

ali e para que serviria o trabalho⁵. Aos poucos, também, foram percebendo que não se tratava de uma pesquisa para implantar outro projeto ou trazer algum tipo de benefício social. Com o tempo e a convivência diária, o diálogo foi se tornando mais fácil e a relação mais confiante.

Mas, a entrada no “lixão” ainda era um desafio a ultrapassar. Com a minha participação no projeto, todas as pessoas me conheciam. Eram solícitas comigo, acompanhavam-me até o “lixão”, mas também decidiam o trajeto e o meu tempo de permanência lá. Geralmente, o engenheiro me deixava ficar em um lugar bem distante dos “catadores”. Eu sempre era alertada sobre os riscos e os perigos de permanecer lá dentro. Os assaltos, os assassinatos, as freqüentes brigas entre os “catadores” e o próprio ambiente insalubre eram sempre explicações muito convincentes para que não entrasse no “lixão” sem a segurança de alguém da administração.

Percebia, então, que precisava encontrar outros meios para estar no “lixão” e observar melhor as relações dos “catadores” naquele lugar. A maior aproximação das famílias e das crianças foi permitindo que eu descobrisse os caminhos que os “catadores” faziam para chegar até lá. Comecei a me deslocar para lá, acompanhada por eles. No entanto, a minha permanência não se prolongava por muito tempo, pois não me era possível suportar o odor forte dos gases e da decomposição dos dejetos por muito tempo. Dores de cabeça e náuseas eram empecilhos constantes para que não pudesse ficar mais tempo. Além disso, a minha presença (estranha) sempre era muito ameaçadora naquele ambiente. A máquina fotográfica e o gravador eram vistos como objetos de troca. As famílias, sempre desconfiadas nesse ambiente, tinham medo que eu fotografasse as crianças e elas viessem perder os seus benefícios sociais.

Algumas vezes, percebia a intimidação que alguns “catadores” tentavam me fazer. Contavam dos assassinatos, perguntavam o preço de minha máquina fotográfica, se eu tinha celular, enfim nem sempre era fácil ficar ali. Mas, à medida que ia conhecendo mais e melhor as famílias, elas também iam me mostrando os lugares mais protegidos e seguros. Geralmente, eu ficava nas barracas das famílias, sempre pela parte da manhã, pois não

⁵ Não me dei conta na época do trabalho de campo de que “pesquisadora” teria para os meus interlocutores um significado diferente daquele que eu atribuía a esta palavra. Para eles estava associada a projetos sociais ou censos, enquanto que para mim implicava investigação científica.

suportava o odor mais forte com a quentura do sol, à tarde. Dali era possível presenciar as inúmeras relações estabelecidas.

Com a convivência, comecei a perceber as relações que os “catadores” mantinham com seus interlocutores. Na estrada de Santana do Aurá, pude perceber a presença das negociações do lixo. Identifiquei os “sucateiros”, os “recicladores”, antigos moradores da área. Eles também me possibilitaram reconstituir a história das famílias e do “lixão”. Aconteceram, então, as entrevistas no entorno do “lixão”. Também observei a presença das crianças nestes ambientes, sempre trabalhando e brincando com o lixo.

Com aproximadamente um ano de trabalho de campo, indo a Santana do Aurá, em torno de duas a três vezes por semana, comecei a me questionar sobre o meu objeto de estudo. Depois de várias reflexões em sala de aula com os professores, colegas e a orientadora percebia o quão vasto era meu campo e quantas possibilidades de recorte e análise eram possíveis de serem empreendidas. No exame de qualificação do mestrado, esta situação ficou claramente evidenciada. Meu objeto de estudo é analisar antropologicamente a socialização das crianças, no contexto social das famílias que vivem no “lixão”.

Decidimos eu e minha orientadora, focalizar a análise sobre algumas famílias e suas crianças. Assim, iniciei a elaboração de um pequeno questionário (apêndice 1) que me daria o recorte necessário para estabelecer os elos explicativos da pesquisa.

Uma de minhas dificuldades foi definir, em primeiro lugar, o que é família. Digo isso, em decorrência do pouco entendimento que tive, a princípio, para estabelecer e entender as diversas configurações e arranjos familiares reproduzidos no grupo estudado. A necessidade de enquadrá-los em um modelo ou estrutura me deixava inteiramente confusa em minhas próprias classificações. Entre idas e vindas, lendo e relendo o material empírico, eis que sempre me deparava tentando encontrar uma categoria que se ajustasse aos conceitos e concepções das pessoas envolvidas na pesquisa, mas sempre os enquadrava dentro de um conceito que fazia sentido para mim. Família extensa? Recorria a Wagley (1988)⁶, quando estudou a comunidade amazônica, a Abreu Filho (1982)⁷ quando imaginava tratar-se de uma

⁶ Charles Wagley (1988) ao fazer estudo sobre a comunidade amazônica, fez trabalho de campo com 113 famílias de Itá. Segundo seus estudos, família refere-se a uma rede extensa de parentes tanto do lado do marido como da mulher. Este grupo constitui-se, segundo ele, como o centro da vida social.

⁷ Abreu Filho pesquisou famílias na cidade de Araxá, no triângulo mineiro, como possibilidade de investigar o parentesco, mas a partir de uma perspectiva metodológica tendo como base de análise a concepção de família

estrutura que incluía o compadrio como elemento de agregação à família. Em outras situações, recorria a Lévi-Strauss (1979)⁸, por entender que algumas famílias possuíam aquele modelo clássico de família nuclear.

De tanto buscar um sentido, percebi que, na verdade, estava partindo de um modelo de família cuja matriz estava completamente incorporada em minhas representações, ou seja, aquele "velho modelo", mas ainda tão atual, de família patriarcal tão bem estudado por Gilberto Freyre (2001)⁹ permeava em minhas análises. Por isso, para além de dar conta das estruturas de parentesco, procurei delinear os arranjos que constituem as relações sociais e simbólicas dos agentes que residem em Santana do Aurá. Depois de me despir do meu modelo de família, passei a utilizar a definição e a concepção adotada pelos moradores do Aurá, ou seja, uma representação que possui uma lógica a partir das redes inerentes às suas próprias condições de vida.

Em Santana do Aurá vivem duzentas e sete famílias¹⁰, mas, na primeira etapa de entrevista, meu universo se limitou a apenas cinquenta famílias. Entretanto, desse universo de cinquenta, faço entrevistas em profundidade com dez, obtendo com isso uma análise mais qualitativa dos dados.

A escolha das cinquenta famílias se deu a partir da disposição das casas, já que fiz, a princípio, contato com as famílias do início da primeira Rua do Aurá, denominada de São Cristóvão, e fui seguindo sua disposição. Quando acontecia de não encontrar ninguém da família no local, dava seqüência à casa seguinte e no final do dia, ou no dia posterior, retornava as casas que havia deixado de contatar.

interligada pelos laços de afinidade e consangüinidade. Sua análise busca dar conta do compadrio como elemento agregador do entendimento dos laços simbólicos subjacentes ao processo de organização social das famílias.

⁸ Lévi-Strauss (1979), em "O olhar distanciado", estuda família como uma estrutura social e, portanto, como fenômeno universal. Para ele, a família tem origem no casamento, inclui o marido, a mulher e os filhos, podendo agregar outros parentes. Os membros da família são unidos entre si por laços jurídicos, econômicos e religiosos, através de direitos, obrigações e regras de proibições sexuais.

⁹ Freyre (2001) estuda família como fator de colonização do Brasil e força social de organização política e econômica do país. Segundo ele, o modelo patriarcal, ou seja, aquele em que a mulher é mais submetida ao homem, onde as relações com o senhor de engenho (inserida pela casa-grande e senzala e toda a sua função simbólica) determinam as relações sociais e produtivas dos engenhos. As relações de trabalho, relações político-religiosas, da família se imbricam reciprocamente e expressam todo o patriarcalismo que predominou nas comunidades rurais, determinando o modelo econômico dos engenhos do nordeste.

¹⁰ Dado obtido pelo Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB) do Programa Saúde da Família (PSF) da Prefeitura de Belém. A concepção de família para o PSF está relacionada ao espaço doméstico diferido da concepção de meus informantes.

Com o decorrer das entrevistas, porém, houve uma mudança na ordem inicial. As famílias entrevistadas iam me indicando suas redes de relações, o que passou a direcionar as próximas famílias entrevistadas. E, não necessariamente obedeciam a um enfileiramento. A escolha das dez famílias para entrevista em profundidade se deu a partir da importância que elas demonstraram como elementos constitutivos para análise do meu estudo, pois elas pareciam possuir os sentidos explicativos necessários para a compreensão e problematização do meu objeto de estudo.

Depois de concluído este primeiro momento, selecionei dez famílias para realizar um estudo em profundidade, com o objetivo de entender suas histórias de vida, trajetórias e as relações estabelecidas no contexto do “lixão”. Este estudo me possibilitou compreender como ocorreu o processo de socialização das crianças neste contexto.

Na seqüência das entrevistas, a convivência mais de perto com estas dez famílias e suas crianças, que me possibilitou uma observação participante, ajudou-me a compreender como elas são socializadas naquele contexto específico. A perspectiva metodológica que subsidiou a pesquisa baseou-se nos atos de “Olhar e de Ouvir” (Cardoso de Oliveira, 1996). A memória destas famílias do Aurá constitui, provavelmente, o elemento mais rico na redação do texto etnográfico. Foi este o caminho que busquei para compreender a sociedade e a cultura do Outro “de dentro”, em sua interioridade.

Nos próximos capítulos, vou procurar descrever como a construção das relações sociais acontecem entre os moradores de Santana do Aurá e o “lixão” e como se constituiu historicamente esta realidade social.

CAPÍTULO 2

REPRESENTAÇÃO DO LIXO

O conceito de representação será abordado aqui no sentido estudado por Durkheim (1996) como sendo processo de construção coletiva que se constitui em categorias fundamentais do pensamento humano. O autor ao estudar as crenças totêmicas, revela tratar-se de construções inconscientes que estruturam a unidade psíquica dos indivíduos. Mas, para ele, essa unidade psíquica não é a coisa em si, mas uma construção social, de acordo com os fatos sociais de cada sociedade. A forma (no sentido de estrutura) e as idéias (no sentido de essência) constituem elementos presentes na religião, mas que podem ser entendidos como generalizações para se compreender o funcionamento das sociedades. A idéia de ciência e religião não são incompatíveis para ele, pois, se constituem dentro da mesma lógica racional, com seus elementos, regras e classificações que determinarão a organização social de cada grupo em cada cultura específica.

O lixo e suas representações é um elemento indispensável para se entender o processo de socialização das relações estabelecidas entre as famílias e as crianças com este ambiente, sendo necessário para entender o universo destas relações contextualizar o significado simbólico que o lixo assume neste processo. Descreverei a seguir os dois espaços em que o lixo se faz presente na vida das famílias e como ele vai dando contorno à vida social dos agentes

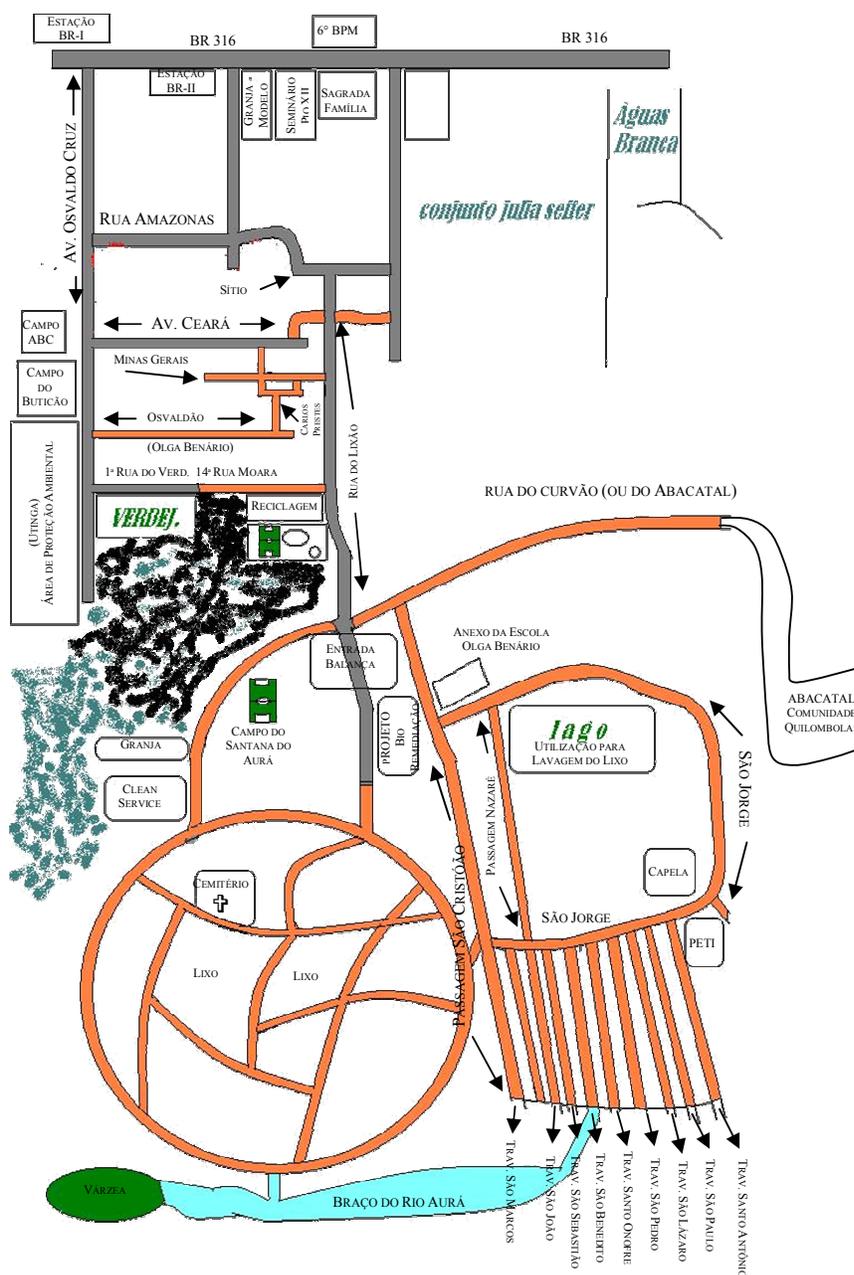
2.1 A LOCALIZAÇÃO DE SANTANA DO AURÁ

Santana do Aurá é uma área de “invasão” que fica localizada no bairro de Águas Lindas, na Rodovia BR-316. Este foi o cenário eleito para problematizar as relações entre as famílias e as crianças.

Na “invasão” vivem aproximadamente 207 famílias, distante apenas por alguns metros do “lixão”¹¹ que também é chamado de “xem”¹² pelos “catadores”¹³ (CROQUI 1).

¹¹ Lugar onde os moradores exercem suas atividades produtivas.

¹² Significa "um lugar que tudo tem e que tudo cai". “É como se fosse uma espécie de shopping” diz Bete, uma das catadoras. “Tudo que você precisa lá tem, do bom e do pior”. No Marajó, segundo informações de uma moradora da região (e colega do mestrado), “xem” é conhecido como comida de urubu. Entre as duas categorias “lixão” e “xem” existe uma hierarquia, sendo “xem”, categoria mais inferior em relação a “lixão” para os moradores de Santana do Aurá.



Croqui 1–Santana do Aurá e áreas adjacentes (Desenhado por Emerson Sarges¹⁴)

¹³ Denominação atribuída pelos moradores para quem sobrevive da catação do lixo.

¹⁴ Morador do bairro de Águas Lindas.

Ao se aproximar da estrada de Santana do Aurá, já é possível sentir e imaginar o cenário que demarca a vida das pessoas que vivem lá. Os diversos cheiros exalando parecem revelar o cotidiano e a luta incansável das pessoas para sobreviver. O cheiro de podridão, decomposição, mistura-se com a combustão de gases, dando-nos a impressão de que aquele espaço não pode de ser habitado por gente. Os urubus sobrevoando, muitos já íntimos com o ambiente, não se assustam com a aproximação das pessoas. Na estrada que dá acesso ao "lixão", as montanhas de dejetos já demonstram um cenário onde o lixo exerce um lugar imperativo no cotidiano das famílias. Homens, mulheres e algumas crianças interagem com intimidade com os papelões, garrafas de plástico, ferro, entre tantos outros objetos, representados pelo homem da cidade como lixo. Assim, observa-se que nos menores atos, na simplicidade dos acontecimentos diários, as relações entre as pessoas que convivem no Santana do Aurá vão revelando e dando sentido para a vivência entre as pessoas.

Começarei descrevendo o espaço da pequena "invasão" onde moram os "catadores" de Santana do Aurá. Para se aproximar do universo onde se estabelecem os vínculos sociais entre os moradores, é necessário percorrer um longo caminho. O acesso a esse "lugar" é difícil e, muitas vezes, perigoso. O isolamento da pequena "invasão" já nos dá a dimensão das inúmeras estratégias que cada morador ou família empreende para sobreviver. O espaço principal que serve de referência para se localizar Santana do Aurá é o "Aterro Sanitário de Resíduos Sólidos de Belém"¹⁵. Ali, fica localizado o espaço central, onde todas as relações econômicas e sociais se estabelecem. Dependendo do lugar em que cada agente se encontra, esse espaço transforma-se em ícone de significados e representações para os "catadores" e suas famílias.

Nas intermediações do Aterro Sanitário fica localizada a pequena "invasão" chamada de Santana do Aurá. Para se chegar a Santana do Aurá, é necessário superar alguns desafios: o primeiro deles, da própria estrada – de piçarra – de difícil acesso, principalmente no período das chuvas, para carros pequenos. Em diversas ocasiões, durante o trabalho de campo, meu carro ficou "atolado" ou tive que deixá-lo no escritório do Projeto de Biorremediação¹⁶ e caminhar uns três quilômetros para chegar até Santana do Aurá. O início

¹⁵ É o nome atribuído pelos técnicos da prefeitura para designar o tratamento do lixo.

¹⁶ Projeto para o tratamento de resíduos sólidos foi criado na gestão do prefeito Edmilson Rodrigues, no governo do Partido dos Trabalhadores (PT), em 1996. As atividades do projeto consistem em tratar o lixo, de forma que seja feita sua biorremediação, que segundo o antigo engenheiro da obra (Fábio Alencar) é uma técnica de tratamento do lixo, através da

da estrada já prenuncia uma paisagem diferente ou pelo menos da que se está habituado a observar na cidade. A mata, o vento forte, o canto dos pássaros, as pessoas caminhando de bicicleta ou carroça, o chão de terra batida, o cheiro de terra molhada misturado com o odor forte do lixo em decomposição, assim como a distância nos dá a dimensão do isolamento e das dificuldades de se viver ali.

O primeiro prédio a ser visualizado é o de uma pequena escola de construção recente¹⁷. Logo em seguida, é possível se avistar as pequenas casas, construídas, à primeira vista, de forma improvisada, com uma estética que denota uma “engenharia nativa”, ou seja, casas cobertas de lona, muitas construídas de barro, algumas com tábuas sobrepostas, sem uma ordenação regular, poucas janelas e portas, com um único compartimento. Ao se adentrar, percebe-se duas vias de acesso até Santana do Aurá: uma, através do pequeno lago, visivelmente contaminado, onde se encontram alguns homens e mulheres constantemente lavando “sacas de sarrapilheira”¹⁸, algumas crianças ajudando os adultos ou empinando pipa. Ao redor do lago está um amontoado de lixo, na grande maioria das vezes, sendo queimado. O forte e constante cheiro de fumaça torna, muitas vezes, insuportável a permanência prolongada lá. É possível observar caminhões, vindos de diversos locais depositarem nas proximidades do lago alguns materiais: pó de serragem, fibra de coco, pneus velhos, enfim uma variedade de dejetos, que parecem não ter utilidade nas fábricas. Já ali, é possível perceber alguns “catadores” e, algumas vezes, crianças brincando e “bagulhando”¹⁹, conforme é possível ver nas fotografias 1 e 2.

qual são introduzidas bactérias na massa de resíduos, que vão acelerar o processo de decomposição dos mesmos. Ao mesmo tempo, é feita a impermeabilização do solo para impedir a contaminação do solo e dos lençóis freáticos.

¹⁷ Construída por ocasião do "Projeto de Desenvolvimento Infantil de Santana do Aurá".

¹⁸ São sacos de fios de *nylon*, usados para armazenar gêneros alimentícios e adubos. No lixão existe uma grande comercialização dessas sacas. Alguns catadores sobrevivem exclusivamente de sua coleta ou de sua comercialização.

¹⁹ É uma expressão nativa para a atividade, atribuída pelos moradores, para separar o material que serve daquele que não tem utilidade.



Fotografia 1 – Lixo jogado próximo ao lago que circunda Santana do Aurá



Fotografia 2 – Crianças “bagulhando” no lixo próximo ao lago

Seguindo o caminho do lago, observa-se, logo em seguida, o destaque de uma pequena igreja. A pintura desgastada com tinta branca de cal denota a simplicidade do lugar. Localizada em um pequeno morro, sobressai-se na paisagem. Com letras azuis, grandes, lê-se: "Igreja de Nossa Senhora de Santana". Logo, é possível associar o nome do lugar à imagem da Santa – Nossa Senhora de Santana. Ela fica na rua principal chamada "São Jorge". Em frente a igreja fica um prédio construído pela prefeitura de Ananindeua, onde funciona o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Logo após, seguem as demais ruas, Santo Antônio, São Paulo, São Lázaro, São Paulo, São Pedro, Santo Onofre, São Benedito, São Sebastião, São João, São Marcos e São Jorge, até chegar às últimas ruas. Dali é possível

visualizar o começo e o final da “invasão” que se estende até a rua que faz interligação com a rua do lago, conforme descrevi anteriormente. Espalhadas em diversos cantos das ruas, encontram-se distribuídas quatro igrejas evangélicas: uma de madeira, as outras restantes revestidas de cimento sem nenhuma pintura. Na direção esquerda de uma das igrejas, encontra-se em seguida um espaço muito freqüentado pelas crianças, aliás, dois: primeiro a casa de um agente comunitário de saúde²⁰ que serve também de espaço para uma pequena biblioteca improvisada²¹. Lá há um quintal grande, onde todas as tardes as crianças se encontram para brincar. Em seguida, existe um amplo campo de futebol (única área livre das imediações), onde muitos eventos acontecem: atividades esportivas incentivadas pelas Prefeituras de Belém e Ananindeua e um animado jogo de futebol realizado pelas mulheres, em algumas tardes de descanso, festas juninas, encontro de jovens, entre outros.

No corredor principal até a última rua que dá acesso ao “lixão” encontram-se alguns balanços improvisados com cordas e madeira amarrados nas árvores. Também na última rua, existe um pequeno bosque, um pouco desmatado, com um banco e dois balanços, que serve de espaço de encontro de jovens e de crianças. Percebe-se claramente, a tentativa de se adequar os espaços às construções das cidades (parques, praças, ruas). Sempre é possível encontrar as crianças nesses espaços, seja brincando, subindo nas árvores ou em pequenas rodas de conversa, a relatar os acontecimentos diários, os contos de visagens, as histórias dramáticas dos freqüentes assassinatos de que elas ouvem falar, ou que muitas vezes presenciaram no “lixão”.

2.2 O “XEM” OU O “LIXÃO”

A cena dos urubus sobrevoando o “xem” traduz um cenário onde as coisas acontecem no Aurá²². Como em um mercado, o “lixão” constitui-se em um lugar, através do qual a vida vai se processando, para os catadores. As diversas negociações e trocas estabelecidas entre os muitos personagens desse contexto vão estabelecendo relações de

²⁰ Os agentes comunitários de saúde são profissionais do “Programa Saúde da Família” que passaram a ter um papel de liderança na vida das pessoas que residem na “invasão” e importante influência nas mudanças de hábitos e costumes das crianças e suas famílias.

²¹ Construída em função da ação do “Projeto de Desenvolvimento Infantil” onde funcionava uma creche, antes do funcionamento da atual escola, com o apoio da Pastoral da Criança.

²² Quando eu utilizar a palavra Aurá e não Santana do Aurá, ainda assim estarei me referindo as pessoas que vivem em Santana do Aurá, pois também é uma das formas das famílias identificarem a “invasão” onde residem.

obrigações de parte a parte, assim como, definindo os contornos e lugares de cada um, representando e constituindo-se em uma paisagem muito peculiar.

Para que se possa observar melhor essas relações, descreverei, a seguir, o cenário do “xem”, ou “lixão”(denominarei esse espaço utilizando esses dois termos) que também é chamado pelos técnicos da gestão municipal de “complexo do Aurá” (que compreende todos os lugares que mantêm relação com o lixo), uma vez que essas expressões denotam toda a representatividade simbólica para os “catadores”do significado do lugar.

Para um melhor entendimento desses lugares, contextualizarei todos os espaços do Aurá, que correspondem atualmente ao projeto de Biorremediação da Prefeitura Municipal de Belém, o qual fica localizado no Bairro de Águas Lindas, no Distrito Administrativo do Entroncamento, mais especificamente no Santana do Aurá, distante da sede de Belém treze quilômetros, distando quatro quilômetros da rodovia BR-316. É neste espaço que se recebe diariamente todo o contingente de lixo da cidade de Belém e de algumas intermediações de Ananindeua, município circunvizinho à localidade. A figura 2 mostra uma visão panorâmica dos espaços do projeto de biorremediação e da “invasão” de Santana do Aurá. Os "catadores" que moram em Santana do Aurá, direcionam-se para o “lixão” por meio da mata, já demarcada pelo trajeto freqüente dos mesmos.

O acesso até o “lixão” se faz por diversas vias, que fazem interligação com a estrada principal de Santana do Aurá. Nas intermediações do Aterro Sanitário, fica localizada Santana do Aurá, já descrita anteriormente. E, mais adiante, a comunidade quilombola de "Abacatal". O aterro é banhado pelo rio Aurá, que deságua no rio Guamá, dando acesso a outro pequeno lugarejo chamado de Várzea, onde vivem aproximadamente 50 a 60 famílias. As outras intermediações; são interligadas pelas ocupações: “Verdejante” e “Olga Benário”. Muitos moradores dessas ocupações trabalham como “catadores” no “lixão”.



Mapa 1 – Aterro Sanitário e loteamento Santana do Aurá
(Companhia de Desenvolvimento Metropolitano da Cidade de Belém –CODEM)

O projeto de Biorremediação é constituído pelos seguintes sub-projetos: "Sementes do Amanhã" – criado para atender crianças de 7 a 17 anos que trabalhavam no “lixão”, com atividades sócio-educativas, inserção na escola, entre outras. O Projeto Social – que envolve a qualificação dos catadores em outras atividades produtivas como: produção de grama, coleta seletiva de latas de alumínio, reciclagem em centro de triagem do lixo, capacitações em variadas modalidades de aprendizagem tais como: corte-costura, marcenaria, formação de cooperativa. Em 2000, se deu início às ações de um novo subprojeto, coordenado por mim, chamado de "Desenvolvimento Infantil do Santana do Aurá" por meio do Programa Saúde da Família que se destinava aos filhos dos "catadores" de zero a seis anos.

Além desses projetos, existem outras ações e programas que interagem no cotidiano das famílias e das crianças. O Programa Saúde da Família (PSF) que atende a população de Santana do Aurá e outros “catadores” do “lixão” nas ações de prevenção e promoção da saúde através dos programas de combate a tuberculose, hanseníase, hipertensão, diabetes, doença sexualmente transmissível (DST) e síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) e acompanhamento do crescimento e desenvolvimento das crianças; PET que tem como objetivo retirar as crianças do trabalho no "lixão" e uma escola de educação infantil considerada, “anexo” da Escola "Olga Benário", que fica no bairro de Águas Lindas. Também muito presente nas ações intervencionistas às famílias e crianças estão em desenvolvimento as atividades da Pastoral da Criança, direcionada principalmente à redução da desnutrição infantil. Uma outra forma de intervenção possível de se observar no cotidiano das famílias e

das crianças é a presença marcante da igreja. Existem cinco igrejas no Santana do Aurá. Uma pertencente a igreja católica, e quatro a igrejas evangélicas, sendo uma da “paz é amor”, duas da "quadrangular" e uma evangélica.

Com a atual gestão do prefeito Duciomar Costa²³, o projeto de biorremediação vem sofrendo uma série de modificações. As obras que haviam começado permanecem no mesmo estágio em que estavam: o centro de triagem não foi concluído, o tratamento do lixo continua no mesmo estágio que parou, pois o projeto anterior pretendia ampliar e melhorar o controle da poluição transformando o aterro controlado (sem a impermeabilização do solo para impedir a contaminação dos resíduos) em aterro sanitário (com a impermeabilização do solo e tratamento de líquidos e gases). O projeto de "Desenvolvimento Infantil do Santana do Aurá" não existe mais, nem tão pouco as ações de capacitação do projeto social. Também no momento não há nenhum agente comunitário de saúde atuando junto à população de Santana do Aurá.

Segundo os "catadores", o único subprojeto que permanece em atividade é o projeto "Sementes do Amanhã", entretanto sem as atividades e ações que existiam anteriormente. Percebe-se, visivelmente, o aumento significativo de crianças no “lixão” e de novos "catadores", que vêm paulatinamente chegando de outras áreas, principalmente das novas ocupações. Os relatos dos "catadores" referem os inúmeros eventos de violência e assassinatos que têm ocorrido lá, tornando o convívio com os mais antigos extremamente tenso e perigoso. Segundo eles, o tráfico de drogas e a prostituição infantil têm cada vez mais se intensificando por lá.

Almeida (2004), ao fazer uma análise sobre o serviço público com base nos estudos de Bourdieu, em uma conferência sobre a política de Assistência Social em Belém: “práticas cotidianas, novos saberes e produção do conhecimento em 2003”²⁴, refere-se a intervenção das políticas públicas como decorrente de uma lógica privatista (e neoliberal), cuja função do Estado (mínimo) é de restrição da ação de seu papel na garantia dos direitos de cidadania. Ele diz que a expressão política pública é destituída de seu sentido de ‘bem público’ para “bem privado” e que essa racionalidade se impõe como uma necessidade de desqualificar o serviço público em detrimento da lógica de mercado. Sua abordagem reflete

²³ O atual prefeito Duciomar Costa foi eleito em 2004 e faz parte do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

²⁴ Esta palestra proferida na conferência foi publicada em artigo intitulado “Solidariedades ameaçadas e a reinvenção do social”.

sobre a focalização da política governamental e a distinção entre política pública e política social (a primeira refere-se à ação governamental de desqualificação do sentido público e a segunda refere-se à funcionalização da pobreza) e a naturalização da pobreza. Seus argumentos revelam que o papel dos economistas nesse “estratogema” é definir os critérios de se estabelecer a “linha da pobreza” e decidir sobre as diretrizes das políticas e sua execução a partir de princípio operativo atrelado ao discurso da lógica financeira.

Almeida (2004) afirma que os governos de esquerda terão que conviver com essa contradição e reconstruir por dentro do serviço público novas unidades de mobilização social, de forma que os agentes sociais possam ter espaço de interlocução e diálogo, dando vazão a uma nova competência, não burocratizada e tecnocrática, mas que considere as práticas e as experiências de vida concreta dos agentes sociais. Almeida (2004, p. 50) exemplifica como uma dessas experiências a organização dos "catadores" de lixo no Aurá, dizendo que:

“No caso dos catadores de lixo, aquilo que era considerado desprezível, que provoca nojo – que é o trabalho das pessoas com os 'restos' da sociedade de consumo - torna-se uma identidade coletiva traduzida por um movimento organizado e reivindicativo. Pela ação política inverte-se o sinal negativo dos estigmas, fazendo deles uma ação afirmativa”.

Ao que parece, os projetos de governo da gestão anterior não tiveram a sustentabilidade nem a força afirmativa necessária para alterar a realidade dos "catadores" e nem dos modos de se operar as ações de governo, haja vista que a decisão do atual gestor de não dar continuidade(pelo menos, da forma metodológica como vinham acontecendo) a muitos projetos já bastante incorporados ao dia-a-dia das famílias não provocou nenhuma ação reivindicativa dos "catadores" pela sua continuidade. Tal situação pode decorrer dos argumentos anteriormente abordados por Almeida (2004), pois pelo que se observa, a capacidade das ações de governo de criar uma lógica que permita se fortalecer espaços de interlocução com os agentes sociais ainda se fazem frágeis perante o que Almeida (2004) chama de “estratogema” da política neoliberal.

2.3 DO “CURVÃO”²⁵ AO “LIXÃO”: MEMÓRIA E RECONSTITUIÇÃO DA PAISAGEM

O livro de Rubem Alves (2003) “Quando eu era menino” retrata a memória do autor de sua infância e de sua vida na roça. Nessa obra valiosa, ele reconstrói toda a sua

²⁵ Significa lugar onde se tira terra e fica um vácuo no terreno. Mas no dicionário do Aurélio a palavra não foi encontrada

história de vida para suas netas. Ele fala da vida simples no interior de São Paulo, onde a vida acontecia sem pressa, sem as tecnologias e o consumo que existem hoje.

Com base nessa obra, pretendo reconstituir a história de Santana do Aurá, através da memória²⁶ de antigos moradores e freqüentadores do local. O resgate de uma época, que parece não existir mais, pelo menos na perspectiva da realidade concreta, demonstra as diversas paisagens presentes no imaginário e nas representações dos moradores e das pessoas que conviveram e ainda convivem com esse cenário onde as lembranças da antiga paisagem são permeadas pela presença do lixo.

Seu Magalhães, um sucateiro de 61 anos de idade, recorda de sua juventude no Santana do Aurá. Conta que, em 1980 chegou lá por conta do acaso, pois veio buscar uma balança e percebeu o movimento. Já vendia ferro, alumínio, bateria e chumbo na Marambaia²⁷, assim como comprava osso para fazer farinha de osso e vender na Cremação²⁸. Diz seu Magalhães, que era lá que o “lixão” funcionava. Chamava-se “Forno da Cremação”. Como esclarece meu informante:

“Vim para Belém como imigrante, jogado em cima do navio. Eu tinha dez anos, mas naquela época se respeitava pai e mãe, vim com meus dez irmãos, correndo da seca do nordeste. Comecei a trabalhar muito cedo, ajudava meu pai, que era agricultor e depois no curtume²⁹. Quando vim morar aqui na estrada do Aurá, eu já tinha minha família. Comprei um terreno de invasão, na estrada de Águas Lindas. Aqui perto tinha uma piscina de água natural, era uma maravilha! Foi fundada em 1958, por uma sociedade de Águas Lindas. O lixão já existia há dois anos, mas era muito diferente. Na época era chamado de curvão porque as pessoas tiravam terra para fazer piçarra. Daqui saiu muita terra para as ruas de Belém, vinha aqueles caminhões e levavam. Essa rua do Santana do Aurá era só mato, bem arborizado. Tinha um grande terreno da Granja Modelo. Lá se fazia plantação de árvore para arborizar a cidade, isso é do tempo do Antônio Lemos. Era uma área muito grande, tinha até cacaiá³⁰, daí se tirava madeira nobre. No lado de cá era um terreno dos correios, que funcionava como área de lazer para os funcionários. Foi no terreno da Granja Modelo que o lixão começou. As pessoas começaram a jogar o lixo, começou de Belém, era um terreno abandonado, cheio de buracos porque se tirava a terra. Aí o povo começou a jogar os

²⁶ O termo memória será utilizado aqui no sentido estudado por Pollak, para quem a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo. Para maiores esclarecimentos, consultar: POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". IN: *Estudos Históricos*. São Paulo: Revistas dos Tribunais, v.2, n.3, 1989.

²⁷ Bairro de Belém próximo ao bairro de Águas Lindas onde se encontra Santana do Aurá.

²⁸ Outro bairro da cidade de Belém que possuía um incinerador de lixo à época.

²⁹ Para Seu Magalhães é o lugar onde se prepara o couro de boi para fabricação de sapato.

³⁰ Espécie de arbórea, considerada nobre naquela área.

bagulhos. Foi assim que o lixão começou, depois o povo foi chegando, uma invasão, depois outra, cada vez mais gente. Depois o lixão da Perimetral³¹ passou pra cá. Aí o povo não tinha emprego, começou a bagulhar no lixão, e cada vez mais veio chegando gente. Viram que o lixo dava resultado e foram ficando por aqui” . (o grifo é meu).

Através da revivescência de seu Magalhães, é possível estabelecer algumas relações importantes, que foram dando o contorno às mudanças e transformações das paisagens³² no Santana do Aurá. Assim, através de sua memória percebe-se a construção de laços, de sua própria história, o modo como as relações foram se formando. A história desse interlocutor é uma em meio a muitas, que retratam um lugar do passado e de uma vida feliz. A vida calma, a tranquilidade da natureza, a arborização, os igarapés naturais, enfim, fala-se de um tempo em que as famílias sonhavam com uma vida melhor. Cada um trazia nas malas, a esperança de encontrar em Belém um lugar bom para se viver. Vieram: cearenses, maranhenses, baianos, famílias completas, mulheres sozinhas, homens jovens, pessoas fugindo da fome e da miséria, gente do interior ou de diversos bairros de Belém, à procura de emprego e de casa própria. Foram ficando nos arredores do “lixão”, na época “invasões”, como fala seu Magalhães. Não tinha o trânsito, nem a competição de hoje, “dava para todo mundo bagulhar”, como ele relata. Algumas famílias ainda viviam da roça³³, outros tinham carvoaria, mas também existia uma pedreira, que aos poucos foi dando lugar ao “lixão” de hoje.

Segundo seu Magalhães, onde funciona o Aterro Sanitário, existia um pequeno povoado³⁴, mas depois passou a funcionar o lixão. Ele relata que essa medida foi tomada no Governo do Jader Barbalho³⁵. Na época, ele fez um convênio e desapropriou a terra. Comenta que no governo de Hélio Gueiros³⁶ houve a mudança do "lixão" (chamado pelos catadores de

³¹ Estrada situada na parte periférica da cidade de Belém.

³² De acordo com Eric Hirsch e Michal O’Hanlon (1995). o termo paisagem, sob o ponto de vista antropológico, se assemelha a assuntos basilares da antropologia do ritual, havendo um efeito participativo na vivência do etnógrafo. Referem que, a forma de ver a paisagem decorre de construções internas, sendo, portanto, uma construção social e cultural. Para Keesing (1982) citado por esses autores a “[...] paisagem é marcada pelo que você conhece da história. História da infância, do passado, construída pela história transmitida”:

³³ Pequeno terreno, utilizado pelas famílias para fins de plantação e cultivo de verdura e plantas medicinais, assim como se destinava à criação de animais domésticos e atividades de carvoaria. Das famílias pesquisadas em torno de 40% praticavam pelo menos uma dessas atividades. Essas práticas, mesmo com mudanças significativas na organização do cotidiano e nas relações de trabalho dos "catadores" persistem.

³⁴ O povoado de que fala seu Magalhães era chamado de Santana do Aurá. As famílias foram remanejadas desse espaço para o terreno da família Begot, que passou a se chamar também de Santana do Aurá (e possui esse nome até hoje).

³⁵ Jader Barbalho foi Governador de Belém por dois mandatos, de 1983 a 1986 e de 1991 a 1994.

³⁶ Hélio Gueiros foi governador de Belém de 1987 a 1990 e prefeito de 1993 a 1996.

curvão) do terreno da Granja Modelo para o local onde se localizava a antiga Santana do Aurá.

“Era um lugar muito bom de morar, onde hoje é o 'lixão'. Tinha uma igreja, um colégio, comércio, as casas eram de alvenaria, era tudo em cima, porque em baixo era tudo várzea. As pessoas tinham roça, dava muito peixe, vivam da agricultura, plantavam e viviam bem. Nessa época, não tinha bandido como tem hoje. Aqui, agora mora só marginal malandro. O governo não age. Tem muito traficante, aqui se usa muita droga. Eles roubam tudo: cobre, metal e alumínio. A malandragem está junto com a polícia [...] onde é o Santana do Aurá era um terreno da família Begot. Para lá é que as famílias do antigo Santana do Aurá foram remanejadas, junto com umas famílias de uma área de Belém (acho que era do Guamá³⁷). Depois, de outros lugares, principalmente do Maranhão, eles vieram sabendo onde era o 'lixão' e foram chegando. No Maranhão o 'lixão' é fechado, o povo veio pra cá”.

Relatos como esses demonstram como as relações no Aurá foram se modificando. Aos poucos, o contingente de pessoas que iam chegando, alteravam paulatinamente as relações e, com isso, a própria paisagem. A imagem de um lugar pacato e tranquilo foi, pouco a pouco, atraindo novas famílias que, impulsionadas pela vida difícil na cidade, procuravam no Aurá meios de sobreviver e viver. As ocupações, conforme relato de antigos moradores, foram aumentando a cada dia. O “Verdejante”, “Pau Te Acha”, “Boa Esperança”, enfim, a cada família que chegava, os nomes das ocupações iam traduzindo e nomeando os sonhos e a realidade de vida de cada uma delas. O contorno da paisagem também se modelava a esses sonhos e realidade, alterando-se, conforme as experiências e inserção das pessoas a nova situação. No lugar da mata e dos igarapés, as famílias iam se alojando e acomodando seus barracos e pertences, todos na busca desesperada de encontrar meios de subsistência. O relato de Dona Maria Preta, moradora antiga do Aurá, retrata um pouco desse universo:

“Eu sou cearense, vim por esse mundo de meu Deus, sozinha, só com a coragem. Lá eu trabalhava em roça, junto com o marido. Meu marido foi pro Maranhão e eu vim pra cá. Ouvi notícia de que aqui era bom. Vim trabalhar na casa de um radialista, Clodoaldo Soares. Um amigo baiano que me trouxe pra cá. Na época, vim com os três filhos. Logo que cheguei empreguei os meninos todinhos em casa de família, era bom, não pagava aluguel e todos comiam todo dia. Depois, me cansei dessa vida, e me falaram que no Aurá era fácil encontrar terreno. Vim pra cá, junto com o povo do Guamá, lá do Riacho Doce e arrumei uma terra boa O 'lixão', já existia onde é hoje, mas aqui, no Santana, era tudo diferente. As casas eram uma aqui, outra acolá, era tudo com lamparina. Nós fazíamos novena, ia de casa em casa. As casa, na maioria, era de taipa, de plástico, de papelão. Cada um fazia como podia. Muita gente, morava no 'lixão', era mais fácil. Na época, isso foi em 1982, eu fazia farinha d'água e vendia, tinha uma roça. Plantava mandioca e gergelim. Eu nunca me dei com o 'lixão', aquele mau cheiro. Meu marido de hoje trabalha no porto.

³⁷ Bairro periférico de Belém.

Hoje, até criança trabalha lá, antigamente as crianças viviam naquela vida. Era ruim, assim na hora de uma doença porque era tudo longe, não tinha transporte, telefone, posto de saúde, mas elas brincavam com o mato, flor, planta, era assim que elas viviam, correndo por aí. Tinha igarapé, frutas. Hoje está tudo contaminado, a água não é da boa, é lixo por tudo quanto é canto. O lixo tomou conta de tudo”.

Percebe-se assim, que a paisagem no Aurá foi se constituindo e sendo representada pelos moradores de lá, de acordo com a presença e representação do lixo. O lixo parece demarcar as relações entre os diversos personagens que interagem entre si e dão vida as suas relações.

Os estudos de Eric Hirsch e Michael O’Hanlon, me possibilitaram descrever melhor essas relações e as representações da paisagem. Segundo o autor a descrição da paisagem transita entre dois pólos: do etnógrafo e dos nativos, pois a imagem que se cria entre ambos demarca uma representação mediadora do sentido interpretativo das relações concretas. Ao buscar, entre esses dois universos (do etnógrafo e do nativo), reconstituir, através da memória, fragmentos de uma história, transmitida e vivenciada pelos antigos e atuais moradores de lá, quero demonstrar que a paisagem não é uma construção estática, mas que se refere um processo relacional (no domínio do real ou do imaginário). Assim, entre o imaginário e a realidade, as imagens idílicas de uma paisagem tranqüila, pacata e bela, ressurgem nesse universo, representando relações e vivências, que desenharam o espaço atual. Hoje, o lixo no Aurá reconstrói um cenário, onde as relações foram tomando forma e dimensão muito particular. A absoluta dominação dos espaços pelos trajetos do lixo foi constituindo e reconstituindo a história de muita gente, mas certamente, demarcando um lugar, criando laços, onde novos arranjos e modalidades de viver foram dando inteligibilidade para as relações. O contraste entre o lixo e a imagem da “mata intocada” retrata a presença imperativa da cultura, que através da rede de relações, foi dando sentido e marcando, no aqui e agora, um lugar referencial e identitário para a população que vive lá.

2.4 O TRAJETO DO LIXO: SIGNIFICADOS DO CONSUMO

Podemos a partir da observação do uso do lixo e de seu percurso discorrer sobre a lógica do consumo nos diferentes grupos de pessoas. Analisar a partir do lixo, o consumo pode parecer algo paradoxal. Mas compreendendo que a leitura do contraste é uma tarefa afeita a antropologia nos parece lógico e racional buscar a partir do seu oposto ou o que

aparentemente não tem valor de uso (o lixo) restituir às diversas formas de conceber o consumo e de lhe atribuir valor e significado

Antes de o lixo chegar ao “lixão”, ele passa por um longo percurso. Sai dos espaços em que se organiza a vida social das pessoas, em sacos plásticos, lixeiras ou simplesmente jogados a “céu aberto” nas portas das residências ou em muitas esquinas e canteiros da cidade. São recolhidos pela coleta urbana, organizada pela Secretaria de Saneamento Municipal. Existem na cidade muitos trajetos do lixo, entretanto, me deterei sobre apenas o percurso do lixo realizado pela coleta municipal por me permitir estabelecer os elos explicativos para percebermos como o lixo passa por várias formas de seleção até chegar ao “lixão”.

O lixo doméstico e o considerado lixo urbano, oriundo de material seco como: plástico, papelão, alumínio, cobre, metal entre outros é recolhido pela coleta urbana regularmente. Entretanto, observa-se também a compra do lixo seco pelos sucateiros³⁸, já bastante numerosos na cidade, pois são objetos de maior valor no mercado.

O lixo biológico (descartado pelos serviços de saúde privados) possui uma coleta diferenciada, pelo menos de acordo com o que determina as normas da Secretaria de Saneamento, pois eles deverão ser coletados e incinerados sob a responsabilidade de cada serviço, com exceção do lixo hospitalar dos serviços de saúde pública, que são coletados por um serviço especial da prefeitura, mas que também deverá ser incinerado em local separado no “lixão”.

Há, entretanto, uma prática que parece ser mais recente, ou pelo menos mais evidente nos últimos quatro anos, ou seja, a coleta e separação do lixo (seco) por catadores nos portões de grandes prédios, empresas e condomínios (de casas ou de edifícios) antes de ser realizada a coleta pelos caminhões da prefeitura³⁹.

Após o lixo ser recolhido pelos caminhões da prefeitura ou por diversos agentes nesse percurso, de acordo como vimos anteriormente, ele finalmente chegará ao “lixão”. O trajeto por onde o caminhão de lixo passará será o mesmo de todos os caminhões - a estrada de Santana do Aurá. Por ali a paisagem já traduz muito do destino e utilização do lixo no Aurá. Chegando ao portão do “Projeto de Biorremediação de Resíduos Sólidos de Belém”, os

³⁸ O sucateiro que me refiro aqui se diferencia da categoria “sucateiro” definido pelos “catadores” do Aurá.

³⁹ Talvez isso decorra das ações de experiência da coleta seletiva implantada em Belém em alguns bairros da cidade.

caminhões são compulsoriamente obrigados a parar e pesar o lixo na balança (segundo o engenheiro do projeto para que se mantenha o controle da biorremediação). O lixo é pesado e liberado para ser depositado nas células⁴⁰ do “lixão”. Porém, antes de ser direcionado às células de lixo, ele novamente passa por uma outra seleção. Segundo relato de alguns “catadores”, a Cooperativa de Trabalho dos Profissionais do Aurá (COOTPA)⁴¹, seleciona os melhores lixos ali. Fazem suas negociações com os técnicos da própria administração do projeto e separam o lixo mais rentável comercialmente ou o lixo que poderá ser consumido em casa: alimentos vencidos, roupas e objetos domésticos.

O lixo saindo da cidade como símbolo e significado da vida de consumo⁴², chega ao “lixão” sem classificação. As referências, que lhe deram sentido e utilidade em casa, nas escolas, nas fábricas, nas ruas, enfim, chegam ao Aurá sem valor e função. No “lixão” do Aurá, o lixo da cidade se apresenta sem classes, sem nomes, sem identidade. O lixo que saiu das casas, com significado e marcação⁴³, chega ao “lixão” sem história e sem inteligibilidade. O ritual de uso e de consumo de cada objeto perdeu sua função classificadora e demarcadora de lugar. No “lixão”, novos sentidos serão construídos e simbolizados.

Os caminhões chegando com o lixo na caçamba no “xem” parecem trazer uma massa uniforme, seu odor forte parece atrair os “catadores”, ávidos por recebê-lo. Ao chegar no “xem”, os “catadores” estão aguardando o lixo que servirá de consumo⁴⁴ para as famílias, porém, ao serem derramados sobre o chão, os “catadores”, “bagulhando”, vão classificando-os. Nesse momento, o espaço não é ainda demarcado, ele é uma só coisa, e todos estão juntos: as crianças (maiores ou menores), as mulheres (casadas, solteiras, jovens ou não), os homens,

⁴⁰ Célula é um termo técnico utilizado pelos engenheiros do projeto onde são preparadas as camadas de terras sobrepostas sobre o lixo e feita a impermeabilização do solo, além da introdução de bactérias, de forma a acomodar o resíduo em decomposição e possibilitar a drenagem dos gases e líquidos (chorume) poluentes.

⁴¹ A Cooperativa de Trabalho dos Profissionais do Aurá - COOTPA foi criada com o apoio da gestão do prefeito Edmilson Rodrigues, em 2001.

⁴² De acordo com Mary Douglas & Baron Isherwood (2004), o consumo é integrante da vida social e sua função é mediadora, pois, como símbolo, traduz as diferentes formas de relações sociais. Segundo os autores os bens, o trabalho e o consumo têm sido vistos como elementos separados da totalidade do esquema social. Em razão disso eles têm sido interpretados de forma parcial e inter-relacionados unicamente a lógica econômica..

⁴³ Mary Douglas e Baron Isherwood (2004) dizem que os padrões de consumo revelam padrões da sociedade. Entendem assim, que os bens funcionam como **marcadores** de papéis sociais, são eles, pois, sistemas de rituais recíprocos, que dão inteligibilidade e significado aos acontecimentos e à interação social. Nesse sentido, são comunicadores, códigos, que traduzem a vida social e cultural de cada sociedade em particular. Nesse aspecto, cabe buscar o entendimento, do ponto de vista dos moradores, do significado e sentido do lixo para eles.

⁴⁴ O consumo para os catadores adquire um outro valor. Perceberemos mais claramente os significados do consumo do lixo para os catadores quando falarmos mais adiante sobre o ritual, pois através desse processo, é possível perceber como os catadores vão fixando seus significados simbólicos, pois por meio desse processo, vai se traduzindo e inscrevendo o sentido cultural das relações sociais desses agentes. As regras morais, os valores, o sentido de cada coisa ou objeto vai se constituindo dentro de um esquema mental classificatório.

(novos ou velhos), enfim, cada família buscando coletar e encontrar um bem, que servirá de consumo ou será útil em casa. : a dinâmica do lixão é representada na fotografia 3.

A partir desse lugar, começa o processo de classificação do lixo: “pet” (garrafa, plástico, “quiboa”, vidro de xampu, para um lado); “*rider*”⁴⁵, borracha, para um lado ; plástico fino fica em separado; plástico duro também. Roupas, madeiras, objetos de decoração, utensílios domésticos e comidas ficam armazenados em lugar protegido, pois esses não serão negociados com os “sucateiros”, terão um outro destino. Irão servir de consumo em casa. Esses produtos passarão por um processo ritual ⁴⁶ que possibilitará uma nova ordem e função para cada objeto em casa.



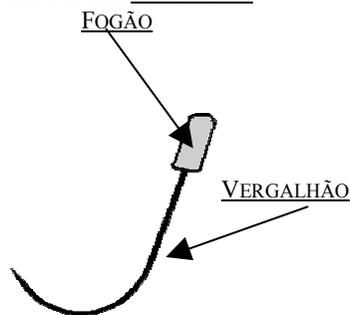
Fotografia 3 – Catadores “bagulhando” lixo

⁴⁵ Rider significa para os catadores, sandália de borracha do tipo havaiana.

⁴⁶ Mary Douglas (1966) estudou a cultura de diversas sociedades tentando entender o universo das regras que regulam a noção de pureza ritual, estabelecendo relação com a vida religiosa entre as sociedades primitivas e modernas. O enfoque que ela enfatiza em seus estudos parte da noção de que a impureza é essencialmente desordem, na medida em que está associada à ausência de forma e função. Entretanto, busca contextualizar essa noção a partir da idéia de que pelos nossos gestos eliminamos aquilo que nós associamos como contagioso e perigoso. Mary Douglas diz que esses atos são essencialmente religiosos e que, portanto, são crenças que reforçam os constrangimentos sociais e, ao mesmo tempo, estabelecem a ordem ideal da sociedade. Entendendo que as crenças acerca do perigo transportam uma carga simbólica e que, de uma forma ou de outra, estabelecem limites dentro da esfera do que é considerado sagrado e profano é que a noção de poluição adquire significado. Esses elementos (ordem e desordem, sagrado e profano, pureza e poluição), assumem para ela um sentido que exprime a vida social.

A organização do trabalho dos catadores parece reproduzir o trabalho em qualquer empresa. Eles estão todos equipados, saíram de casa cedo, vestiram-se adequadamente para enfrentar a dura jornada de trabalho. Parecem uniformizados: calças compridas, blusas de manga comprida, camiseta por cima, pano na cabeça, uns com boné ou chapéu, tênis ou bota, o “gandame”⁴⁷ e o “saco de sarrapilheira”. Se for à noite, a poranga⁴⁸ faz parte de seus apetrechos. Assim, os principais instrumentos de coleta do lixo já estão apostos. Na figura 2 e 3 é possível observar o “gandame” e a “poranga” que são construídos pelos próprios catadores. A partir daí começa uma competição acirrada pelo melhor produto. A disputa por cada objeto se dá frequentemente de forma muito conflituosa, pois o número excessivo de catadores, a redução da qualidade do lixo, a falta de controle das pessoas que entram no “lixão” têm tornado cada dia mais difícil a convivência por lá. A agilidade e experiência são fundamentais nessa hora, por esse motivo as crianças maiores de dez anos, aproximadamente, se arriscam por cima dos caminhões para alcançar mais rapidamente os melhores produtos, conforme será exposto adiante, uma vez que o tempo de descarga do caminhão é muito rápido, pois logo em seguida vem o trator com uma carrada de terra a cobrir e aterrar a “célula” que será impermeabilizada para a decomposição do lixo.

TUBO DE FERRO REVESTIDO COM
BORRACHA DE RELÓGIO DE



Confecção do gadanho

Material

- um pedaço de vergalhão (50 cm)
- um pedaço de borracha de fogão (10 cm), para revestir o cabo;
- um pedaço de tubo de ferro (10 cm), para o cabo.

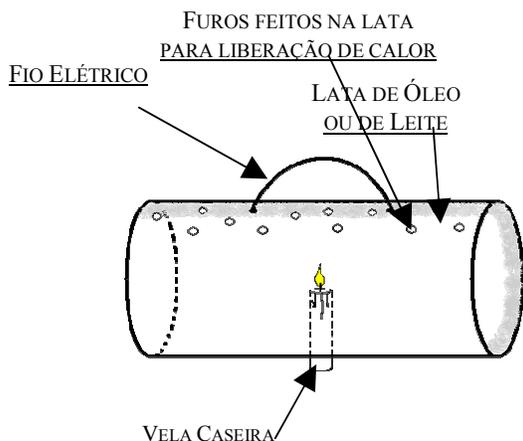
Confecção

- soldar o pedaço de vergalhão ao pedaço de tubo;
- entortar a ponta do vergalhão em forma de anzol;
- afinar a ponta do vergalhão;
- revestir o cabo com a borracha de fogão.

Desenho 1 – Gadanho: instrumento artesanal de coleta de lixo
(Desenho de Emerson Sarges)

⁴⁷ Instrumento de ferro que se assemelha a um gancho, feito artesanalmente pelos catadores. No dicionário de Buarque de Holanda (1986) a palavra é chamada de gadanho e significa espécie de ancinho.

⁴⁸ Poranga, segundo Maués (1999), é um utensílio substituto da lanterna, utilizado pelas populações indígenas (grupo Anambé, fala Tupi) e populações ribeirinhas do Rio Moju da Amazônia paraense, na atividade da caça noturna. De acordo com Maués, o utensílio possui diferentes formatos, sendo a mais simples semelhante a lamparinas ou pequenos recipientes de lata que contêm óleo ou querosene, mergulhados por um pavio que, ao acender, fornece luz de baixa luminosidade. Entretanto, no Aurá, os “catadores” criaram uma forma que me parece mais simples e econômica, já que a forma artesanal como são produzidas já demarca o universo das práticas dos catadores.



Desenho 2 – Poranga: lamparina caseira
(Desenho de Emerson Sarges)

Confecção da poranga

Material

- uma lata (manteiga, óleo, etc.);
- um pedaço de fio elétrico (40 cm);
- uma vela “artesanal”.

Confecção

- abrir a lata e entortar as bordas para dentro;
- fazer vários furos no fundo da lata;
- fazer dois furos um em cada extremidade, para amarrar o fio elétrico que será a alça;
- fazer um furo ao centro da lata na parte contrária à alça, será o suporte da vela.

Confecção da vela:

- recolher a cera do cemitério e derreter novamente;
- enterrar pedaços de chapas de raios x no chão em forma de cilindro para servirem de forma;
- despejar a cera derretida nos cilindros;
- após 20 a 30 minutos está pronta a vela.

Algumas vezes, por acidente, os tratores cobrem os próprios “catadores”⁴⁹, conforme eles relataram.

Para entender melhor a dinâmica do trabalho no aterro é necessário antes percebermos como se dá a organização das famílias no “lixão”. O trabalho no aterro envolve todo o grupo doméstico, havendo divisão de tarefas e distribuição de horários. Para algumas famílias, à mulher parecem caber as atividades de maior agilidade, pois segundo alguns relatos, são elas que demonstram “mais esperteza para catar os bagulhos”⁵⁰. Alguns maridos, ora ficam com as crianças em casa, principalmente à noite, ora consertam os materiais coletados no aterro para terem uma utilidade e função em casa ou fazem contato com o “sucateiro”⁵¹ para vender o ferro que está acumulado em casa ou reservado nas barracas no “lixão”. Porém, outros homens (ou os que não ficam em casa cuidando de outras atividades)

⁴⁹ Em muitas entrevistas ouvi relatos de pessoas que ficaram soterradas, se acidentaram ou que têm muito medo de que isso ocorra com os seus filhos, pois os tratores e caminhões que entram e saem do “lixão” não se preocupam em garantir a segurança dos “catadores”. Ao entrevistar o engenheiro sobre isso, ele me respondeu: “não adianta falar que não pode ficar perto ou em cima do caminhão, eles continuam, eles fazem qualquer coisa para pegar o lixo, então os motoristas têm que fazer o trabalho deles”.

⁵⁰ Denominação atribuída pelos catadores ao lixo.

⁵¹ Pessoa que compra o lixo dos catadores-

catam o lixo como os demais que estão ali. Os filhos (muitas vezes, ainda crianças) compartilham as tarefas: ajudam a ensacar o material no aterro para vender ao “sucateiro”, cuidam dos irmãos mais novos, na ausência do pai e da mãe. As crianças, principalmente as meninas, podem colaborar na coleta do lixo que se direciona apenas a alguns tipos de materiais, como “*rider*” e alumínio, pois são os “bagulhos” mais fáceis e acessíveis para as crianças alcançarem, conforme relatos de alguns pais.

Assim, toda a rotina e o dia a dia dos grupos domésticos são organizados em função do trabalho no lixo. As atividades começam às quatro horas da manhã e terminam às dezoito horas, para um grande número de famílias ou para aqueles que não dormem no “lixão”, ou ainda para os que não passam a semana toda lá. Aos sábados e domingos, o trabalho é mais intenso, pois são os dias, ou melhor, as noites de maior concentração de caminhões e, portanto, de lixo no “xem”. O tempo para o lazer e o descanso é muito pequeno, geralmente no domingo de manhã ou de tarde, horário em que algumas famílias vão à igreja, visitam algum parente em Belém (os que têm parentes morando aqui), ou freqüentam o bar do Mário, que tem uma pequena piscina improvisada, jogam bilhar, bebem cachaça e os que não trabalham à noite, ficam para a festa que entra pela madrugada.

No contorno do “lixão”, o espaço começa a ser delimitado, demonstrando as várias formas de organização e os diferentes papéis dos agentes. No entorno das células de lixo estão à espera dos dejetos coletados pelos “catadores” os “sucateiros”, preparados com suas balanças para esperar a hora certa para comprar e dar um outro destino e significado ao lixo. Próximos aos “sucateiros” encontram-se os vendedores ambulantes de comida, dispostos a sobreviver do pouco que os “catadores” conseguem coletar. Eles trocam comida por dinheiro ou lixo (dependendo do objeto que servirá de troca). O quadro 1 descreve a construção dessas diferentes categorias de forma detalhada. Também a espera das “sacas de sarrapilheira”, estão os “saqueiros” que após efetuar a compra diretamente do “catador”, levam-nos para lavar no lago de Santana do Aurá e os revendem para os donos de granja. Na fotografia 4 é possível visualizar a disposição dos agentes.



Fotografia 4 – A organização e disposição dos agentes ao redor do “lixão” (foto:UNICEF)

“CATADOR”	Pessoa que tem como atividade “bagulhar” no “xem”.
VENDEDOR DE COMIDA	Pessoa que comercializa pequenos lanches, muitas vezes, “bagulhados” no lixo e preparados para o consumo.
“SAQUEIRO”	Pessoa que compra “saca de sarrapilheira” do “catador” e vende para os proprietários de granjas.
“SUCATEIRO”	Pessoa que compra do “catador” o material que foi “bagulhado” no “xem” pelo “catador” e tem valor de compra ou troca para o “sucateiro”.
COOPERATIVA	Grupo de “catadores” que se organizaram com o apoio da Prefeitura de Belém e montaram a cooperativa para negociar e vender o lixo diretamente para as empresas de reciclagem e dividir o lucro coletivamente sem a intermediação do “sucateiro”.
“RECICLADOR”	Pessoa que é contratada por uma empresa ou pelo “sucateiro” para separar o lixo já comprado diretamente do “catador” ou “sucateiro”, para limpar, separar em sacos e armazenar o mesmo para exportação.

Quadro 1– Construção das categorias nativas

A alguns metros dali, estão as barracas das famílias, cobertas de plástico apenas, sem conforto nenhum, servindo somente para guardar o material coletado e acomodar os membros das famílias, que por algumas poucas horas precisam descansar para continuar enfrentando a dura jornada de trabalho sob sol ou chuva. Nessas barracas as famílias podem se agrupar com amigos e vizinhos, ou ficarem sozinhas. Essas barracas servem para acumular

o lixo que será vendido para os “sucateiros” ou também como abrigo para as famílias⁵². Veja a seguir na fotografia 5 o formato das barracas:



Fotografia 5 – Barraca das famílias do lixão que serve para abrigo e armazenamento do lixo coletado

Ligy Sigaud (2002) em sua obra "Lonas e Bandeiras em Terras Pernambucanas" descreve, através da captação de imagens fotográficas, as aglomerações de barracas em acampamentos para desapropriação da terra com o objetivo de se conseguir a reforma agrária. Tais barracas em muito se assemelham às barracas montadas no “lixão” para acomodar as famílias e o lixo coletado durante o dia e a noite. A idéia de provisoriedade tão marcante nos acampamentos do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST se mostra também presente no "lixão" do Aurá. A relação com a demarcação de território torna-se impossível de não se fazer entre os catadores e os trabalhadores rurais sem terra.

Observando a seqüência do trajeto do lixo, percebe-se que após ter chegado ao “xem” e ter sido “gandanhado” pelo "catador", ele é separado e guardado em suas barracas, por tipo diferente de produto, em “sacas de sarrapilheira”. É nesse momento que se inicia o processo de negociação entre o “catador” o “sucateiro” ou “saqueiro”. Muitas vezes, também a negociação se faz com a cooperativa de “catadores”⁵³, que só compra de quem é cadastrado

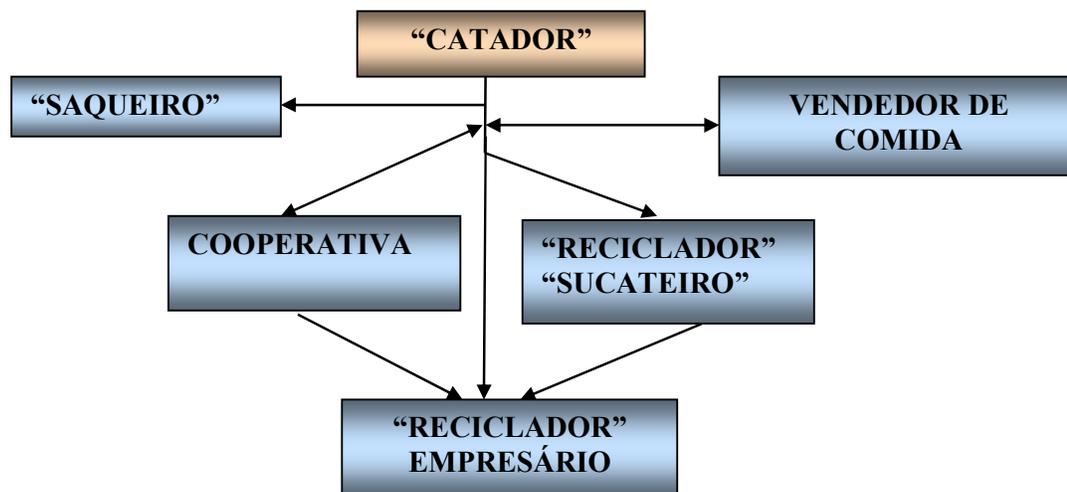
⁵² Existem muitas famílias que passam a semana toda no “lixão” se revezando com uma ou outra pessoa da família, para garantir o sustento diário. Assim como existem famílias em que apenas o companheiro passa a semana lá, sendo que, os demais membros da família como filhos e companheira vão apenas durante o dia ajudá-lo a "bagulhar" ou levar-lhe água e comida.

⁵³ Existe um projeto não concluído para implantar um centro de triagem, onde os catadores, em cooperação, pudessem selecionar e coletar o lixo em esteiras, a partir da coleta seletiva na cidade.

na cooperativa⁵⁴. Entretanto, os "catadores" negociam com ambos. Depois de pesado, o "produto", inicia-se a negociação com o "sucateiro", sendo o pagamento imediato ou feito semanalmente, conforme o acordo entre as partes. Pode haver, também, uma espécie de "aviamento", em uma pequena taberna (dependendo dos laços de confiança entre os "catadores", "sucateiros" e comerciante da taberna), onde o comerciante da taberna tem autorização do "sucateiro" para adiantar mercadorias para algumas famílias como pagamento do lixo coletado e vendido pelo catador ao "sucateiro". No diagrama 1 esse fluxo pode ser melhor visualizado.

Após a negociação, inicia-se um novo trajeto do "produto". Cada "sucateiro" tem seu galpão instalado na estrada de Santana do Aurá, com seus funcionários "recicladores" e suas máquinas para imprimir e reorganizar o "produto" novamente. É possível perceber durante todo o percurso da estrada de Santana do Aurá a presença absoluta do lixo. Cada "sucateiro" e cada empresário armazenam em depósitos ou galpões o lixo já selecionado. As montanhas imensas de latas de alumínio, papelão, garrafas "pet" e ferro vão dando o contorno da paisagem e, mais particularmente, revelando o sentido das relações ali estabelecidas. As fotografias 6 e 7 mostram a disposição do lixo e seu armazenamento na estrada de Santana do Aurá.

⁵⁴ Muitos catadores afirmam que não vendem para a cooperativa porque não confiam nas pessoas que estão à frente de sua organização. Afirmam que eles levam vantagem sobre os outros e que, ademais, não compartilham com todos os "catadores" dos meandros dos negócios. Também se ressentem de esperar a semana toda para receberem seus pagamentos, pois a necessidade diária de adquirir alimentos para a família é um outro fator complicador que os impedem de participar da cooperativa. Além do mais, a cooperativa cadastra somente as pessoas individualmente e não o grupo familiar.



Fluxograma 1 – comercialização do lixo



Fotografia 6 – Lixo de alumínio armazenado no depósito dos sucateiros formando um corredor na estrada de Santana do Aurá



Fotografia 7– Lixo de papelão armazenado no depósito dos sucateiros formando um corredor na estrada de Santana do Aurá

Cada produto é embalado, pesado novamente e armazenado, conforme é possível ver na fotografia 8. Nesse momento, inicia-se uma nova negociação: dessa vez, os personagens são outros. O “catador” sai de cena e novos processos se desencadeiam. Os “sucateiros” e os empresários negociam uma nova mercadoria. Com valor de mercado, o que antes de chegar ao “xem” era lixo, transforma-se em mercadoria. Os produtos são “reciclados”⁵⁵, embalados e preparados para exportação. Seu destino terá uma nova função e lugar. Depois de exportado para outros estados e países⁵⁶, ele será transformado em produto desconhecido para os “catadores”, sem utilidade e inacessível para o consumo. Torna-se, assim, indiferente e sem referência identitária para eles. Novas pessoas, domicílios, escolas, empresas, praças e ruas darão a eles significado e lugar, diferentes do destino anterior e, assim, o ciclo do lixo se processa, reconstituindo, em seu trajeto novas paisagens, novas relações, dando a cada uma delas inteligibilidade, simbolização e sentido.

Rocher (2000), ao fazer um estudo da historiografia das coisas banais, instiga-nos a refletir sobre o consumo e suas formas de uso desde o antigo regime. Ao reconstituir as relações sociais dos homens com os bens naturais, ele vai demarcando em diferentes épocas as transformações que foram ocorrendo na relação produção-consumo e uso das mercadorias como bens de troca. Partindo sempre da relação binária entre o frio e o quente, a luz e a

⁵⁵ Reciclar é uma denominação nativa que significa separar, limpar, colocar em ordem e armazenar o produto nas embalagens para exportação ou venda para outras empresas fora do Estado.

⁵⁶ Na estrada do Santana do Aurá tem uma empresa que já compra direto dos catadores e exporta diretamente, através do porto da Companhia das Docas do Pará (CDP), para a China.

escuridão, o limpo e o sujo, ele vai descrevendo como as sociedades ditas tradicionais foram construindo e criando técnicas, a partir do cotidiano, para classificar e utilizar os objetos dando-lhes sentido valorativo.

Ao buscar compreender a história cultural do consumo fazendo uma leitura sobre a ação simultânea da inteligência e do sensível, do material e do simbólico, mostrando as causas e os efeitos disso, o autor tenta analisar, sobretudo, assim como os estudos de Mary Douglas e Baron Islerwood (2004), que os hábitos modernos do uso acelerado dos objetos nascem da heterogeneidade do uso do consumo. O modo de vida, de apropriação dos espaços, o pudor, a higiene e as oposições entre o limpo e o sujo, a luz e escuridão, o papel das roupas, o sentimento em relação aos objetos são construções de valores e de percepções que foram se fixando e criando novas sociabilidades.

Podemos, a partir desses estudos, entender como o lixo (que possui uma construção de sujo, de nojo, de dejetos) pode também tomar uma outra dimensão e significado em decorrência de outras relações e necessidades. A capacidade criativa do homem ao criar e reinventar a realidade, estabelecer laços afetivos e fixar símbolos, que no Aurá ou alhures revelam a diversidade com que construímos a ordem das coisas.



Figura 8 – Lixo acondicionado para exportação

2.5 RITUALIZAÇÃO DO LIXO: SENTIDO DO PURO E DO IMPURO; DA ORDEM E DA DESORDEM

A forma como as casas de Santana do Aurá são construídas demonstra a natureza do universo onde estão associadas às representações do lixo, as formas de sociabilidade e o sentido e significado das relações sociais e culturais dos agentes que ali moram.

Ao visualizarmos, a princípio, as casas das famílias temos a impressão de estarmos em uma pequena vila do interior do Pará. Algumas casas modestas de tijolo sem reboco, muitas de madeira, ou de taipa. Os quintais sem muros, com pequenas criações de animais domésticos e plantações. Mas é possível observar também quintais grandes, arborizados, com frutas e espaço para as crianças brincarem.

Se andarmos mais na direção das ruas paralelas, observaremos algo curioso - a forma e os contornos de algumas casas parecem desordenadas. As madeiras pregadas sem alinhamento, a cobertura de plástico, o lixo espalhado nos espaços da casa e do quintal. Tudo parece não ter utilidade. As garrafas de “pet”, o ferro, as “sacas de sarrapilheira” espalhadas pelas ruas, restos de objetos sem uso como: peças de televisão, pedaços de madeira, brinquedos, latas de alumínio, bacias, enfim, uma infinidade de objetos armazenados nas casas que sugerem ao observador externo, uma idéia de desordem e falta de higiene.

Muitas casas têm um único compartimento, não possuem sanitários e água encanada. As famílias utilizam poço artesanal, usado coletivamente nas poucas casas onde estão instalados. Elas decoram a parte interna da casa com os objetos do lixo que, aos poucos, vão se encaixando e tomando forma: uma palheta de ventilador, uma tampa de armário, uma capa de televisão e assim por diante. As fotografias a seguir nos dão uma idéia de como algumas casas são construídas e decoradas internamente. A fotografias 9 e 10 visualizam a forma das casas. O plástico, a assimetria das tábuas e pedaços de alumínio vão dando o contorno externo das residências. As fotografias 11, 12, 13, 14, 15 e 16 mostram a parte interna da casa. Nas fotografias 11 e 15 é possível perceber que a organização e divisão do quarto, da cozinha são bem delimitadas, embora não haja paredes separando-as, mas os objetos demarcam claramente os espaços. No “canto” do quarto, a arrumação das roupas em pequenas caixas, estabelece a ordenação do lugar de cada coisa. Isso pode ser visualizado na fotografia 12. Nas fotografias 13 e 14 podemos ver a parte interna da casa 1 conforme

visualizado abaixo. A parede interna da casa é revestida de plástico, pois o acabamento da parede é feito de argila e em época de chuva é muito difícil essa estrutura suportar as fortes tempestades, tão comuns nessa região. Sempre o melhor espaço da casa é destinado ao dormitório.

As fotografias 11 e 12 da casa 2 mostram a organização desses espaços que também são utilizados para assistir televisão (os que têm esses aparelhos em casa, pois a maioria das famílias não os têm), receber uma visita (todas as vezes que fui fazer trabalho de campo eu era recebida nos quartos ou no quintal das casas) e também para fazer as refeições. Nas fotografias 15 e 16 é possível ver a forma como a cozinha é planejada: pequenas sacolas, prateleiras, com vidros e latas são todos utilizados para armazenar alguns alimentos mais perecíveis. Também na própria cozinha, pela parte da noite ou no horário de descanso (muito raro de acontecer), o espaço é utilizado para armar as redes (sempre usadas por mais de uma pessoa ao mesmo tempo) Todos esses objetos são coletados no "lixão", conforme destaquei anteriormente.



Fotografias 9 – Parte externa da casa 1



Fotografia 10 – parte externa da casa 2



Fotografia 11– Organização do quarto da casa 2



Fotografia 12 —Disposição do lugar de guardar as roupas da casa 2



Fotografia 13 – Organização do quarto da casa 1



Fotografia 14 – Revestimento da parede do quarto da casa 1



Fotografia 15 – Organização da cozinha da casa 2



Fotografia 16 – Organização da cozinha da casa 1

Entretanto, através da observação mais atenta, na interioridade desse universo, é possível perceber e entender o significado de cada coisa ou objeto. Tudo tem um sentido e uma lógica, pois o lixo adquire para os catadores, forma e conteúdo. Esse universo de símbolos e significado do lixo vai tomando forma, à medida que se processam pelo trabalho determinados rituais que, aos nossos olhos, parecem bizarros e sem sentido (tratarei mais profundamente dessa questão mais adiante, quando me referir ao processo ritual do lixo). Tudo tem um valor, uma função, cada peça ou objeto será armazenada em casa para aguardar novas peças que se complementarão, após serem “gandanhadas”⁵⁷ pelo “catador” no “lixão”. Percebendo a particularidade como cada objeto vai adquirindo utilidade é possível se perguntar: que significados os “catadores” atribuem ao lixo? Como entender esse universo? De que forma, o lixo intermedia as relações no Santana do Aurá? E como ele redimensiona a vida e a rotina das famílias e, mais particularmente, das crianças? Certamente, não responderei a todas essas questões no primeiro capítulo, mas ao longo da pesquisa, essas questões apontam para algumas respostas mais gerais, que pretendo problematizar, tais como: quais são as estratégias de sobrevivência de pessoas em situações de extrema pobreza, E mais do que isso, de que forma elas produzem uma cultura específica?

O universo cultural dos “catadores” vai tomando um contorno e uma aparência muito singular: as noções de higiene, ordem e desordem; puro e impuro, parecem se constituir de forma muito especial, pois o trabalho no aterro, digamos assim, vai ritualizando e transformando a vida das pessoas em outras representações. Através daquilo que para algumas pessoas é perigoso e impuro – o lixo – como uma passagem, vai transformando-se e redimensionando a vida ou reorganizando outras, dando novas dimensões e configurações. No Aurá, para muitas famílias, o lixo vai contornando a ordem e organização dos espaços domésticos, da rotina das crianças e construindo laços e vínculos sociais. Nesse sentido, o lixo passa a ter um valor e significado de ordenação, de classificação, cuja lógica parece estar além da representação de sujeira e falta de higiene que muitas pessoas atribuem a ele. O sentido de desordem, sujeira e perigo atribuído pela sociedade de consumo ao lixo, que parece representar um lugar sem função e valor identitário, uma vez que é descartado, separado e jogado nas lixeiras toma novo sentido. No Aurá, para os “catadores”, ou pelo menos para as cinquenta famílias que entrevistei e convivi, o lixo adquire uma nova representação. Assim, o

⁵⁷ É uma categoria nativa que significa pegar com o gancho (espécie de gancho) que serve para furar as sacolas de lixo e separar um material do outro.

que é repugnante e inaceitável para muitas pessoas, passa a ser puro e valorizado para os “catadores”. A noção de sujeira, impureza e desordem adquirem novas representações e significados. O limite desses universos se estabelece a partir das representações construídas nos espaços sociais de cada grupo. São eles (os diferentes grupos) que organizam arranjos e relações carregadas de sentido e simbolização. O lixo, lugar do impuro, do sujo e do dejetivo para a maioria das pessoas, transforma-se para os “catadores” em vida, em sobrevivência.

A ordem que regula e situa o universo social de um grupo é inteiramente diferente para outro. Nesse sentido, o que pode ordenar a vida social de um grupo e definir um espaço identitário, para outros, pode remeter a um outro significado. Buscar entender o universo onde estão assentadas as significações e representações do lixo na vida dos "catadores" e o sentido do trabalho no “lixão” é fundamental para se compreender a dinâmica cultural e as construções sociais ali reproduzidas.

Assim, observa-se que dada à situação de extrema pobreza e de grandes dificuldades de sobreviver, pois conforme será trabalhado no segundo capítulo, essas famílias já tentaram as mais diversas alternativas para garantir a sua sobrevivência, suas trajetórias dizem muito das impossibilidades que encontraram para viver tanto no meio rural como no meio urbano. Sem maiores perspectivas, chegaram ao "lixão" e ali criaram uma forma própria de viver, conservando alguns costumes, criando outros. Apropriaram-se das técnicas da catação, organizando o processo de trabalho e estabelecendo diversas relações que vão representando e dando sentido a essa realidade.

Temos até aqui nos referido a idéia de puro e impuro, mas precisamos entender seu sentido constitutivo na cultura. Mary Douglas (1966) discute de maneira bastante elucidativa essa relação, segundo ela:

“Cada cultura tem de possuir as suas próprias noções de impureza que opõe às noções de estrutura positiva, aquela que se tenta legitimar. Seria absurdo falar de uma mistura confusa entre o sagrado e o impuro, mas é verdade que a religião sacraliza muitas vezes coisas impuras que haviam sido rejeitadas com aversão. Portanto, há que se indagar por que motivo a impureza, que é normalmente destrutiva, se pode tornar criadora”.

Creio ser oportuno adentrarmos no universo cultural dos "catadores" do Aurá, pois suas noções de impureza e poluição parecem demarcar a heterogeneidade com que se constrói a ordem das coisas. Começemos por analisar como se dá o processo de purificação do lixo. Os materiais coletados no aterro pelos "catadores", possuem dois destinos distintos: um para vender ao “sucateiro” e outro para uso em casa. O lixo para o “catador” adquire

valor, pela seleção e separação dos materiais que tem uso no mercado. O lixo para uso doméstico perpassa por um processo de purificação para entrar em casa. Assim, apenas depois de lavar e/ou ferver adquire utilidade em casa. Segundo Aldinéia⁵⁸, o “bagulho” encontrado no “lixão” como, por exemplo, roupas, redes, colchões, sapatos, além de utensílios domésticos como: panelas, copos, pratos, potes de vidros latas, perfumaria e produtos de higiene são cuidadosamente lavados com sabão, e se for o caso, fervidos e expostos ao sol. Alimentos tais como: enlatados, ensacados e/ou protegidos por caixas são rapidamente lavados e consumidos. Os alimentos que não possuem essa proteção são lavados com sabão e fervidos em seguida, pois segundo seu relato, a fervura retira todos os “micróbios”.

O lixo usado em casa, lugar do sagrado, na medida em que não é qualquer produto e de qualquer forma que entra no domicílio, pois no “xem” os catadores já separaram os objetos que serão consumidos pelas famílias. Esses produtos após processo ritual passam a adquirir valor, pois seu uso só se torna possível mediante a observância de tais condições. A esse respeito, é importante relatar a naturalidade com que se referem ao consumo alimentar de alguns produtos encontrados no lixo. Isso me causou certo espanto, pois dentro dos meus parâmetros culturais, tais práticas tornam-se inimagináveis, porém, dentro da lógica dessas famílias, essa é uma situação “natural”. Para eles, constitui certo privilégio comer determinados alimentos, pois muitas famílias não têm acesso aos produtos que eles encontram no “lixão”, tais como: peru, queijo, manteiga, carne, peixe, etc. Segundo eles, a restrição que fazem de seu uso é pelo odor, a cor e se está fora da embalagem. A lógica é a seguinte: depois de ferver os alimentos perdem o poder de contágio.

Por trás desse universo, é possível entender como o impuro e o puro vão tomando um significado muito singular. O limite entre esses dois pólos, como demonstra Mary Douglas, é muito dinâmico. Se alguns grupos ou determinada classe social que vive nos espaços da cidade ordenam o lugar do lixo, colocando-o em saco e lixeira, para os catadores, ele adquire um outro valor. Se para muitas pessoas, o uso do banheiro, da cozinha e da sala possuem regras e limites claros a partir de uma lógica de classificação e função de uso, para eles, o parâmetro é outro, pois é muito relativo a dimensão do espaço e do lugar do impuro.

⁵⁸ Aldinéia é uma das irmãs de uma família de “catadoras” que vivem no Santana do Aurá. Essas irmãs construíram uma dinâmica familiar que lhes permite estabelecer laços de convivência e estratégias de sobrevivência através da catação do lixo.

Muitas de suas casas não têm banheiro, alguns moradores de lá fazem suas necessidades no urinol⁵⁹ e jogam os excrementos no mato; o espaço de comer pode ser em qualquer lugar, inclusive no "lixão", que, aliás, é o lugar comumente onde se come com maior frequência.

Dentro desse universo há alguns interditos. A noção do que é certo e errado adquire um valor particularizado, pois a separação entre o mundo do adulto e da criança é nítida, em algumas situações, porém, em outras é muito tênue, haja vista, a rotina de tarefas por elas desenvolvidas, seja em casa ou no "lixão". O lugar da criança, algumas vezes, e em determinadas situações, toma a dimensão do sagrado. Certos alimentos e horários para ingerir os alimentos são respeitados. Não se dá feijão à noite para as crianças, elas não comem carne de porco e elas têm prioridade no consumo de alimentos de melhor qualidade. Julgam fundamental preservar as crianças. Elas têm horários para comer, horário para brincar e com quem. Ao mesmo tempo em que lhes é dada liberdade de ficar na rua, desde que obedeçam aos horários e o lugar definido pela mãe ou pelo responsável em cuidá-las, pois, é prática comum, os filhos fiquem com o irmão mais velho (que geralmente tem nove a doze anos) com a tia ou tio, e com a avó. Para essas famílias, o cuidado com as crianças é fundamental. Passam a frequentar a igreja desde pequenas com os pais (os que têm esse costume) para não adquirirem maus hábitos.

A observância desses limites pode também ser percebida através de algumas interdições, pois segundo alguns relatos, o que eles temem ser contagioso através do lixo é o sangue. Ele adquire o lugar do desconhecido, do medo, da impureza. Aldinéia diz que: "Quando vejo uma agulha cheia de sangue saio do lugar. Tenho medo do sangue. Não sei de onde vem, nem o que o sangue tem, acho que pode contaminar".

Percebe-se através desse relato que o sangue está fora da ordem. Sem lugar no espaço cultural dessas famílias adquire sentido de impuro; sem referência, torna-se elemento de contágio e de medo, qualquer objeto em contato com ele perde sua função. Essa percepção, a meu ver, tem uma relação com os efeitos das ações de saúde, pois o lixo que é considerado contagioso para os "catadores" é aquele que advém dos hospitais e dos serviços de saúde. A relação com certas doenças torna-se inevitável, pois o medo de adquiri-las pelo contato com o sangue é imediatamente tomado como perigoso.

⁵⁹ Urinol, conhecido também como "penico" na região norte, é usado em substituição ao vaso sanitário.

Compreende-se então, a partir da descrição dos rituais no “lixão” do Aurá, o sentido simbólico do lixo, assim como a noção de sagrado e profano⁶⁰ vai se configurando nas experiências e vivências dos "catadores" e como suas referências morais vão ordenando suas relações, constituindo suas regras sociais. Como o impuro, o contagioso e o puro, vão demarcando e interditando seus comportamentos, enfim, como a poluição vai adquirindo um valor, que possibilita a essas famílias criarem seu espaço cultural e de organização social.

No próximo capítulo demonstrarei como as famílias por meio de suas histórias e trajetórias pessoais vão criando seus laços afetivos e socializando as crianças a partir da realidade vivenciada no “lixão”.

⁶⁰ Durkheim (1996), argumenta que não há separação entre religião e sociedade, sendo esta vista como um fenômeno social. A crença, para ele, demarca o sentido de sagrado e profano, que pela experiência coletiva expressa valores morais. Sua idéia exprime uma dualidade entre sagrado e profano, indivíduo e sociedade, que, segundo ele constitui uma totalidade e não um fenômeno advindo da experiência individual. Assim, para o autor, o ritual é um fato que surge depois que vêm as idéias, sendo, portanto, expressão das experiências da vida social.

CAPÍTULO 3

FAMÍLIAS: RELAÇÕES PARENTAIS

Entender o universo das relações sociais nas famílias do Aurá e reconstituí-las a partir das representações dos agentes sociais é o objetivo desse segundo capítulo. Mostrar como os grupos domésticos se constituem no contexto de vida no "lixão", quais são suas representações a respeito da família e como são construídas as redes de parentesco em função de valores simbólicos como “ajuda” e “companheirismo” são fundamentais no sentido de desenhar o espaço de socialização das crianças.

3.1 PRÁTICAS COTIDIANAS NA SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

Não poderia discorrer sobre a concepção de família para os moradores de Santana do Aurá, sem antes definir a partir de que noção de socialização irei trabalhar. A obra de Berger e Luckmann (1985) “A Construção Social da Realidade” me dará algum suporte para reflexão, pois embora seus construtos conceituais não sejam determinantes em minha abordagem, não poderia deixar de reconhecer sua relevância teórica nesse assunto. Entretanto, autores como Toren, Cohn, Nunes, Mead e Lopes da Silva serão referências importantes de interlocução, na medida em que me apontam elos de interligação com o meu campo de estudo, muito embora, sejam melhor trabalhados ao longo do terceiro capítulo.

De acordo com Berger & Luckmann (1985) é a convivência dos adultos com a criança que permitirá os vínculos com o mundo e as coisas, demarcando assim sua subjetividade. É a incorporação do mundo e de seus objetos intermediados pelos papéis familiares que permitirão à criança inserção na vida social. É, pois, a família e a relação com seus membros que permitirá as primeiras identificações da criança com o mundo, pois carregadas de valor afetivo intenso, elas servirão de modelos identificatórios, uma vez que a criança ainda não adquiriu possibilidade de optar por (ainda não fez parte do seu campo de conhecimento) outros modelos. Os autores denominam de **socialização primária** a esse primeiro momento na vida do indivíduo e a consideram como o alicerce onde se afincarão as demais experiências. Após a aquisição de conhecimentos que lhes permite maior compreensão

de si e do mundo à sua volta, a criança torna-se capaz de estabelecer relações com objetos substitutivos, pois as figuras parentais já lhe deram o suporte necessário que lhe possibilitará ampliar suas redes e relações sociais. Berger & Luckmann chamam a esse momento de **socialização secundária**, pois a partir de outras pessoas e instituições (como a escola, o clube e outros grupos), a criança terá maior possibilidade de sistematizar e ampliar suas referências constitutivas que, conseqüentemente, implicarão em outras identificações e escolhas de papéis e modelos sociais, sendo, portanto, segundo os autores, processo contínuo em toda em toda a vida do indivíduo.⁶¹

Toren (2003) em seu artigo *Do babies have culture?* desconstrói toda a noção já bastante difundida na literatura de que as crianças são seres passivos, “tábulas rasas” em que a cultura do adulto irá lhe formar e socializar. Ao estudar a relação do bebê e sua cultura, a autora faz uma análise inversa da socialização, pois as crianças para algumas sociedades da África, sendo seres sagrados, carregados de dons, constituem-se em criaturas capazes de manipular e redirecionar a vida dos adultos. Seus excrementos, seus gestos são carregados de significados simbólicos, os quais determinam a vida dos adultos. Os cuidados, os rituais de passagem e toda a relação estabelecida com ela é definida e dimensionada a partir do valor ancestral que ela representa, pois, como seres que resgatam figuras importantes do passado com referência para o presente, são consideradas criaturas carregadas de poder e de conhecimento.

Acredito que a análise que farei ao longo desse estudo, busca situar a criança e seu processo de socialização como capazes de estabelecer uma relação ativa, de construir e produzir seus próprios conhecimentos sobre o mundo e as coisas, com uma linguagem própria de seu universo e suas representações, ou como diz Cohn (2002,p.233): “o universo infantil não é mais visto como experiência parcial do mundo social, no sentido de conter conhecimentos menos completos; ele é visto como capaz de construir uma apreensão que é diferenciada e relevante.”

Para entrar no universo da criança é imprescindível entender as relações que estabelece na família e no espaço social onde se insere. Para explicar de que “família” estamos

⁶¹ Para maiores informações consultar SILVA, Anaclan Pereira Lopes. “Nem do bem ,nem do mal”: infância, moral e socialização”. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2004.

falando, e como se constituem essas relações no Aurá, analisarei o contexto de como se formam as redes de parentesco lá.

Parto do estudo do processo de migração dessas famílias, não com o objetivo premente de entender todo o fenômeno da migração, mas extrair desses elementos matrizes passíveis de análise, a fim de estabelecer a lógica do grupo e procurar captar a coerência interna construída pelos laços de parentesco no processo de socialização das crianças.

Com o objetivo de melhor entender a lógica interna dos grupos domésticos⁶², utilizo um pequeno questionário que procura estabelecer dois sentidos: um que me demonstre um parâmetro mais geral a respeito do deslocamento das famílias para o Santana do Aurá, buscando identificar o que realmente motivou o deslocamento, assim como, o tipo de atividades que exerciam anteriormente, identificando o estilo de vida dessas pessoas antes de chegarem ao Santana do Aurá. Por outro lado, procuro também entender como se deu o processo de tradução dos agentes e sua inserção no novo ambiente, quais suas implicações e efeitos, conforme os percebem após sua chegada em Santana do Aurá. Tal escolha se deve ao diálogo estabelecido com a análise feita por Bourdieu e Sayad (1964), a respeito do deslocamento dos camponeses argelinos da zona rural para o centro urbano, e com isso, todo efeito do deslocamento no processo de reagrupamento dos agentes a uma nova lógica social⁶³.

Ressalvo as particularidades contextuais dos dois agrupamentos, pois, para efeito analítico, não estabeleço relações diretas entre um processo e outro, mas busco através da compreensão do fenômeno da migração dar sentido aos deslocamentos a partir do entendimento do processo pelos agentes sociais que vivem no Aurá. Acredito ser possível estabelecer tais comparações, na medida em que, muito mais do que entender as estruturas de família, o

⁶² De acordo com Ugo Fabietti (1990) é o arranjo de parentes e afins, cujo objetivo central é a reprodução econômica e simbólica do grupo.

⁶³ Sobre esse assunto, Bourdieu & Sayad reconstróem todo o processo de reagrupamento a que foram submetidos os camponeses argelinos nos anos de 1955 a 1962. Esse processo que segundo eles foi organizado de forma sistemática e metódica teve um efeito de longo prazo sobre a vida desses agrupamentos. O referido sistema objetivava esvaziar as regiões que eram consideradas estratégicas para se manter sob controle essa população, submetendo-as a novas formas de organização social e territorial, em função da ocupação dos franceses. A submissão dessas populações à desapropriação fundiária e a uma nova forma de produção (das tradições agrárias à lógica do mercado) impõe-lhes mudanças significativas em suas tradições e traços culturais. A análise do material empírico dos autores centra-se no entendimento das perturbações sofridas através dos novos ritmos de vida dos camponeses que são transferidos para agrovilas, cujo espaço social se modifica sobremaneira ao modo anterior de vida dos mesmos, afetando de forma direta a organização e a rede de parentesco dos agentes sociais envolvidos nesse processo.

fenômeno da migração constrói uma lógica particularizada, que nos permite observar como a estrutura de parentesco estabelece arranjos no grupo doméstico que lhes permite uma plasticidade e flexibilidade no sistema familiar⁶⁴. Como também, é possível perceber que as famílias de Santana do Aurá, que migraram, embora em situações diferentes dos camponeses argelinos mantêm preservadas práticas anteriormente incorporadas, como por exemplo, a socialização das crianças pelo trabalho, os contos de visagens, o trabalho envolvendo todo o grupo familiar. Já mediante a nova realidade que tiveram que enfrentar, tais práticas provocaram-lhes momentos de tensão, conforme será demonstrado ao longo desse trabalho.

Nesse aspecto, particularmente, os estudos de Eunice Durham (1984) e Afrânio Garcia Jr.(1989) me parecem bastantes consistentes, por me permitirem entender como se constroem as dinâmicas familiares a partir desses deslocamentos no Brasil, ou mais especificamente, nas regiões do nordeste para o sudeste do país.

Assim, muito mais do que dar conta das classificações, buscarei entender as construções e organizações das famílias que em muitas situações se valem das relações de parentesco para dar sentido à sua existência e sobrevivência. Portanto, perceber a legitimidade dessas organizações (com arranjos flexíveis) nos permite entender a lógica subjacente às relações cotidianas desses grupos sem homogeneizá-las, mas relativizando seus arranjos e contornos na rede social.

Alguns exemplos me parecem emblemáticos por se constituírem em situações concretas de como o sistema familiar se processa no espaço social de Santana do Aurá, na medida em que as narrativas dos informantes nos dão o sentido interpretativo das sociabilidades construídas.

3.2 A MIGRAÇÃO E O TRAJETO DAS MULHERES

Das 50 famílias estudadas, todas de alguma forma migraram ou do interior do estado ou de outros estados do país. Esse é um dado particularmente importante, pois, à medida que se

⁶⁴ Claudia Fonseca em um estudo realizado na Vila do Cachorro Sentado, próximo a um bairro de classe média de Porto Alegre (RS), aborda de forma bastante elucidativa essa questão. Segundo ela, o estudo etnográfico em classes populares revela que o sistema familiar é enfocado como um processo, por constituir-se de maneira flexível. Assim, para ela não se deve confundir **sistema familiar** com **unidade doméstica**, na medida em que os indivíduos passam por arranjos domésticos diferentes durante as várias etapas do ciclo familiar. (Fonseca, 2000, p.62).

observa o deslocamento do grupo doméstico, uma série de variáveis são factíveis de análise. Em primeiro lugar, um fato merece destaque: a forma como ocorreu esse deslocamento. As relações de parentesco permeando essas trajetórias traduzem os efeitos dessas redes na constituição dos arranjos familiares, e ao mesmo tempo, confirmam os estudos já realizados por Durham (1984) e Garcia Jr. (1989) de que o processo migratório no país, e mais particularmente, das regiões nordeste para os grandes centros urbanos do sul e sudeste, no caso específico dos referidos estudos, demonstram que o fenômeno da migração nos ajuda a entender o comportamento dos grupos populacionais a partir das transformações econômicas e sociais relacionadas ao processo de desenvolvimento do país.

Especificamente, a análise sobre o comportamento do grupo populacional de Santana do Aurá demonstra claramente como a sobrevivência quer na zona rural do estado do Pará, quer nas capitais ou em pequenas cidades do nordeste do país foram fortemente afetadas pelo sistema sócio-econômico, que introduziu novos modelos produtivos na estrutura da sociedade nacional, a partir da década de 40 e 50, assim como foi dando forma e configuração aos arranjos familiares. Tal formação foi denominada por Garcia Jr.(1989) como **família nacional**⁶⁵ e permitiu ser criada toda uma rede de apoio em escala nacional.

Segundo depoimentos dos moradores de Santana do Aurá, ao que parece, no Pará esses efeitos se fazem sentir pelo deslocamento das famílias ou de um de seus membros de suas terras, pois as poucas alternativas de sobrevivência em seus locais de origem ⁶⁶ junto com o

⁶⁵ Garcia Jr. (1989) chama de **família nacional** ao conjunto de operações que asseguraram a estabilidade e a reprodução das condições sociais da produção feitas pelos membros do grupo doméstico, que se deslocaram das regiões do nordeste, em função de alterações sofridas no modelo produtivo (campesinato) das populações tradicionais, para as grandes capitais do centro sul do país, em função do desenvolvimento industrial do país, a partir da década de 40 e 50.

⁶⁶ Nesse período, por volta de 1945, na Amazônia, também começa a ocorrer um processo de migração parecido com o que se deu no nordeste, obviamente com escala diferenciada e dentro de um outro contexto. Com a decolagem da economia, impulsionada pela política do governo de Getúlio Vargas, que por meio da “política dos construtores da nação” desejava ocupar a Amazônia, considerada “vazio demográfico”, começa a ocorrer o aceleração de seu desenvolvimento. Dentro da mesma lógica, já estava em debate a invenção do paradigma do “desenvolvimento e subdesenvolvimento” atrelada à uma nova ordem econômica mundial, e com isso, estava também entrando em voga, a idéia de financiamento de recursos para os países menos desenvolvidos. A partir da década de 60, passam a existir as instituições que irão atuar na Amazônia. A Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), assim como o próprio Estado garantirão o financiamento de projetos e investimentos bilionários que darão o “salto para o desenvolvimento” da região. Os incentivos fiscais tornam os negócios no local interessantes para as empresas, que com a imensa capacidade de utilizar os recursos públicos iniciam o processo de alteração nos modos produtivos da região. As conseqüências ecológicas, através dos projetos agropecuários, empreendimentos na mineração, entre outros, vão trazer “danos irreparáveis e dramáticos” para as famílias que viviam nessa região. Informações obtidas através dos conteúdos e das discussões em sala de aula na disciplina "Justiça Ambiental, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável", ministrada pelos professores Roberto Araújo de Oliveira e Diana Antonaz, no segundo semestre de 2004.

crescente número de filhos e os escassos recursos de sobrevivência no cultivo de uma pequena terra, no interior, foram inviabilizando cada vez mais a permanência no campo. As mais variadas estratégias no percurso dessas trajetórias já nos dizem muito da situação de pobreza dessas famílias em permanecer em suas terras.

Ridley-Leigh (1980) discute que são poucos os trabalhos, no âmbito da antropologia social, que têm investigado o processo migratório a partir do ponto de vista das mulheres. Segundo ela, as razões que têm determinado esse tipo de escolha são de cunho ideológico, principalmente, em decorrência dos papéis sociais assumidos pelo homem e pela mulher, ou seja, as relações entre homem e mulher são sempre muito essencializadas demonstrando esses universos (masculino/feminino) como dicotômicos. A interligação entre homem-rua, mulher-casa⁶⁷ tem reificado e reproduzido um sentido ideológico nessas relações. Tem sido objetivo da antropologia, dentre outros, demonstrar a ambigüidade e inconsistência dessas posições.

Entrar no universo das famílias, reconstituir suas representações e formas de conceber e entender o mundo não é tarefa fácil. Digo isso porque o trabalho de campo sempre me levava a refletir acerca do universo das mulheres, no âmbito da família. Com a entrada no campo, as mulheres foram minhas interlocutoras fundamentais, pois nas ações de intervenção das políticas públicas eram elas que estavam mais ativamente presentes nas ações e nas atividades que eu coordenava. Aos meus olhos eram elas que dominavam os espaços do trabalho e das relações conjugais, que freqüentemente se atribuem ao homem. Elas me pareciam ser personagens e protagonistas de suas próprias histórias. Só com o avançar da pesquisa, e com o vínculo de confiança estabelecido no cotidiano das famílias, passei a perceber como se construíam suas relações e que valores lhes eram atribuídos. Aos poucos, fui percebendo que a presença masculina, muitas vezes, silenciada, permeava esse universo e constituía um importante elemento para sustentação da organização familiar e doméstica das famílias.

A partir do entendimento das relações de parentesco, e como essas redes se estabelecem é que fui percebendo o sentido que cada família atribuía às relações conjugais e às relações familiares.

⁶⁷ Muitos trabalhos no âmbito da antropologia têm abordado as questões relativas a gênero, tais como: ORTNER (1979), SORJ (1992), MOTTA-MAUÉS (1994), KOFES (1993), dentre outros.

De uma forma geral, no caso das famílias do Aurá, os laços com parentes se fortalecem ou se enfraquecem à medida que cada vivência ou relação interpessoal vai tecendo as redes sociais perceptíveis, na vida diária. Cada membro passa a ser um elo de uma rede de relações que vai se estruturando, à medida que as condições de vida vão se estabelecendo. Sempre é possível recorrer ao parente que ficou no local de origem nos momentos de grandes dificuldades (caso não haja nenhum rompimento mais definitivo nos laços afetivos), ou recorrer àqueles que se deslocaram, como possibilidade de melhor sobrevivência, ou ainda, constituir novos laços conjugais que de uma forma ou de outra lhe dêem suporte para criar os filhos e ter condições efetivas de subsistência⁶⁸.

No caso específico do deslocamento das mulheres em Santana do Aurá, freqüentemente se percebe que ocorre por intermédio de algum parente que já veio anteriormente, e que, portanto, já possui maior domínio sobre os meios de vida da cidade. Dessa forma, consegue estabelecer relações que facilitem a inserção dessas mulheres (ou jovens mulheres, como é a maioria dos casos) em casas de família de classe média, para trabalharem como empregadas domésticas⁶⁹.

3.2.1 A história de Maria

A trajetória de Maria, uma das mulheres participantes da pesquisa, demonstra um pouco desse universo. Ela nasceu em Garrafão do Norte, cidade do interior do estado do Pará. Veio através da prima que já trabalhava em Belém como empregada doméstica. A prima foi passar férias em Garrafão do Norte e a incentivou a vir para Belém. Lá não estudava e sempre sonhava que a vinda para Belém faria com que ela conseguisse realizar esse sonho. Seu pai vivia de uma pequena roça⁷⁰ que garantia o sustento da família. A vida muito difícil por lá e o incentivo de sua prima, acabaram por lhe trazer a Belém.

⁶⁸ A esse respeito os trabalhos de Eunice Durham (1984), Afrânio Garcia (1989) e Ridley-Leigh (1980) são bastante esclarecedores.

⁶⁹ Muitos trabalhos têm referido sobre essa prática na Amazônia. Desde a pesquisa realizada por FIGUEIREDO (2004) sobre o início do século XX, a de WAGLEY (1988) na década de 50 e 70, MOTTA-MAUÉS (1994) na década de 70 e 80 e o mais recente MOTTA-MAUÉS (2004), além de inúmeras notícias nos jornais locais têm demonstrado o quão freqüente constitui e permanece essa prática na região. Essas situações também são encontradas nos trabalhos de DURHAM (1984).

⁷⁰ "Roça" é aqui entendida como uma pequena porção de terra onde se planta mandioca e pequenas hortaliças para subsistência do grupo doméstico.

Chegando a Belém, aos treze anos, conseguiu emprego como babá. Não conseguiu estudar, pois seus patrões não lhe davam folga para os estudos. Foi vivendo dessa forma entre uma família e outra. O irmão de sua prima, que já morava aqui há algum tempo, havia conseguido um terreno em Santana do Aurá e a convidou para passear com ele em sua nova residência. Ao visitá-lo junto com o irmão, conheceu Neto (seu atual companheiro). Ele já morava no Aurá com a mãe. Nessa visita começaram a namorar, depois se “juntaram” e ficaram morando com a sogra.

Atualmente, ainda trabalha como empregada doméstica, já seu companheiro e sua sogra como “catadores”. Tem dois filhos e considera como membros de sua família: a sogra, o companheiro, os dois filhos e a irmã (que trabalha atualmente como “catadora” e depois de algum tempo veio morar no Santana do Aurá, também, por seu intermédio). No diagrama 1 é possível visualizar melhor a concepção de família para Maria.

Um outro aspecto relevante diz respeito às condições em que ocorre o deslocamento da mulher: normalmente acontece porque vem trabalhar ou em virtude de rompimento dos laços familiares, quer por separação, morte, ou gravidez precoce, com a consecutiva rejeição pela família, especialmente, nos casos de famílias vindas do nordeste.⁷¹

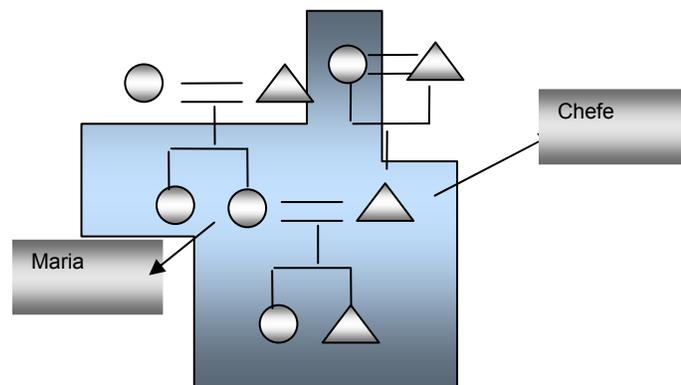


Diagrama 1- O sentido de família para Maria

⁷¹ Essas situações também são encontradas nos trabalhos de DURHAM (1984).

3.2.2 A história de Bete

O caso de Bete, outra moradora, é bastante elucidativo para que possamos dar maior inteligibilidade às formas de deslocamento e as organizações dessas famílias. Ela morava com sua família em Salvador. Aos dez anos foi abusada sexualmente por seu professor de matemática. Sua mãe ficou muito revoltada, pois planejava outro futuro para sua filha. O fato de ter sido violentada e ter engravidado quebrava uma série de expectativas em relação à filha. Sonhava festejar seus quinze anos, pois há alguns anos já vinha poupando dinheiro para isso e, além do mais, planejava casá-la a fim de constituir sua própria família.

A inviabilidade de sobreviver no nordeste impulsionou a vinda da mãe de Bete e toda a família para o norte. Nesse período, por volta da década de 60, segundo informa Bete, sua mãe havia se separado de seu pai e sua situação financeira havia piorado muito. Tal situação a motivou a se deslocar para o norte do país. As informações sobre as vantagens e possibilidades de se empregar em Belém, obtidas por intermédio do tio, impulsionaram-na a deslocar-se em companhia dos filhos para a cidade. Bete refere que sua mãe enfrentou inúmeros obstáculos para educá-los, pois ao chegar a Belém não conseguiu empregar-se. Para sobreviver e alimentar os filhos sentiu-se obrigada a mendigar na rua e submeter os filhos a pequenos trabalhos.

Bete diz que sua infância foi fortemente determinada pelas inúmeras formas de submissão aos mandos da mãe. Ela era uma pessoa extremamente rígida e decidida, que planejava rotineiramente as atividades e tarefas dos filhos, no decorrer do dia. Comenta que sua mãe lhe submetera às mais diversas formas de trabalho. Relata que certa vez, impulsionada pela necessidade de sobreviver, ela lhe obrigou a vender abacaxi para alcoólatras, que ficavam nos finais de semana, próximos aos igarapés que existiam no entorno da cidade.

Segundo Bete:

“[...] desde criança eu me criei vendendo abacaxi, a mamãe mandava a gente pra beira do igarapé do Utinga, pra vender aquelas fatias de abacaxi de R\$0,10 (dez centavos)⁷² pros cachaceiros. Ela amarrava uma corda na gente e jogava no rio do Ver-o-Pêso, naquela marézona, pra pegar os abacaxi que vinha flutuando, pra depois a gente vender pros porres. Eu me criei assim, e da mesma maneira eu estou criando meus filho. Olha, eu criei

⁷² Bete se refere em cruzeiros, mas certamente não era essa a moeda corrente naquele período. Bete tem hoje quarenta anos. Na época ela tinha aproximadamente nove a dez anos de idade.

os meus filhos vendendo coisa na rua, roupa quase nova, panela, as melhores que eu achava lá no xem.”

Os relatos de Bete sempre se referem às dificuldades de sua infância: trabalho, pouco tempo para brincar, difícil acesso aos estudos, além da forte presença de sua mãe que lhe marcou e foi decisiva para incorporar o que hoje ela considera como uma grande lição: o valor à vida e ao trabalho. Comenta que, ao tornar-se adulta e constituir sua própria família, passou a incorporar os ensinamentos de sua mãe e a educar seus filhos com os mesmos valores e princípios que aprendera com ela. Relata que tal qual sua mãe, ensinou a seus filhos, desde muito pequenos, a vender pequenas iguarias que fazia em casa.

“Eu criei os meus filhos, por exemplo, o Josué tá com 19 anos, com sete ele vendia unha na rua também, como eu e o pai dele. Nós tudo vendia na rua. Eu vendia à noite, né? Na tia Celina, uma puteira que tem pra lá. Sete horas da noite eu saía com uma bandeja de sonho. Quer dizer, eu sempre achei ignorância, quando alguém abre a boca e diz assim: é dificuldade criar um filho. Eu digo assim: não é não, quanto mais a barriga tá grande, é melhor pra trabalhar. Você pega uma bandeja de unha, você sai pra trabalhar e todo mundo compra, até porque as pessoas ficam carentes por te ver daquele jeito, né? E andar bastante faz bem, não só pra mãe como pra criança, ajuda na dilatação, que quando é na hora de ter o filho desce bem na passagem [...] hoje isso serviu pros meus filhos, eles aprenderam a dar valor ao trabalho, meu filho diz: 'mamãe foi assim que eu cresci, a senhora me ensinou uma coisa muito importante: a dar valor no trabalho, por isso que hoje eu não sou um ladrão” (o grifo é meu).

Bete, para ajudar no orçamento familiar, já que cada vez mais se tornava inacessível para ela e sua família encontrar meios para sobreviver, passou a fazer *strip-tease* no Lapinha⁷³. Lá conheceu seu marido. Teve cinco filhos com ele, mas tudo foi ficando mais difícil com a chegada dos filhos. Ambos desempregados e não tendo como se manter, foram para o bairro de Águas Lindas, para a casa de sua irmã. Conta que a irmã sempre ia pegar pintinho e “bagulhar” por lá. Começou a ir também. Foi, inclusive, nesse tempo (início da década de 80, pois o “lixão” ficava em Águas Lindas), que ela encontrou um bebê vivo no lixo junto com uma vizinha.

Este episódio marcou muito sua vida, pois a criança estava ainda com a placenta, dentro de um saco. Ela reconhece que deveria ter entregue a criança como falou “[...] pra não sei o que tutelar”, mas como sua amiga nunca havia tido filho e era “louca” para tê-lo ela “[...] lhe deu a maior força”. Segundo Bete, a criança estava dentro da mesma caixa que se encontravam os pintinhos doentes. Levou a criança para sua casa e chamou a parteira de seus filhos para cuidar dela. Entretanto, como a criança estava ficando roxa, ela a levou para o

⁷³ Lapinha é uma conhecida casa de show noturna com *strip-tease* em Belém, que era bastante freqüentada na década de 80.

Hospital Belém (hospital particular de Belém). A criança foi tratada e sobreviveu. A amiga que recebeu a criança, freqüentemente, era ameaçada e violentada fisicamente pelo marido. Bete a incentivou a fugir com a criança.

Bete comenta: “[...] eu dei a criança para essa minha amiga porque o que está no lixo não tem dono”. Essa afirmação significa que: ao se descartar algo no lixo, se está desejando livrar-se daquilo, ou seja, não lhe serve mais ou não se deseja tê-lo. Assim, para ela, ao encontrar algo que foi descartado, ele passa a pertencer à pessoa que o encontrou.

Um outro acontecimento da vida de Bete diz respeito a uma promessa que fez após um parto difícil: de adotar cinco crianças. Bete tem 16 filhos e até hoje ainda tem esperança de adotar as cinco crianças, e/ou encontrá-las no lixo. Ela diz que vem acompanhando o percurso do lixo com essa intenção. “[...] o lixo não está bom aqui, eu vou pra lá porque assim como eu achei pra vizinha, eu vou achar pra mim”. Talvez esse desejo decorra do fato dela ter perdido os quatro filhos que o marido levou consigo, após a separação da primeira relação conjugal (conforme será demonstrado a seguir) e do fato de ter rejeitado seu primeiro filho, gerado por um ato de violência sexual.

Segundo Bete, até o momento não encontrou mais nenhuma criança viva, mas já encontrou morta, junto com o lixo hospitalar.

“[...] eu tenho maior medo de saco preto porque é lixo que vem de hospital (...) nessa vez eu meti o gandame, que eu puxei, era bem no rostinho do bebê. Ah mana, mas eu chorei tanto. Eu passei quase um ano sem ir lá dentro. Depois eu achei de novo, mas foi só um pedaço da criança, degolaram a cabeça dele, estava todo cortado, até o guarda que trabalhava lá, foi pegar a criança para levar pro Renato Chaves, depois ele não quis mais trabalhar aqui”

Na história de vida de Bete, ela menciona três uniões conjugais. Foi abandonada, entretanto, pelo primeiro marido, que ao deixá-la, levou as crianças consigo. Até hoje nunca as encontrou, embora não tenha desistido de procurá-las, pois permanentemente vai a um programa popular de televisão em Belém chamado de “Barra Pesada”⁷⁴, na tentativa de localizá-las. Ela rejeitou o primeiro filho⁷⁵, pois, segundo menciona, desejava ter uma criança negra e menina, mas nasceu um menino branco. Ao passar a ter maior convivência no “xem” conheceu seu segundo companheiro, com quem teve cinco filhos, mas depois descobriu que

⁷⁴ **Barra Pesada** é um conhecido programa de televisão produzido em Belém voltado para as classes populares e que tem um forte apelo para as denúncias, investigações, reportagens policiais e conflitos domésticos.

⁷⁵ Esse filho é fruto de uma relação de abuso sexual com seu professor, conforme relatado anteriormente, e muito provavelmente, a rejeição da criança tenha inconscientemente decorrido de tal situação.

ele era “bicha”. Separaram-se, mas mantém laços afetivos muito fortes com ele. Ela o considera "da família", junto com os filhos e o atual marido. No momento, ele é seu vizinho e a ajuda a cuidar das crianças⁷⁶. Mais recentemente, há uns cinco anos atrás, no próprio “xem”, encontrou Augusto com quem está vivendo até hoje e tem uma filha⁷⁷. O diagrama 2 de parentesco nos mostra de forma mais explícita o sentido de família para Bete.

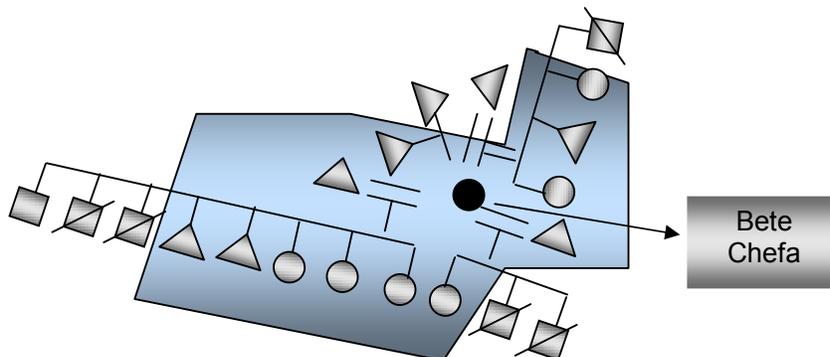


Diagrama 2 – Família para Bete

Alguns eventos na trajetória de Bete são extremamente significativos para que possamos entender o processo de socialização das crianças no Aurá, pois assim como ela, as demais famílias que entrevistei e convivi também possuem os mesmos referenciais e valores acerca da educação dos filhos. No decurso das estratégias desenvolvidas por ela e os demais membros de sua família vai se desenhando, em seu universo, alguns referenciais que retratam o modo de conceber a educação de seus filhos. Para Bete, preparar os filhos para a vida significa fazê-los encontrar meios de aprender a sobreviver. Assim, valorizar o trabalho, saber administrar a vida doméstica, não ter medo de enfrentar as adversidades do dia a dia tornam-se elementos estruturantes de uma boa aprendizagem.

⁷⁶ Sempre presenciei nas visitas à sua casa a presença constante do ex-marido, no cuidado às crianças, fazendo comida, limpando o quintal, levando-a ao médico, enfim ele é muito presente em sua vida e na vida das crianças.

⁷⁷ Parece que a forma como Bete e seus “companheiros” concebem a conjugalidade e suas relações afetivas se coadunam aos estudos desenvolvido por HEILBORN (2004), que em seu artigo “Gênero e identidade sexual em contexto igualitário” estuda as transformações pelas quais a família brasileira de classe média está passando, analisando a mudança do modelo e papel da família. Seu enfoque parte do exame dos valores e representações sobre as “famílias ditas igualitárias”, considerando os seguintes aspectos: liberdade do exercício da sexualidade para ambos os sexos, fora de um parâmetro de relação estável; proliferação de arranjos conjugais pela ampla aceitação do divórcio e da maternidade fora do casamento, assim como, a “desestigmatização” da homossexualidade como estilo de vida e a emergência de um modelo simétrico ou moderno para a homossexualidade.

Um ponto é marcante no percurso de Bete, ela não mantém laços com sua família de origem. Ao que parece, os parentes que vivem em Salvador têm referência negativa para ela.

Ao vir para Belém, sua mãe, com pressa, esqueceu de trazer a sua certidão de nascimento, veio só com uma autorização do juiz, mas chegando aqui registrou a filha como paraense. Bete tentou por três anos na justiça garantir seu segundo registro e aproveitou para mudar de nome⁷⁸ e de lugar de nascimento. Atualmente, usa um nome que não consta em seu registro, para que não haja nenhuma possibilidade de estabelecer relação com os referenciais que a conectem à Bahia cuja ligação ela ostensivamente tenta negar.

Segundo Durham (1984, p.131) a migração envolve sempre a fragmentação da unidade doméstica, ainda que temporária. A fragmentação, no entanto, é um processo natural no ciclo de vida das famílias nucleares, constituindo-se à medida que os filhos se tornam adultos, e que, portanto, desejam também formar suas famílias de procriação. Mas também, segundo ela, essas pessoas que emigraram continuam presas ao grupo anterior por “laços de cooperação e solidariedade” No caso particular de duas das minhas informantes mulheres, que me deterei ao longo desse capítulo, o mesmo não aconteceu, o que revela ruptura dos laços afetivos com a família. Esse tipo de situação também foi encontrado na pesquisa de Durham (1984).

No momento, Bete tem um terreno e uma pequena casa de barro em Salvaterra (Ilha do Marajó-Pará). Na verdade “invadiu”⁷⁹ este terreno, junto com sua irmã. Há períodos em que vai para lá, principalmente nas férias escolares das crianças. Atualmente, sua casa incendiou (a de Santana do Aurá) e está vivendo em um pequeno barraco, com a ajuda dos vizinhos e alguns parentes que, segundo ela, “vêm de vez em quando visitá-la”.

⁷⁸ Esse é um aspecto particularmente importante em sua trajetória, pois a mudança de nome e de identidade está relacionada com a imagem de Bete a respeito de si, como nos esclarece **Goffman** (1988), na medida em que para Bete, após ter entrado para a religião “Paz é Amor”, as pessoas passaram a ter uma nova imagem de Bete, como ela mesma esclarece nesta passagem: “o pessoal falava que quem era de Salvador era macumbeiro, então eu preferi ser paraense, que não é macumbeiro, até porque eu tinha aquela coisa de caboclo, eu não sei como era, só sei que quando eu acordava eu já estava na lama, o pessoal dizia que era igual a uma cobra. O pessoal tudo falava, dizem que eu dava de cabeçada no muro, engolia fogo, mastigava milho, acho que é por isso que eu não tenho dente”.

⁷⁹ A questão das “invasões”, como denominam meus informantes, é um fenômeno recorrente na vida das famílias do Aurá. Tal situação já foi vivenciada por mais de 40% deles. Talvez isso explique, em parte, o grande fluxo das famílias de um lugar para outro, assim como a forma das famílias demarcarem o território no lixão, como se encontra comumente nos acampamentos.

Relata que hoje já se acostumou a viver e a conviver no Aurá com “os ratos e as bactérias”. Não tem outra opção, mas se queixa de estar doente e fraca. Tem vontade de se aposentar e ir morar em Salvaterra.

Embora os percursos de Maria e Bete não representem o universo total das mulheres que se deslocaram para o Aurá e nem poderei retratar a totalidade das realidades constituídas lá, ainda assim, traduzem o sentido explicativo de como o processo de organização das famílias se constrói. Assim, a partir desses dados e de outros observados no trabalho de campo, pude observar que o deslocamento determina sobremaneira a forma de organização das famílias e os seus laços conjugais. Estas relações vão se modelando paulatinamente, segundo a experiência concreta de cada migrante. As adversidades do percurso vão dando a plasticidade necessária para se faça as escolhas conjugais, sentido e concepção de família.

É também dentro desse contexto que as famílias vão educando seus filhos, pois conjuntamente com cada membro de sua família, as crianças vão incorporando e percebendo o universo em que as relações vão se construindo é, então, a partir desse “modelo” de relação, de trabalho, de valores que as referências e ideais de adulto vão se reproduzindo para as crianças. A convivência com as mais diversas formas de enfrentar a vida e sobreviver vai paulatinamente erigindo em sua personalidade os alicerces de homem e de mulher. Sem dúvida que na socialização da criança ela vai agregando novas experiências e possibilidades de interpretar e compreender essa realidade, conforme será discutido ao longo desse trabalho, mas essas vivências com os adultos vão também se constituindo em eventos significativos no percurso de suas vidas, conforme aponta o trabalho de Berger e Luckmann (1985).

3.2.3 A história de Gláucia

Um outro exemplo ilustra bem essa trajetória das mulheres. Gláucia é de Fortaleza. Sempre passou por dificuldades financeiras, tendo que morar durante seis meses no cemitério de Fortaleza. Veio por intermédio do marido para “aventurar trabalho”. Já morava há anos em Belém, mas vivia de aluguel. Vendia frutas para manter a família e o marido mendigava na rua⁸⁰. Nunca conseguiu um emprego formal na cidade.

⁸⁰ Os trabalhos de Klaas WOORTMANN (1987) nas áreas dos Alagados em Salvador e de DURHAM (1984) da zona rural para a cidade de São Paulo demonstram situações parecidas encontrada em Santana do Aurá, ou seja, a dificuldade de inserção desses trabalhadores que migraram no mercado formal, assim como o desenvolvimento de atividades de instabilidade ocupacional, subemprego e desemprego.

“[...] Em Fortaleza eu era mocinha, o cara mexeu comigo e a mãe me expulsou de casa, aí é que fui morar no cemitério. Dormia na igreja e ouvia muita voz. Tinha 15 anos, quando uma colega que trabalhava num cemitério, me chamou pra ser babá. Eu preferia morar no cemitério e vender broa. Tirava na fábrica. Comprava no apurado (comprava fiado e depois prestava conta ao dono).

Conheci um cara numa festa e fiquei buchuda e voltei pra dentro de casa. O pai tava doente e fui cuidar dele. Ele morava junto com a vó. Depois fui embora e deixei meu filho com a vó. Eu gostava de ir pra festa, a mãe nunca gostou. Foi viver a vida, morar só, trabalhava vendendo broa. Depois arrumei outro bicho de homem.

Quando voltei pra casa, mataram o pai a facada (briga de cachaça). Fiquei morando com a mãe. Conheci o Carlos e comecei a namorar, buchuda. Depois de três meses, o filho nasceu. A mãe botou eu pra fora de casa, com o filho com cinco dias - a mãe é ruim - só gostava da gente pra ajudar ela. A minha cunhada pegou o bebê, só ferida, "curubinha"⁸¹. Tem vinte anos isso.”

O marido, ela e as crianças vieram para Belém. Veio primeiro com a família, depois vieram os outros parentes de Carlos: a sogra, o sogro e os filhos. Alguns anos depois veio a Mary, irmã de Carlos. Já vivendo em Belém, porém de forma muito precária, pois não conseguia pagar o aluguel onde morava, nem garantir o sustento da família, ficou sabendo que tinha alguns terrenos que estavam dando no Aurá.

Um amigo que conhecera na rua onde morava lhe informou sobre o terreno. Imediatamente, ela, o marido e as crianças se mudaram para lá e, aos poucos, foram montando a casa. A princípio, era apenas de lona, mas depois erigiram-na de madeira, com os materiais encontrados no “xem”. Começou a trabalhar no “xem” com o marido e o filho. Lá achou um copo de prata (foi a melhor coisa que achou) e o vendeu por trinta reais. O “papa lixo”⁸² já a derrubou e ela quase morreu. “Estava entretida atrás de brinquedo, o ‘papa lixo’ veio e foi levando. O meu homem e o sogro me puxaram pra eu não cair, foi sentindo dor”. O filho e o companheiro (“homem”, como ela diz) consertam e montam ventilador, rádio, televisão, máquina de lavar.

Atualmente Gláucia não está mais morando no Santana do Aurá, ela invadiu um terreno junto com os sogros em Santo Antônio de Tauá⁸³. O marido fica com as crianças e ela vem com os dois filhos maiores (jovens rapazes) passar a semana inteira no "lixão" e só retornam aos sábados à tarde.

⁸¹ O termo "curubinha" é uma denominação genérica para se referirem as mais diversas doenças de pele que acometem principalmente as crianças.

⁸² “Papa lixo” é uma categoria nativa que denomina o caminhão de lixo que faz a coleta do lixo urbano da cidade.

⁸³ Santo Antônio do Tauá é um município do Pará próximo a Belém.

Fazem parte de sua família, como ilustrado no diagrama 3: Carlos Antônio (companheiro), Wesley, Gutemberg, Lindemberg, Sidney, Wilk, Henrique, Joel, Josias, Linda, Linda Inês e mais cinco crianças que morreram. Mary é como se fosse sua irmã (a irmã do marido) e seus filhos. Gláucia é a responsável pela família (chefe de família). O marido fica olhando os meninos. “ele tá parado, ficou cego de um lado do olho. Sentia dor de cabeça, levou uma pancada no olho lá no xem e cegou.”

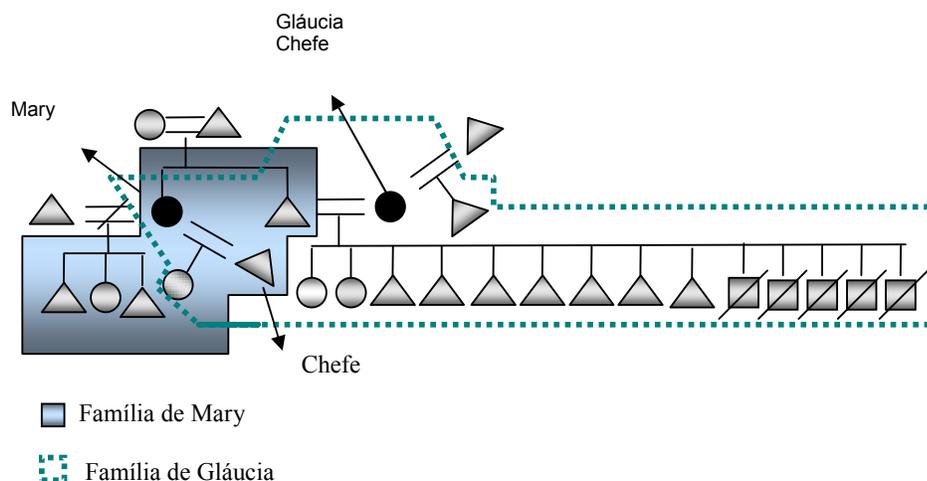


Diagrama 3 – Mostra as relações de parentesco entre as famílias de Mary e Gláucia.

Um fato me chamou atenção não só nas trajetórias de Bete e Gláucia, mas de outros moradores de Santana do Aurá: o contínuo deslocamento dessas pessoas para outros lugares. Ao que parece, os eventos de violência, as condições de sobrevivência cada vez mais precárias, o difícil acesso a bens e serviços vêm paulatinamente impulsionando-os a novos deslocamentos para a zona rural do estado. Segundo os depoimentos obtidos, esse processo vem se dando de forma gradual, pois à medida que as pessoas conseguem obter um “novo pedaço de terra”, com ajuda de um parente ou um amigo, elas vão sendo motivadas a traçar novos percursos. Aos poucos, outros membros da família também seguem acompanhando e seguindo esse trajeto, até que seja possível encontrar meios de se estabelecer e sobreviver em outro lugar⁸⁴.

⁸⁴ Durham (1984) informa que “o volume da migração interestadual aumentou consideravelmente entre 1940 e 1950, não havendo indícios de que haja declínio nestes últimos vinte anos” (Durham 1984:30). Na cidade de Belém, estado do Pará, o processo migratório foi impulsionado pela introdução de grandes projetos de desenvolvimento, que foram financiados com recursos do Banco Mundial, conforme já mencionado anteriormente, mas não existem estudos específicos na Amazônia que dêem conta de explicar o processo migratório, no âmbito da antropologia. Muito menos, encontrei na literatura dados que me informasse desse retorno das famílias para outras áreas rurais, de acordo como me referi acima. Tais

3.3 A MORAL DO TRABALHO E A DIMENSÃO DA VIOLÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS

O universo do trabalho é um dos aspectos que interfere na organização das famílias do Aurá. O longo caminho que muitas dessas famílias percorreram até chegar ali é fortemente motivado pela crença de que a emigração trará vantagens no sentido de se conseguir um bom trabalho e melhores condições de vida, com acesso à escola, moradia e um futuro melhor para a família.

Demonstrarei um caso a seguir, por ser exemplar, em que aparece o intenso percurso e as redes de sociabilidades subjacentes que permitem organizar as trajetórias dessas famílias.

3.3.1 A história de Maria Edineth

Maria Edineth é do Maranhão. Era criança quando veio para o Pará. A família é cearense. O pai veio pescar no Maranhão, acompanhado da família. A mãe quebrava coco de babaçu. De lá foram para uma fazenda no km 21, próximo da Colônia do Prata⁸⁵. O pai passou a exercer a função de vaqueiro e caseiro da fazenda. Os escassos recursos, assim como, a falta de perspectiva para os filhos impulsionou nova mudança. Deslocaram-se para o Km 88, a pouca distância de Paragominas (município do Pará), onde o casal se separou.

O pai deixou a mãe e foi para Marudá (município do Pará), abriu um pequeno comércio e começou a trabalhar. Dadas às circunstâncias de vida e a baixa rentabilidade do negócio, resolveu tentar novo trabalho em Mocajubinha (outro município paraense). Depois de já estar trabalhando lá e ter conseguido uma certa estabilidade, o irmão que o ajudava no roçado veio a falecer. Sentindo-se incapaz de sustentar, sozinho a família, retornou para Marudá.

A mãe de Edineth foi para Castanhal, onde reside até hoje. Edineth foi para Paragominas coletar pimenta do reino, como muitas famílias que moravam em Castanhal - PA. Mas como desejava estudar e a longa jornada de trabalho não lhe permitia, foi morar com

acontecimentos, a meu ver, podem se tratar de fenômeno recente, pois também esses mesmos dados foram encontrados na pesquisa de um colega de mestrado no interior de Barcarena (município paraense) que, aliás, é local de moradia temporária de uma das minhas interlocutoras. Entretanto, nesse caso específico, o retorno se dá através do cônjuge que mantém laços familiares nesse local. Segundo minha informante, o retorno se dá em períodos difíceis, para conseguir melhores maneiras de sobreviver.

⁸⁵ Colônia do Prata é uma pequena vila onde moram pessoas acometidas pelo mal de Hansen (hanseníase).

o irmão em Marudá, juntamente com o pai. Entretanto, após um ano de convivência, não se adaptou: não conseguia acompanhar o ritmo de vida das pessoas, não fazia amizades, não conseguia emprego que se sentisse produtiva. Além do mais, não pôde estudar, pois tinha que ajudar o pai, o irmão e toda a sua família nas despesas da casa.

Sentia enorme desejo de estudar e não suportava mais tantas mudanças em sua vida, assim como enfrentar a dura jornada de trabalho que era obrigada a se submeter, em decorrência da necessidade de sobrevivência. Assim, foi para Castanhal morar com a mãe. Mas, ao chegar a Castanhal, deparou-se com outra realidade, pois não conseguiu mais emprego e sua mãe não podia lhe oferecer nenhuma possibilidade de permanecer naquela cidade apenas para estudar.

Novamente retornou a Marudá para trabalhar com o pai “no curral” (pegar peixe e capinar). Depois se mudou para o km 48, pois, a família estava passando necessidade e foi em busca de novas oportunidades. Sua família também já não suportava viver em Marudá, pois a permanência na cidade já não oferecia as condições necessárias para a família se manter.

Voltou para Castanhal e nesse período, já na década de 80, conheceu seu atual esposo. Começaram a namorar e o relacionamento foi ficando mais sério. Assumiram compromisso mútuo de se “juntar”. Edineth passou a morar com o companheiro. A mãe de seu companheiro já residia em Santana do Aurá, juntamente com outra irmã. Já estavam inseridos na coleta do lixo e lá tinham casa própria e trabalho. A mãe de seu esposo informou-lhe das possibilidades de conseguir uma casa para o casal. Com esta perspectiva, resolveu junto com o companheiro se mudar para Santana do Aurá.

Quando chegaram a Santana do Aurá foram morar com a sogra, que possuía uma casa lá, mas estava na iminência de vendê-la. Então, não tendo outra opção teriam que voltar para Castanhal. Ivanilda (uma conhecida que morava no Aurá) disse que tinha uma casa e que podiam habitá-la até que conseguissem um terreno. Compraram o terreno de Ivanilda com o pouco dinheiro que conseguiram poupar.

Era época de inverno – de chuvas, na Amazônia – e o marido estava sem serviço. Não tinham dinheiro para comprar material para construir a casa, só puderam comprar lona, então fizeram um barraco. Certa vez o barraco desabou com a forte tempestade, mas depois conseguiram amarrá-lo e levantar a casa novamente. Nesse período, já tinham filhos e a casa desabou em cima das crianças, mas nada de grave aconteceu com elas. Vai fazer três anos que

estão no Aurá.⁸⁶ O marido arrumou serviço na fábrica de reciclagem⁸⁷ e conseguiu construir a casa de tábuas. Edineth trabalha como manicure e faz crochê. Não vai para o “xem”, nem o marido. Considera como família o esposo e as filhas.

Sayad e Bourdieu (1964), assim como Sergio Leite e Rosilene Alvim (1990) mostram como as mudanças no ritmo de vida das pessoas que se deslocaram e se apropriaram de formas diferentes do trabalho, tempo e espaço são tensionadas pelas referências que trouxeram de seus locais de origem. Esses autores discutem o processo de rearranjo dessas pessoas às novas situações e transformações no modo de vida.

Ao discutir, por exemplo, os deslocamentos das populações camponesas da Argélia, Sayad e Bordieu (1964) mostram como elas foram criando estratégias de manutenção dos antigos hábitos e costumes tradicionais. Como apesar da forte pressão de ordenamento e racionalidade do espaço e das novas condições de trabalho nas agrovilas, tendo os camponeses que se submeter a um esquema de trabalho assalariado, ainda assim, eles redimensionavam essa experiência a partir dos referenciais de vida no campo. As construções das casas, as pequenas plantações nos bidês dos banheiros, permitiam preservar e manter vivas essas experiências.

Sergio Leite e Rosilene Alvim (1990) ao discutirem, por exemplo, a situação das famílias que foram recrutadas do nordeste (estados de Pernambuco e Paraíba) para serem inseridas nas indústrias têxteis de São Paulo, de outra forma e dentro de um outro contexto, mostram também, como as famílias criaram estratégias de sobrevivência de manutenção do grupo social. Nesse caso particular, eles se referem, principalmente, às famílias que contavam com maior número de mulheres. A partir de sua composição interna os funcionários das empresas contratavam-nas e as preparavam para a inversão dos papéis no trabalho. Assim, a entrada na vila e no mundo do trabalho provocava uma ruptura no modo de vida social dessas famílias, já que eram camponeses e, portanto, tinham referenciais diferentes tanto na organização do trabalho como no grupo doméstico. O ritual de passagem, “ritual institucional”, como falam os autores permitia a incorporação a um novo ritmo e forma de inserção no mundo operário. O referido ritual institucional de que fala Sergio e Alvim tinha o objetivo de demarcar as novas funções e tarefas (muitas vezes humilhantes de cada membro

⁸⁶ Essa entrevista foi concedida em junho de 2005.

⁸⁷ A fábrica de reciclagem é um lugar onde o lixo é reciclado para exportação, conforme já demonstrado no capítulo anterior.

da família) para assegurar a produção da força de trabalho das mulheres, tendo em vista suas habilidades manuais. A forma como essas mulheres estrategicamente não somente garantiam sua permanência na fábrica, mas, sobretudo, constituíam o papel de liderança nos movimentos que se sucederam para se contrapor ao controle e dominação dos patrões, releva muito da forma como se apropriaram desses mecanismos, mas também revela como através da memória coletiva, conseguiram manter e reproduzir no universo das fábricas, as condições de reprodução de seu grupo social, garantindo, portanto, sua continuidade e manutenção.

Eunice Durham (1984) também discute que a trajetória das famílias que emigraram é fortemente marcada por várias tentativas frustradas de adaptação ao ritmo de vida da cidade. Este fato os leva a tentar vários tipos de atividades. Entretanto, quase sempre essas pessoas preferem trabalhar em algo que lhes dê certa autonomia, aos moldes do ritmo de vida ao qual já estavam habituados na zona rural.

Várias vezes ouvi depoimentos de pessoas no Santana do Aurá em que diziam ser preferível trabalhar no “lixão” a terem que viver humilhados pelo patrão. Diziam: *lá, no xem não tem horário e nem ninguém me mandando*. Assim, essa atividade, por mais penosa que possa parecer, tem para eles um sentido que lhes permite ser autônomos, donos de si e de seus próprios meios de vida. Cheguei várias vezes, durante o trabalho de campo, a me perguntar como as pessoas suportavam ficar no “lixão”? Quais as razões de estarem ali? E o que garantia a permanência dessas pessoas naquele lugar?

Para essas questões tive algumas respostas. A primeira delas, a principal, é que os moradores que vivem no Santana do Aurá encontraram um lugar - um teto para morar - de onde ninguém os tirará. Não se sentiam pressionados e com medo de não poderem pagar o aluguel e as despesas que comumente se paga no centro da cidade. Como diz Aldinéia: “[...] é melhor morar aqui do que ficar pulando de galho em galho”.

Um outro fator, mas não menos importante que o primeiro, era o fato de ali não ter a vida agitada da cidade, ou seja, há a “tranquilidade”⁸⁸ para as crianças brincarem, o espaço livre, a aproximação com os vizinhos. Um outro motivo seria o fato de não conseguirem se manter seguros em emprego nenhum, ou simplesmente, não o terem

⁸⁸ Tranquilidade entre aspas porque ali é uma área de muitos eventos de violência, principalmente nos últimos anos, conforme já mencionado no capítulo anterior.

conseguido, principalmente por causa das qualificações que a maioria dos empregos exige e que os “catadores” não possuem.

Constatei que a grande maioria dos “catadores”, antes de chegarem a “bagulhar” no “lixão”, estavam no “mercado informal”. Isso quer dizer, sem um emprego fixo remunerado, sem vínculo empregatício e sem estabilidade no trabalho. Tentavam sobreviver de “pequenos bicos”, ou seja, venda de comida, conserto e reparo de pequenos problemas em casa de família, lavando e passando roupa, capinando terreno ou sendo ajudante de pedreiro em obras.

Em geral, a situação de catadores no Aurá representa, para muitos, a última possibilidade de sobrevivência, já que após várias tentativas mal sucedidas de conseguirem um trabalho, o “lixão” surge como um último estágio de sobrevivência. Uma realidade que depende única e exclusivamente do esforço e da capacidade de suportar as inúmeras dificuldades de conviver nesse ambiente insalubre.

Ademais, um fator preponderante em toda essa convivência é o fato em si da autonomia e independência que a atividade lhes permite. Sentem-se como se estivessem gerindo seus próprios negócios.

Cynthia Sarti (2003) coloca que a questão do trabalho para os “pobres” tem um valor moral, pois ele é a representação de seu *status* social, é o meio através do qual o indivíduo se torna socialmente valorizado, assumindo uma concepção de ordem social.

No Aurá, o aspecto da atividade no “lixão”, que os “catadores” chamam de “bagulhar”, assume uma dimensão simbólica importante para eles, à medida que essa atividade incorpora uma lógica diferente de perceber o “trabalho” em relação à forma capitalista. O “trabalho” pode representar o elo de sociabilidade entre as famílias e as demais pessoas que convivem ali dentro, assim como o meio de sobreviver e garantir de forma digna seu sustento, sem ter que roubar para garantir a sobrevivência da família.

Para Socorro, moradora do Aurá:

“ [...] é melhor trazer o filho para trabalhar que deixar ele na rua, pra aprender coisa ruim. Eu acostumei meu filho a trabalhar desde de pequenino, ele se acostumou a trabalhar e não a charlar. Ele não fica mexendo com as coisas dos outros por aí, tem muita mãe aí no xem que se mata pra dar do que beber e fumar pro filho. Não crio o meu filho de cara pra televisão, crio o meu filho pra ser chefe de família, ele é o homem da casa”.

Vejamos de forma mais particularizada como se dá o trabalho no Aurá. A convivência no processo de “trabalho” dos “catadores” envolve toda a família: o pai, a mãe, o filho, a tia, a sogra, dependendo de como a família está constituída, conforme já discutido no capítulo anterior. Além do mais, é ali no “xem” que as mais diversas relações se estabelecem: relações amorosas, relações comerciais, relações de competição e também de solidariedade. O “xem” parece funcionar, muitas vezes, como extensão da própria casa, pois é lá que os conflitos domésticos são resolvidos, que “os acertos de contas” são ajustados, além do que, é lá que se expressa em toda a sua dimensão, a hierarquia dos diversos agentes ali presentes, cada um tendo um lugar (muitas vezes colocado em xeque pelas habilidades adquiridas no exercício da catação).

Explico melhor: a mulher, em muitas situações, passa a ocupar um lugar que é predominantemente destinado ao homem, ou seja, negociar com o “sucateiro”, “bagulhar” produtos que estão expostos a maiores riscos (perto do trator, próximo aos “bandidos”⁸⁹). Isso, de alguma forma, acaba gerando determinados conflitos, na medida em que se torna difícil romper com essa estrutura hierarquizada dos papéis feminino e masculino. Por isso, muitas delas, se valem de relações com os parceiros, às vezes “marginais”, “usuários de drogas” e /ou alguém que possua uma rede de relações que facilite sua inserção no processo de comercialização do lixo.

Há, na verdade, duas situações diferentes. Uma expressa através das rivalidades existentes, muitas vezes, entre o homem e a mulher, já que há uma grande instabilidade nas relações conjugais, no sentido em que essas relações estão muito relacionadas com a possibilidade de sobrevivência e proteção. A outra situação, a qual me referi anteriormente, é relacionada com os agentes (“catadores”) que não fazem parte da lógica de organização das famílias de Santana do Aurá. Esse é um aspecto que merece maior detalhamento, pois a presença de agentes externos, refiro-me, aos novos “catadores” oriundos de recentes ocupações nos arredores do “lixão”, somados à rotina e ao modo de vida dos “catadores” que já estão ali há muitos anos, tem provocado imensa instabilidade, insegurança e conflitos para os moradores de Santana do Aurá.. Principalmente porque a forma e a lógica da catação está inteiramente relacionada com o uso de drogas e da violência.

⁸⁹ São denominados de "bandidos" os homens que pertencem a outras áreas distantes de Santana Aurá que usam freqüentemente a violência na catação do lixo..

A situação da violência está atrelada ao intenso tráfico de drogas que está ocorrendo dentro do "lixão". Como lá é um lugar de difícil acesso, contornado de matas e de rios, fica sendo um lugar atrativo para esse tipo de negociação. Ocorre que, muitos "catadores" estão entrando nesse circuito das drogas. Os inúmeros obstáculos para conseguir garantir o próprio sustento, decorridos do número crescentes de "catadores" advindos das ocupações vizinhas, além da pouca qualidade do lixo, que cada vez mais vem piorando, conforme já mencionei no primeiro capítulo, decorrente de outras práticas de reciclagem na própria cidade, tem impulsionado muitos "catadores" para o tráfico de drogas.

Os episódios frequentes de violência têm crescido significativamente, pois além de comercializar o produto dentro do "lixão", os receptores do produto demarcam o território, chefiam e agenciam a prostituição, além de intimidar rotineiramente os consumidores (pois muitos "catadores" consomem o produto para suportar o odor e todas as condições insalubres que a rotina da catação lhes impõe) que não conseguem "saldar suas dívidas". Aliás, os "acertos de contas" têm sido uma das causas mais frequentes de assassinato no local. Também é possível presenciar um grande número de pequenos furtos, geralmente associados aos objetos de maior valor já coletados e separados pelo "catador", como: "rider", alumínio e "pet". Mas em algumas situações, a própria fome impõe a competição e disputa por restos de comida. Canivetes, terçados, facas e o próprio gadanho são as principais armas com que eles conseguem ameaçar o outro e obter seus bens.

Em meio a tudo isso, as crianças convivem, presenciam e comentam sobre os assassinatos e os assaltos, sentindo-se, muitas vezes, amedrontadas, pois cada vez mais alguém de sua família ou um conhecido próximo vai sendo vítima dessa situação. As famílias do Santana do Aurá protegem-nas como podem. Levam os filhos para o "lixão" e mostram as situações, ensinam-nas como se defender. Arrumam estratégias, como: participar da vida religiosa, cuidar da casa e da família, além de trabalhar, tendo nessas atividades a apreensão de valores importantes para salvaguardar a integridade e a boa conduta dos filhos. Detalharei melhor esse universo relatando o depoimento de Socorro.

3.3.2 A história de Socorro

Socorro nasceu no Guamá (bairro periférico de Belém) e Marcus seu companheiro é de Peixe-Boi município do estado do Pará. Ela veio do "lixão" da Perimetral, onde trabalhava anteriormente. Trabalhou também no "lixão" da Cremação (bairro de Belém). Não

viveu com o pai dos filhos, “era só curtição”. Veio para Águas Lindas, morar em quarto alugado. Terminava e voltava com o pai da filha. Depois ele morreu atropelado pela caçamba de lixo. Então, Socorro foi trabalhar no “xem”.

Segundo ela:

[...] lá não tem pudor, é uma cidade sem lei. A lei é: se falar alguma coisa, a boca amanhece só formiga – se falar de drogas. Tem muita menina nova que faz sem-vergonhice. Tem menina que vai pro xem pra luxar, mas têm umas que só se prostituem. Isso vai do caráter. Eles transam lá mesmo, basta ter uma casinha, um papelão. A gente não pode estar observando, mas com três, quatro meses aparece o resultado.

Discuti com a assistente social. O guarda protegia as meninas que ficavam se alisando com ele. Antes era muita sacanagem. Tudo o que você pensa. Antes tinha que pagar R\$ 1,00 real pro guarda pra poder bagulhar. Os guardas queriam só as molequinhas. Uma vez levei a minha filha e o guarda deu em cima dela. Outra vez, levei o meu filho criança e foi pegar bombom e o guarda queria atirar. Ele saiu lá com um canhão de assalto.

Tem caras que só vão pra roubar. É uma cidade sem lei. Hoje chegou o carro da polícia. Estamos excluídos de tudo. Eles só entram e ficam parados. Lá tem gente que é pai de família e vai trabalhar. Um rapaz, pai de família foi roubado brigou e ficou cego. Lá só tem a linguagem da pornografia baixa. Lá é cruel (tem gente com canhão, arma, facão).

Hoje o rapaz que assaltou (o Binha), que só quer ser o tal, tem graça? Passa escorando pra provocar, brigar, pra arrumar confusão. Mas lá eu dou facada mesmo, “lá filho chora e mãe não vê”. Lá querem espancar até matar, perversidade. Outro dia, um drogado roubou todo o bagulho. Saio às oito hora, só com o café, pra bagulhar, com o cheiro podre, sol, chuva e pra roubarem todo o seu material? Já trabalho lá há dezesseis anos (ela e o marido).⁹⁰

De acordo com Socorro, o companheirismo entre o casal é grande, já que ele ajudou a criar os filhos dela. Queria que o filho trabalhasse e sentisse o que é um pai de

⁹⁰ Elias (2000) em sua obra “Os Estabelecidos e os Outsiders” realizou seu estudo em uma comunidade de periferia urbana em Winston Parva (nome fictício), de povoação da classe trabalhadora que estavam ali estabelecidos por longo período, em relação aos novos membros de uma nova povoação que ia chegando às proximidades desse povoado. Segundo sua pesquisa, o sentimento de diferenciação entre os moradores antigos em relação aos novos era fortemente marcado por estigmas de inferioridade. Os “outsiders” ou os de fora lhe despertavam sentimentos de inferioridade e desprezo em relação ao “establishment” ou aos estabelecidos, que carregados de carisma grupal e virtude, sentiam-se superiores aos de fora. Assim, segundo o autor, essa superioridade social e moral demarcam uma relação de poder dentro do contexto das diferenças étnico-raciais e de gênero, a fim de se criar coesão grupal e identidade social. Podemos associar o estudo de Elias ao que vem se processando no Aurá, pois as disputas por lixo e espaços, constituem-se em categorias quase sempre acusatórias e deslegitimadoras estando, portanto, interligadas a sentimentos de poder de um grupo sobre o outro. Todas as vezes que conversei com os “catadores” de Santana do Aurá e nessas ocasiões falávamos dos outros “catadores” de outras áreas, eles sempre se referiam a eles de forma pejorativa, tais como: “bandidos”, “marginais”, “perversos”. Para eles, era como se essas pessoas pertencessem a um universo inferior ao seu. Além disso, era como se no Santana do Aurá também não tivessem pessoas com as características que eles recriminavam. Esse aspecto parece estar relacionado com a percepção inversa dos “catadores” de Santana do Aurá no que diz respeito às pessoas da cidade de Belém. Também, ao que me parece, estão contidos, nesse caso particular, de forma inversa, sentimentos de inferioridade, pois eles se sentem, em relação aos moradores de Belém, como “carapirás” (que vivem das sobras), com menos direitos que as pessoas da cidade. Referem-se as pessoas da cidade de fora generalizada, mas também com desprezo como “filhinhos de papai”, “barões”. Eles pouco saem dos contornos do Aurá, a não ser em situações de doença, visita a um parente ou outras necessidades de trabalho. Por outro lado, também se percebe o mesmo sentimento, nesse caso particular dos moradores de fora (da cidade e entorno), com relação aos de dentro (do Santana do Aurá) em que os sentimentos de “piedade”, de “nojo” e de “ignorância” se mesclam com a percepção de que são pessoas com menos acesso à informação e, portanto, destituídas de conhecimento e saber.

família. Acha que ele ainda tem aquela coisa de criança. Para ela “a vida não é peteca e nem bola de gude. Deus que me perdoe! Mas, eu queria ter um filho só”.

Socorro mora no Santana do Aurá desde a época em que a moeda mudou do cruzeiro para real. “Foi em junho, quando o Brasil ganhou a Copa. Era no tempo do Bagé”⁹¹, afirma Socorro.

Fazem parte de sua família: Marcus, o companheiro; os filhos, Luis Ricardo e Sabrina, Raimunda, sua mãe – que não mora no Aurá – Maria, a irmã –moradora do bairro do Marco em Belém – Jorge, irmão – morador do Aurá e Márcia, sua irmã, que mora no município de Ananindeua.

Para o casal, a chefe da família é “a matriarca” – mãe de Socorro – “que é a responsável, ela chega e conversa, é matriarca e patriarca. Passa o dia em casa. A gente conversa, mas se eu achar que não tá certo, eu gesticulo. É melhor uma picada de cobra do que um sorriso de sogra, mas eu prefiro o sorriso da sogra”, diz Marcos. A sogra o sustentou por dois anos, quando ficou doente, torceu o tornozelo jogando bola. A seguir o diagrama 4 ilustra o sentido de família para o casal:

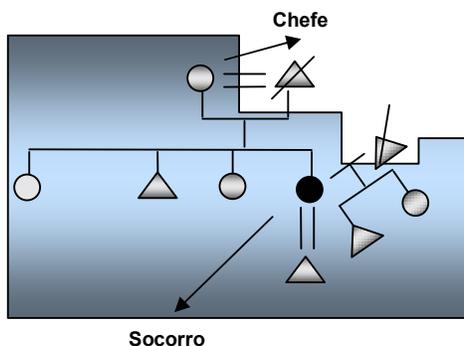


Diagrama 4 – Conceção de família para Socorro e Marco

3.4 QUEM É O CHEFE DA FAMÍLIA? ARRANJOS FAMILIARES E PAPÉIS SOCIAIS

Ao retratar as famílias de Santana do Aurá e suas diversas configurações, é preciso deixar claro que não se trata de reificá-las como categorias homogêneas, mas

⁹¹ "Bagé" é como os nativos denominam o ônibus que circula no Aurá.

antes se despir de seu sentido ideológico e mostrar suas construções simbólicas. Com isso, quero dizer que muito mais do que traduzir seus códigos e linguagens pretendo interpretar seu sentido cultural. Entretanto, ao optar por essa abordagem, não significa que essas construções culturais em si sejam independentes do contexto social mais amplo.⁹²

Para um melhor entendimento desses arranjos familiares, a seguir, o caso de quatro irmãs que me parece exemplar para tratar mais enfaticamente dessas configurações.

3.4.1 A história das quatro irmãs

Aldinéia, Adriana, Aldiléia e Aldaíza são originárias de Belém. Moravam no bairro do Marco em Belém. A outra irmã vive no Maranhão e Aldinéia foi criada em Cametá, (cidade situada ao sul do rio Tocantins, no Pará), pois, quando pequena, seu pai “a deu” para uma comadre criá-la. Seus pais são do interior de Cametá.

- Aldinéia tem quatro filhos;
- Adriana possui um companheiro e tem três filhos;
- Aldaíza tem três filhos e vive com o companheiro e se diz “amigada”. É a única das irmãs que mora em Belém, no bairro da Marambaia.

Adriana cuida das quatorze crianças, enquanto as outras irmãs trabalham no “xem”. Cada uma trabalha para si, entretanto reservam uma parte do que ganham para a irmã que fica “vigiando” as crianças. Vivem em casas separadas. Aldaíza e as irmãs se encontram todos os dias para irem em companhia uma da outra “bagulhar” no “xem”.

Aldiléia pouco conviveu com a família de origem. Chama de mãe para a mãe adotiva e só veio se encontrar com as irmãs depois de adulta. Diz que não se adapta no Aurá. Preferia morar em Cametá, pois “a vida lá é melhor. Todo dia tem peixe, camarão, o açaí pra comer, não é essa confusão”. Sente-se melhor vivendo no interior, mas se ressentido de viver distante das irmãs. Aldiléia diz que já estavam cansadas de “pular de galho em galho” em Belém. Elas vieram aos poucos para Santana do Aurá. Segundo ela “quem veio primeiro foi a

⁹² Cynthia Sarti (2003) ao se referir aos estudos de famílias pobres em bairros periféricos da cidade de São Paulo, aborda essa questão de forma bastante contundente. Segundo ela, ao se abordar o tema há de se entender a dinâmica social dos grupos e, em particular, das famílias no contexto sócio-político. Sarti se refere especificamente ao abordar esse assunto, à forma como se deu o processo de migração das populações mais pobres para os centros urbanos, a partir de um modelo de desenvolvimento. Sua análise parte do estudo já mencionado de Eunice Durham, sobre o processo de migração das populações do nordeste para o sudeste do país. Ao estudar as matizes familiares e sua redes de parentesco como estratégia de sobrevivência nos centros urbanos, essas famílias não se constituem em estruturas isoladas e autônomas, mas que pelo contrário, fazem parte das relações sociais mais amplas, assim como não se pode afirmar que esses grupos se constituem em sobrevivências das tradições do mundo rural, mas ao contrário, são elementos estruturantes dessas relações sociais entre a vida rural e urbana.

tia Socorro. O marido soube da ‘invasão’ e comprou o terreno. Depois veio o tio Jorge, que trabalha com artesanato. Tinha dificuldade de ficar em Belém, não conseguia emprego nem lugar certo para morar”.

Elas moram a sete anos em Santana do Aurá. O companheiro de Aldiléia trabalha com pesca e não se “acostuma” no "lixão". No início do período da pesca, em março, a família toda se desloca para Barcarena, município paraense, próximo a Belém. Por outro lado, quando ocorre a “estiagem”, todos voltam para o “xem”. De junho a julho trabalham no “xem” porque a pesca fica escassa em Barcarena.

O irmão está também trabalhando no “lixão” nesse momento, mas residia em Belém com a avó. Aldinéia é "catadora", mas mora em outra residência, porém, durante a semana, trabalha junto com as outras irmãs no "lixão". Adriana trabalhava em casa de família, mas atualmente dedica-se aos cuidados dos filhos e sobrinhos.

Aldiléia relata que namora no “lixão”⁹³ e que tem vários namorados. Diverte-se no Márcio⁹⁴ e no bar da Joana em alguns finais de semana. As irmãs não costumam freqüentar a igreja, dizem que tem muita fofoca. Aldiléia, porém, entrou para a igreja⁹⁵ e se diz batizada, mas sua irmã discorda, acha que eles falam “muito mal, se incomodam com tudo, com as amigas e o pastor força as pessoas a se batizarem. Ele escolhe as amigas, não deixa as pessoas falarem com 'papudinhos’”⁹⁶. Adriana se refere ao pastor da Igreja Quadrangular, também evangélica. Afastou-se, porque o pastor ameaçou lhe tirar a casa, se não freqüentasse assiduamente a igreja.

As tarefas de casa são divididas. Adriana cuida das crianças, acorda cedo e faz o café com pão, às vezes, com “ki-suco”, que é comprado com a colaboração de todas as irmãs. Nem sempre é possível alimentar os adultos, sendo, portanto, dada preferência para as crianças. As crianças brincam na frente da casa. Adriana não as deixa irem para outro lugar e “fica de olho” nelas o tempo todo.

As crianças brincam entre si. A Vanessa (que é a maior e tem sete anos) gosta de brincar de pipa. A mãe diz que ela gosta de brincadeira de menino, “para ela só falta um

⁹³ Essa entrevista foi concedida em 13/07/2004, período em que Audiléia estava separada do atual companheiro.

⁹⁴ Bar onde as pessoas se encontram para dançar, jogar sinuca, beber cachaça e tomar banho de piscina sem nenhum tipo de tratamento de água.

⁹⁵ A igreja a qual se refere é a "Deus é Amor", uma igreja evangélica. Aliás, tratarei mais detalhadamente no capítulo seguinte sobre esse assunto, pois esta é uma atividade muito presente no processo de socialização das crianças.

⁹⁶ "Papudinho" é a denominação nativa para as pessoas alcóolatrás.

pinto”. Adriana manda que se “banhem” às cinco horas, sozinhos. Só ajuda os menores, o de nove meses e o de um ano de idade. “Eles tomam banho toda hora, se deixar”. Eles tomam café da manhã, merendam às três horas quando tem dinheiro para o pão com ki-suco.

Segundo Adriana, se não os chamar para dentro de casa, eles passam o dia todo brincando “eles brincam de pipa, bola, fazendo bolinho de areia, pegam garrafa, lata e brincam todos juntos, moleques e molecas”. Às vezes eles fogem para o campo, mas Adriana tem que ir atrás, “porque lá tem muito menino malino”⁹⁷. Eles brigam muito. “Às vezes só tem um brinquedo que eles trazem do xem”

Na hora de dormir, as crianças dormem todas juntas. Duas crianças em cada rede. No colchão dormem a mãe e mais duas crianças. Aldiléia diz que faz sexo em casa. Coloca as crianças para dormir e mantém relações sexuais com o companheiro, mas na intimidade da casa, de noite, sem que ninguém possa presenciar. Fala que preserva muito as crianças, que estão em primeiro lugar.

Adriana comenta que “quando é preciso, bato nas crianças, quando elas desobedecem, chama palavrão ou quando fogem de casa ou do quintal, mesmo que não seja o meu filho, recebo ordens das mães para meter a peia”. Ela diz que o companheiro com quem vive não é pai de seus filhos. Briga com o companheiro, pois ele é “muito apegado com a mãe, acho que ela quer ele pra ela”. Segundo Adriana, ele ajuda pouco com as despesas da casa. Todas as irmãs afirmam que os “companheiros” e/ou “namorados” colaboram pouco nas despesas da casa.

A casa onde vivem é muito simples, todas as duas casas possuem um único compartimento, um fogão velho, rede, colchão, panelas, brinquedos quebrados, garrafa térmica, cortina, mosquitoireiro, tapete e estante. Há também uma televisão e uma máquina de lavar já bastante deteriorada⁹⁸, todos encontrados no “xem”, com exceção da televisão.

Adriana diz que fazem parte de sua família os filhos, o companheiro, o irmão e as irmãs. Seus parentes são: Elizete (tia), Jorge Luis (esposo de Elizete), Socorro (tia), Luis (irmão do pai de Adriana), Aldaíza (irmã que, com Antônio, tem quatro filhos). O cunhado que considera como irmão (Marinaldo), Aldiléia (Bola) e Ananias, que têm dois filhos (Luis Paulo e Abraão).

⁹⁷ Menino malino, na linguagem nativa, significa menino agressivo, que bate no outro, que brinca de forma violenta.

⁹⁸ Aldinéia disse que essa máquina foi sendo montada aos poucos, achou primeiro o motor e depois as outras peças.

A hipótese de Claudia Fonseca (2000), segundo a qual, por trás da estrutura matrifocal, ou seja, aquela em que as mulheres enquanto mães se tornam a força, o centro das relações familiares, há uma presença masculina que lhe dá sustentação, parece se confirmar nos espaços domésticos de Santana do Aurá. Embora muitas mulheres se considerem chefes de família, percebe-se constantemente a presença masculina, seja ela secundarizada ou não. Quero dizer com isso, mais claramente, que apesar da organização do espaço doméstico, no que diz respeito ao cuidado com as crianças do orçamento doméstico ser conduzido pela mulher, há sempre presente a figura masculina, seja ela reconhecida ou não por ela.

3.4.2 As histórias de Vera e de Antônia

Ao entrevistar Vera, outra informante de minha pesquisa, a respeito da constituição de sua família, ela afirmou-me não ter marido, mas em todas as vezes que fui a sua casa, percebia a presença de um homem, que volta e meia estava por ali. Ao lhe perguntar sobre este fato, embora se tratasse do pai de suas filhas, ela se referiu a ele como se fosse um amigo sem muita importância, usando um tom meio pejorativo. Na verdade, por trás desse não reconhecimento há um código moral. Após algumas entrevistas, sua mãe me revelou que ele era um “bandido”, “marginal” e que envergonhava toda a família, pois batia em sua filha e ainda trocava por droga tudo o que ela (Vera) conseguia com seu trabalho.

Fazem parte da família de Vera: Maria (mãe), Benedito (pai), Elizângela (filha), Elisandra (filha que mora com o pai), Elias (filho), Júnior (filho), Alicia (filha), Cindy Diana (filha), Miltinho (filho que mora com a sogra).

Parentes: José Roberto (irmão e marido da Carmen). Chefes de família: Maria e Vera. O diagrama 5 pode descrever melhor essas relações:

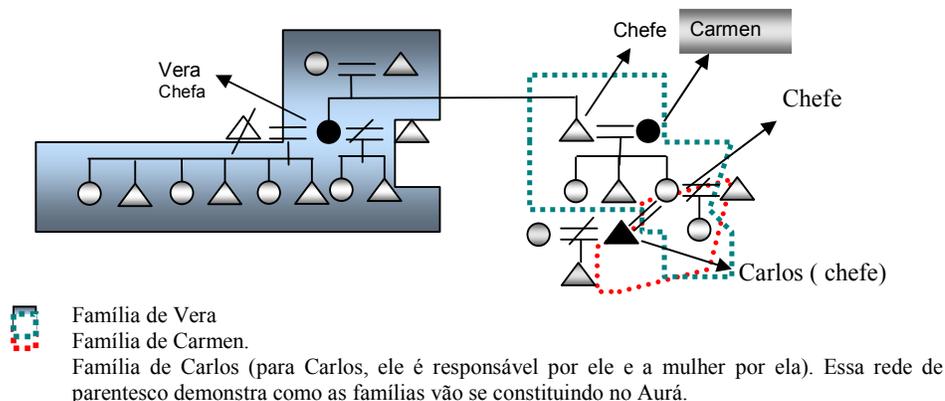


Diagrama 5 – Mostra as relações de parentesco entre as famílias de Vera Carmem e Carlos.

Em um outro caso concreto, o de Antônia, percebo o mesmo tipo de explicação. Antônia considera-se chefe da família, já que toma todas as decisões, é responsável pelo orçamento doméstico e define as tarefas e afazeres domésticos dos demais membros da família. Embora tenha um companheiro, não o reconhece como membro da família, pois além de ser mais novo que ela, não mantém laços matrimoniais formais e, portanto, não deve assumi-lo publicamente.

A Família dela é: Meriam Costa (filha), Thiago Costa (filho), Paulo Henrique (neto), Ana Carolina (neta). São seus parentes: José Santos (amigo), José Roberto (pai das crianças vive por aqui durante o dia, mas não dorme na casa). Chefe da família: Antônia Costa é a responsável. Veja a seguir o diagrama 6 de parentesco de Antônia:

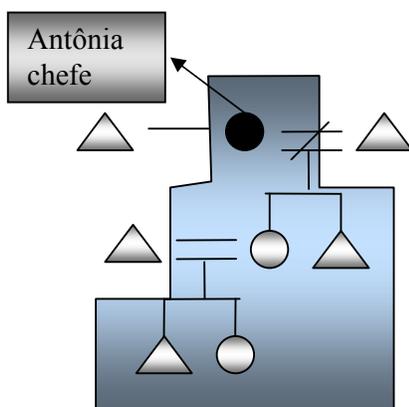


Diagrama 6 – Sentido de família para Antônia.

No levantamento realizado, podemos constatar melhor como se estabelecem e são representadas as percepções das mulheres sobre ser chefe da família. Das cinquenta famílias que entrevistei apenas quatorze mulheres se consideravam chefes da família. Essa situação se configurava principalmente através da relação chefe de família e provedor da casa. Vinte e cinco consideravam o homem chefe da família, porém, em muitas situações, o homem estava presente no momento e na hora da pergunta, mas não que necessariamente ele fosse o chefe de família efetivo. Oito consideravam que o chefe era ambos, ou seja, o casal. Em uma outra situação, a mulher achava que o marido era o chefe, mas ele pensava que eram os dois. Um outro caso revelou que a chefia era exercida por duas irmãs. Entretanto, também se constatou que a mulher achava que são chefes os dois, mas o homem pensava que era ele o chefe.

Conforme ficou demonstrado no referido levantamento, os papéis sociais têm uma flexibilidade muito grande. Dependendo do lugar e das representações que lhes refletem na imagem externa, tanto do homem quanto da mulher, ele sofre variações. Ao visitar e conviver, por um período de dois anos (intercalados), com as cinqüenta famílias de Santana do Aurá, percebia o quanto era forte a presença feminina, tanto em casa como na organização do trabalho. Sozinhas, as mulheres se sentiam confiantes no papel de chefes da família, mas com a presença dos maridos, destituíam-se desse lugar. Ainda mais porque muitos deles faziam questão de assumi-los, em minha presença.

Essa configuração de papéis também vai se revelando e sendo representado nas brincadeiras e jogos das crianças. A reprodução desses papéis nas brincadeiras possui a mesma plasticidade e arranjos característicos dos adultos. Ao presenciar uma brincadeira entre quatro meninas e um menino no quintal da casa de Ana Beatriz (uma das crianças, minhas interlocutoras), percebo como o papel da mulher possui uma forte presença. Vanessa, a mais velha (de oito anos) das cinco crianças, assume o papel de mando, sendo que ela representava o papel da mãe. Coloca ordem na casa, distribui as tarefas e diz que tem que trabalhar para conseguir o alimento dos filhos. Não se verifica a presença do marido nessa brincadeira. O menino que faz parte da brincadeira assume o papel de filho, assim como as demais meninas. Sua autoridade e mando são decisivos para dar continuidade às brincadeiras. Os demais participantes lhe obedecem e desempenham seus papéis de filho sem questioná-la.

Tal situação da chefia feminina presente no Santana do Aurá pode ser reflexo de como o lugar da mulher vem assumindo destaque nas relações conjugais na região norte. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a proporção de crianças menores de sete anos que vivem em famílias chefiadas por mulheres e que recebem menos de dois salários mínimos é de 58,2% em 2000. Se considerarmos a proporção de pessoas responsáveis pelos domicílios, por sexo, segundo as grandes regiões, o percentual de mulheres responsáveis pelos domicílios na região norte é de 22.9%, sendo o percentual para todo território nacional de 24.9%.

3.5 APRENDIZADO DO TRABALHO COMO CATEGORIA PARA SOCIALIZAR

Claudia Fonseca (1995), ao estudar a circulação das crianças em bairros populares de Porto Alegre, constata que a convivência da criança no espaço das casas é muito freqüente porque, segundo a autora, as crianças circulam entre a casa da avó, da tia ou até mesmo dos vizinhos, ou seja, entre um número extenso de parentes no cotidiano dessas famílias. Sua pesquisa parte da hipótese de que a circulação é um importante elemento estrutural das redes de parentesco nas camadas populares.

Não é raro encontrar na dinâmica das famílias do Aurá crianças cujos cuidados são delegados à avó. Essa ao que parece, dentro do espaço doméstico, representa o papel de mãe das crianças, na medida em que a mãe biológica está envolvida na tarefa de prover o orçamento familiar, assim como, também, é muito comum observar outras irmãs morando juntas ou próximas para que os laços de solidariedade lhes permitam conduzir e administrar o cotidiano das crianças, conforme já mencionado anteriormente.

É possível também perceber como as crianças maiores vão assumindo o papel de mãe ou pai, pois na socialização das crianças menores sempre está presente um irmão ou irmã mais velho(a) que, junto com a avó, tia, tio, pai ou outro parente vão aprendendo como administrar o espaço doméstico. Portanto, desenvolver a habilidade para cuidar da casa ou aprender um ofício torna-se essencial no processo de socialização dessas crianças, que aprendem desde cedo que o trabalho é um código moral indispensável para garantir a identidade social.

Percebe-se também que essas crianças dispõem de uma rede bastante extensa de cuidados. A circulação de que fala Cláudia Fonseca está muito presente na socialização dessas crianças. Além dos espaços comunitários (escolas, PETI, igrejas, projetos sociais, Pastoral da Criança), hoje bem mais presentes do que há cinco anos atrás, os espaços domésticos dos parentes são os lugares mais freqüentes de se encontrar as crianças⁹⁹. Observa-se, assim, que há um grande número de pessoas envolvidas nessa rede, pois conforme já mencionado

⁹⁹ MOTTA-MAUÉS (2004) em seu artigo intitulado: “Na casa da mãe”/na “casa do pai”: anotações (de uma antropóloga e avó) em torno da “circulação de crianças ” descreve o mesmo fenômeno em classes médias. Fala da circulação de crianças na casa de pais separados cuja configuração de família permite está em uma e outra casa, dependendo de quantas relações o casal vai estabelecendo, assim como, trata também da circulação da criança em vários ambientes educativos e terapêuticos, como sendo uma experiência dessa camada da sociedade. Refere-se também a ainda presente prática de tutela infantil, como sendo associado ao mesmo fenômeno.

anteriormente, desde pequenas, as crianças são incentivadas a desenvolver essas habilidades. Assim, aprender a cuidar das crianças passa a ser uma responsabilidade de toda família, havendo freqüentemente uma espécie de revezamento entre os componentes da família. Se o pai e a mãe estão ao mesmo tempo no “xem”, entra em cena um irmão/irmã mais velho/velha, já bastante habilidoso ou habilidosa para administrar a vida doméstica.

Conversando com Raquel, filha de Bete que tem 11 anos, ela relata que quando a mãe está doente ou trabalhando, ela cuida da casa; arruma, lava a louça, limpa a mesa, enquanto isso manda o Jonas (irmão mais novo, de sete anos) tomar conta da taberna que possuem. Cuida da irmã Sara (de dois anos) e coloca ordem na casa. Diz que “fica de olho no Jonas porque ele é pateta e deixa roubarem ele”. Às vezes, a Sara some de casa e tem que ir atrás, “aí o pau acha”. Este comentário revela a utilização dos castigos corporais no processo educativo das crianças, procedimento muito comumente utilizado pelos adultos (especialmente os pais) e reproduzidos pelos filhos mais velhos em relação a seus irmãos.

A propósito, não percebi ao longo de minha pesquisa muitos momentos de troca de carinho entre os pais e seus filhos, como abraços e beijos. A troca de afetos ocorre muito mais ligada ao cuidar das necessidades diárias da criança, como dar banho, pentear, catar piolhos, assim como através do uso de expressões carinhosas, tais como "meu bichinho", "filhinho", "maninho", dentre outras. Durante as entrevistas com Raquel também foi possível perceber estas trocas. Por várias vezes, presenciei seu pai consanguíneo (ex-marido de Bete) e sua mãe ajudando nos trabalhos domésticos. Ainda, foi possível perceber, em uma outra ocasião, Aldinéia (ex-nora de Bete), lavando roupa e ajudando Raquel nos afazeres domésticos.

Constata-se no Aurá, com freqüência, a convivência das crianças em lares de parentes que continuam vivendo em cidades no interior. Isso é mais freqüente de se observar no período das férias escolares em que as crianças se deslocam de suas casas para passar as férias com uma tia, a avó ou qualquer outro parente. Também essa prática se torna comum, nos casos de doença, pois não tendo a mãe condições de cuidar da criança, ela passa a conviver, nesse período, com algum parente próximo.

Um caso é especialmente emblemático de ser relatado. Durante o trabalho de campo, fui abordada pela mãe de Vera, uma senhora de 70 anos, aproximadamente. Dona Maria desejava levar-me até á casa da sogra de Vera, pois, segundo ela, a minha presença e

“minha autoridade”, conseguiria convencer a sogra de Vera a devolver-lhe sua neta. Dona Maria alegava não ter mais sentido a sogra de sua filha ficar com sua neta, uma vez que o marido de Vera havia morrido e que, portanto, depois desse fato, ela não mantinha mais nenhum laço afetivo com a família de seu genro¹⁰⁰. Pensava dona Maria que Vera era capaz de cometer uma loucura, caso a sogra se recusasse a entregar a criança de volta. Assim, parecia-lhe razoável que sua neta voltasse a conviver com sua filha, sua mãe de “sangue”.

Não aprofundarei essa questão aqui, já que meu material de campo não possui exemplos suficientes para estabelecer uma interpretação mais consistente. Por ora, basta entendermos como a circulação das crianças cria também uma rede de solidariedade que influencia na socialização das crianças de forma a prepará-las para administrar a casa e valorizar o trabalho. Para entendermos melhor este processo da socialização das crianças do Aurá, descreverei a rotina de Mary com seus filhos.

3.5.1 A história de Mary

A família de Mary¹⁰¹ saiu de Fortaleza em função do incentivo de um amigo. O pai viajou primeiro e depois seguiu o restante da família: a mãe, a Eremita, o Vavá, o Rosivaldo e a Gláucia. Mary não acompanhou a família porque tinha marido e dois filhos, um de dez e outro de doze anos, Everton e Roberta. Mas, há dez anos, quando se separou do marido, partiu para Belém, onde conheceu o marido, que vendia peixe. Ele acabou mudando-se para o Aurá porque a mãe arrumou um terreno, onde foram viver juntos. Tem dois irmãos que moram no Aurá (Rosivaldo e Neto), além de Gláucia (mulher de outro irmão, Carlos, já mencionada anteriormente).

Mary tem dois filhos morando com ela, fruto de sua nova relação conjugal: um bebê de quase um ano e uma menina de quatro anos. O filho de Mary de 10 anos mora com sua mãe e é sua companhia constante, pois seu companheiro passa a maior parte do tempo no “xem”. Mary diz que Everton lhe ajuda a cuidar da casa e da irmã menor.

¹⁰⁰ Essa situação é particularmente intrigante, pois para dona Maria, manter algum laço familiar com o genro comprometia sua imagem social, pois segundo ela “ele não valia nada, era um bandido”, conforme já mencionado anteriormente. O marido de Vera foi assassinado no “xem” porque, segundo comentários de Dona Maria, ele estava envolvido com traficante, estava devendo drogas para ele, e como não tinha como pagá-lo, eles mandaram matá-lo. Dona Maria diz que isso é muito comum de acontecer por lá. No dia seguinte ao assassinato do marido de Vera, estive em uma roda de conversa entre as crianças e os jovens de Santana. Eles me relataram várias situações parecidas com essa, que haviam acontecido com outras pessoas que moram lá. Diziam que ultimamente essa situação tinha se tornado mais freqüente e ninguém tomava providência alguma.

¹⁰¹ Mary é cunhada de Gláucia, já mencionada anteriormente.

“Meus filhos me ajudam muito, Deus o livre! Se eu tô lavando uma louça, ele carrega água pra mim, se eu tô lavando uma roupa, ela toma de conta pra mim do nenê, fica brincando com ele. O menino puxa água, carrega água pra mim. Esse aí me ajuda muito.

Na época que eu estava grávida, eu adoeci, eu tava com albumina, vichi Maria! Ele era muito bom pra mim. Acho que é por isso que a minha filha nasceu parecida com ele, ela é todinha ele. Eu estava todinha inchada, não podia trabalhar. Meu marido trabalhava no xem, não podia ficar comigo. Aí ele me ajudava a lavar roupa, me ajudava a estender. Eu ensino as crianças desde pequenino a trabalhar.

A menina, eu boto ela na bacia e boto ela pra lavar louça, mais eu. É pra se acostumar, pra não ser preguiçoso. A avó dela leva ela para o igarapé. Chega, ela senta, ensina ela a lavar uma louça, uma roupa. As minhas crianças sabem se cuidar. Essa daqui toma banho, por incrível que pareça, sozinha. Ela se troca, veste a blusa, o short, passa pente no cabelo, ela põe a xuxinha no cabelo, eu não tenho trabalho com ela. Eu só arrumo ela quando a gente vai sair.

Meu irmão que tem uma filha com dez anos, ele fala assim mesmo pra filha dele: 'tu tá vendo, essa daqui é uma mocinha, tu nem tomar banho quer!'. A minha não, ela mesma se limpa, quando faz coco, ela só não puxa água do poço. Ela não gosta muito de brincar aqui, ela gosta de estar trepada em árvore, brincando com os meninos, no meio da rua, mas eu só deixo ela brincar com o irmão dela, com o filho da vizinha e com os outros da outra casa, minha amiga.”

Mary diz que os outros filhos são criados por sua mãe. Eles a chamam de mãe (a avó) e não sabem que Mary é mãe consanguínea, pois tem medo que eles perguntem pelo pai. Ele ficou em Fortaleza, quando ela veio embora para Belém e nunca mais obteve notícia dele. Mary acha que a mãe morreria se lhe tirasse as crianças. Mary relata que o maior (de dez anos) vai para o “xem” com a avó, mas ele não fica como as outras crianças perto do “papa lixo”. Mary não leva as outras crianças menores, mas comenta que as outras mães levam:

“[...] Ah, lá tem muita criança, até criancinha pequena, é tudo no meio dos grandes, cada um bagulha o seu. Hum, minha irmã, tu precisa ver, ninguém pode falar nada. Eles sabem mais que os grandes, as vez eles querem até brigar com os grandes, quando os outros batem no ferro deles, pegam os bagulhos na frente deles, eles querem até brigar, criticar as pessoas mais velha. Eu acho que eles sabem mais que os grandes. Os meninos sobem em cima do papa, das caçambas, é maior perigo. Os bichinhos bagulham tudo, me dá até pena.”

Durante a entrevista, observo o filho de Mary pegando as latinhas, “bagulhando” no quintal e pergunto a ela se ele está brincando. Ela comenta que o menino vê o pai dele se arrumando para ir para o ‘xem’ e fica imitando-o.

“Ele se veste todinho igual o pai. Ele diz que vai bagulhar também. Calça a bota do pai e diz que vai bagulhar, o bichinho. Ele bagulha aí pelo quintal, ele passa o dia todinho aí com o saco. Às vezes quando cai uma caçamba pra cá, ele vai mais o primo dele. Quando a gente vê, eles vêm cheio de alumínio, depois eles vendem, as vez vendem é muito lá no canto.”

Willis (1991) em seu artigo “Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social”, ao estudar a cultura da classe operária acerca da inserção no campo do trabalho de jovens da mesma classe, afirma que o trabalho é uma categoria que não é universal, imutável e trans-histórica. Mas que é definido e singularizado a partir de cada realidade e tipo de sociedade. É dentro de cada contexto que ele assume significado. Diz o autor que a forma como a força de trabalho é subjetivamente entendida e objetivamente aplicada é significativa para o tipo de sociedade que é produzida e que esses processos são constitutivos das identidades dos indivíduos.

De acordo com o que aponta o estudo de Willis, podemos perceber que a categoria “trabalho” para as crianças e para as famílias do Aurá possui um significado próprio e particularizado. Observa-se no contexto de vida dessas crianças um limite muito tênue entre o brincar e o trabalhar. A categoria “trabalho” parece assumir uma dimensão em que está incorporado um valor moral. Para além das discussões sobre trabalho infantil, quero enfatizar aqui, como nas relações familiares, e em especial, nas classes populares, como apontam os estudos de Fonseca (1995) Sarti (2003), Alvim (1975), Willis (1991), o “trabalho” na vida das crianças garante que elas reproduzam um valor de família. Ou de acordo com que diz uma de minhas informantes, Socorro, “eu quero que o meu filho aprenda a ser um pai de família¹⁰², que ele saiba ser um chefe de família e que saiba o que é uma responsabilidade”. Portanto, essa categoria "trabalho" redimensiona o status e o papel social da criança, pensada a partir de um lugar e de uma identidade que se quer projetar para a vida adulta.

Rosilene Avim (1975), ao se referir ao trabalho infantil, em sua tese de doutorado, em um estudo realizado em fábricas têxteis de São Paulo, diz que “o trabalho infantil deve ser visto como parte de uma estratégia familiar que, à custa da entrada das crianças na fábrica, garante, a 'ajuda' ao chefe de família para que ele possa cumprir sua responsabilidade no que diz respeito à reprodução de seu grupo familiar”. (Alvim, 1975, p.450).

Também está implícito aí, conforme demonstra esta autora, uma estratégia de sobrevivência. As crianças assumem e colaboram decisivamente para a ordem doméstica, pois toda a sua socialização implica em garantir que elas possam de alguma forma, colaborar e, ao mesmo tempo, aprender como se manter e sobreviver. Uma outra dimensão interligada a essa

¹⁰² É uma categoria nativa que denota honestidade e responsabilidade

questão do trabalho, é a noção de infância, pois o lugar da infância diz muito do valor e da importância que o trabalho tem na vida dessas famílias.

Para as famílias que residem no Aurá, a noção de infância se constrói de forma muito vinculada à habilidade para cuidar da casa e ajudar a família a estruturá-la, estando, portanto, associada a idéia de responsabilidade e capacidade para contribuir na reprodução do grupo familiar. Desta forma, a idéia e o sentimento de infância se constroem através de três categorias essenciais: trabalho, gênero e brincadeira. Como se interligam essas categorias? Por um lado, as brincadeiras traduzem muito do que se espera como atores sociais, dessas crianças, sejam elas meninas ou meninos, pois elas expressam os papéis e a noção de homem e de mulher. As meninas, por exemplo, são estimuladas desde cedo a cuidar da casa, dos irmãos mais novos, a desenvolver a habilidade para administrar o espaço doméstico (embora se perceba também os meninos executando algumas dessas tarefas, mas na maioria das vezes, de forma complementar às meninas). Aos meninos, as tarefas relacionadas à rua se expressam de forma mais evidente: fazer compra na mercearia, apanhar um fruto na árvore, acompanhar os pais no “xem”, acompanhar os irmãos menores até a escola, lavar as “sacas de sarrapilheira” “bagulhadas” no “lixão”. Entretanto, é bom que se diga que essas habilidades não são rígidas e restritas apenas a um gênero específico e sim que elas se apresentam mais frequentemente em uma categoria do que em outra.

É também perceptível a relação entre brincar e trabalhar, pois essas modalidades se imbricam diretamente. Parece pouco perceptível a separação entre trabalhar e brincar no dia a dia das crianças, pois muitas vezes elas se dão de forma simultâneas: brincar de “pira” com o irmão menor no colo; brincar de casinha, onde o próprio irmão ou irmã menor assumem o papel de filho; permitir a participação do irmão menor em determinadas brincadeiras, “fazendo de conta” que ele participa de suas regras; lavar as sacas no lago e, ao mesmo tempo, jogar água no colega ao lado ou dar um mergulho; fazer uma compra e, ao mesmo tempo, brincar de “fura-fura” ou, simplesmente, estar no “xem” para “bagulhar” e se pendurar no “papa lixo”, fazendo acrobacias. Cenas como essas vão estabelecendo os contornos, delimitando o lugar e o sentimento de infância no Santana do Aurá.

Trabalharei mais detalhadamente as representações a respeito da infância no próximo capítulo, quando abordarei todo o processo de socialização das crianças no Aurá.

CAPÍTULO 4

SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS: DO “LIXÃO” A INVENÇÃO

Neste tópico final, busco refletir acerca do processo de socialização das crianças no contexto de vida no “lixão”, tendo como eixo de análise o questionamento sobre o lugar da infância nas relações com os adultos. Tangenciam-se as seguintes questões nesse momento: de que forma as relações de poder produzem um saber sobre a infância? E como essas relações de poder-saber constituem-se no processo de socialização das crianças?

4.1 A NOÇÃO DE INFÂNCIA NO AURÁ

Para empreender sobre essa análise é necessário contextualizar a vida cotidiana das crianças (meninos e meninas) que vivem no Santana do Aurá. O cotidiano das crianças (lá denominadas de **moleques** e **molecas**), e mais particularmente, neste caso, das meninas, também obedece à mesma lógica organizada pelos adultos, porém com algumas alterações e variações que esclarecerei ao longo deste capítulo. Às meninas, dependendo da habilidade e não da idade, cabem as tarefas domésticas: vigiar o irmão menor, limpar a casa¹⁰³, lavar a louça, quando necessário, levar comida para os pais no “lixão”. Em especial aos meninos cabem as tarefas de levar e trazer recado, ajudar os pais no “xem”¹⁰⁴, coletando e selecionando o lixo para vender ou utilizá-lo em casa, fazer compras, levar o irmão/irmã na escola. Essas atividades são compartilhadas com os irmãos menores, que também desde cedo têm algum tipo de tarefa mais simples para executar: carregar água do poço, varrer o quintal, segurar a roupa para mãe ou irmã estender ao sol. Entre uma tarefa e outra, algumas crianças, principalmente, as que recebem algum tipo de benefício social através da Bolsa-Família, Bolsa do PETI ou as que estão matriculadas no projeto “Semente do Amanhã”, freqüentam regularmente a escola¹⁰⁵.

¹⁰³ O sentido de higiene para as famílias do Aurá diverge muito do saber sanitário, ou seja, aquele que concebe a higiene de forma ordenada e disciplinar do espaço.

¹⁰⁴ Não é regra geral encontrar somente meninos no “lixão”, pois há também meninas que trabalham e ajudam os pais na atividade de coleta do lixo.

¹⁰⁵ Essa é uma prática muito recente, que só a partir da execução de alguns projetos da Prefeitura, mais especificamente, após 1997, que esta começou a se intensificar. Em 2000, a maioria das crianças em idade escolar, não freqüentava escola. O

Entre a realização de suas tarefas cotidianas, as crianças (pequenas ou maiores), quer no ambiente doméstico ou em alguns espaços definidos na localidade (como nos quintais de suas casas, no “campinho” e no “bosquinho” do local), aglomeram-se para brincar. Cada família delimita os amigos e vizinhos com quem elas podem se relacionar. Muitas crianças não saem dos arredores do quintal da própria casa. Lá, com os muitos irmãos e parentes, juntam-se, criam, recriam as mais variadas modalidades de brincadeiras e jogos. Os brinquedos, estes vão a cada dia tomando forma e função, à medida que cada peça, trazida pelo pai, amiguinho ou irmão, vai se unindo a outra, em um quebra-cabeça permanente em que a invenção toma uma particularidade fundamental no ato de brincar. Na fotografia 17 é possível visualizar um desses brinquedos



Fotografia 17 – brinquedos e brincadeiras criadas pelas crianças

Nos finais de semana, o cotidiano das famílias se modifica, no espaço em que moram e no trabalho. Os sábados e domingos são os dias em que as crianças estão mais livres para brincar, pelo menos, as que não acompanham os pais no “lixão”. Este período constitui o intervalo de maior atividade de trabalho neste espaço, já que é ao longo deste que há um maior fluxo de caminhões de lixo advindos do comércio. Assim, os pais que costumam levar seus filhos para a realização da coleta, não abdicam deste auxílio nos finais de semana para que seus resultados sejam mais lucrativos.

Uma outra atividade que recebe destaque para algumas famílias da “invasão” do Aurá é a prática religiosa. Os pais costumam levar as crianças à igreja, os que têm esse hábito.

acesso difícil, a necessidade das crianças para ajudar nas atividades domésticas e no “lixão” sobrepunha-se à necessidade de escolarização. Hoje, após a execução desses projetos, a “invasão” já dispõe de escola de educação infantil, que passou a funcionar no segundo semestre de 2003.

Aliás, essa é uma das atividades que as famílias dão especial atenção, na medida em que ela revela um processo educativo fundamental na socialização das crianças.

Há, na verdade, todo um processo ritual nessas atividades. No caso específico da igreja católica, as crianças são evangelizadas por catequistas vinculadas a Confederação Nacional de Bispos do Brasil (CNBB). Aos sábados, elas se reúnem com um grupo de crianças (na faixa etária de 8 a 12 anos) e jovens (na faixa etária de 13 a 22 anos) para refletir sobre os acontecimentos da semana na “comunidade” e sua relação com a fé cristã. Nesses momentos, os jovens, principalmente, se manifestam demonstrando exemplos reais de envolvimento de outros jovens com as drogas, gravidez precoce e desobediência aos pais, numa demonstração de que esses exemplos devem ser evitados, pois são evidências da “ausência de Deus em suas vidas”. As crianças menores ficam atentas aos depoimentos, quase sempre caladas ou mandando “recadinhos” umas para as outras. Elas participam mais ativamente das atividades no momento de oração e de decisão das tarefas de domingo, pois também essa é a ocasião de organizar as crianças menores para participarem como “coroinhas” da celebração de domingo, quando vem um padre de Belém para rezar a missa na igreja de Nossa Senhora de Santana.

Aos domingos, as crianças, em especial as meninas, pois há um número maior delas nessa atividade, colaboram na celebração: entram na igreja junto com o padre, fazem oferendas, carregam a bíblia, pegam os castiçais, acendem as velas.

Por outro lado, as atividades realizadas pela igreja evangélica¹⁰⁶ são mais planejadas, elas obedecem toda uma hierarquia e possuem tarefas diferenciadas, como descreverei mais adiante. O processo educativo da evangelização é planejado no sentido de formar novas lideranças. O trabalho começa com a capacitação e supervisão da pastora sobre o que eles denominam de “célula”, ou seja, a formação de grupo de mulheres, homens e crianças que se reúnem para estudar e evangelizar outras pessoas a fim de germinar novos “rebanhos”. O objetivo desses grupos é atingir o maior número possível de pessoas no processo de evangelização.

Assim, aos sábado pela manhã, ocorre o culto das crianças e no domingo tem a escola dominical. O culto das crianças é onde as coordenadoras de “células” se encontram

¹⁰⁶ Há quatro igrejas evangélicas na comunidade do Aurá, duas “Assembléias de Deus”, uma “Quadrangular” e uma “Deus é Amor”, no entanto, só tive a oportunidade de investigar o contexto da igreja “Quadrangular” devido à exigüidade do tempo e por este não ser meu objeto de estudo.

para evangelizar as crianças. Nesse momento são organizadas as brincadeiras, o louvor a Deus, através de cânticos e orações, assim como são servidos lanches ou refeição. Já na escola dominical, é onde é comentado sobre a “palavra de Deus”. As supervisoras “contam historinhas da bíblia” e refletem com as crianças sobre os “ensinamentos dos apóstolos”.

Todo o processo de evangelização começa com a “célula” das crianças. Nesse contexto, há também uma hierarquização bastante definida de papéis de cada membro do grupo, composta por três funções. Na escala superior da hierarquia se encontra o “líder”. A ele, segundo a pastora:

“Cabe a tarefa de ser o exemplo: dentro de casa, dentro do lar, aonde ele esteja, ele tem que ser exemplo, ele tem que dar bom testemunho. Então, eu sempre vou passando pra ele, você é líder, você vai ser um canal pra abençoar a vida de outras pessoas, através de você que outras pessoas vão conhecer o poder de Deus e vão aceitar Jesus. Eu sempre digo para eles: crianças, olha, vocês pra chegar a ser um líder, vocês têm que ser obediente, temente a Deus, tem que fazer a vontade de Deus e fazer a vontade dos seus líderes, obedecendo”.

Segundo a líder da “célula” das crianças, Kélcia (filha da pastora, de onze anos): “o líder tem a função de levar a mensagem, dá um bom testemunho, e ajudar as outras pessoas, e treinar já outro líder, com o comportamento dele, com o modo dele trabalhar”.

Seguindo a escala da hierarquia de forma descendente, existe o “timote”. Ele é uma espécie de assistente e é responsável em ajudar na evangelização. É a pessoa que convida as outras pessoas para participarem da reunião ou de qualquer outro evento programado pelos coordenadores de “célula”. É quem fica encarregado pelo lanche e outras atividades auxiliares. Na última escala da hierarquia está o “anfitrião”, que é a pessoa que recebe em sua casa os demais membros da “célula”, que organiza a cerimônia em casa e fica na recepção dos convidados.

Durante a participação na escola dominical fiquei bastante impressionada com o espírito de liderança das crianças que participam da “célula” (todas do sexo feminino), principalmente da líder, pois a segurança de suas palavras, a altivez de comportamento e, principalmente, a iniciativa que ela demonstrava, pareciam não ser de uma criança de 11 anos. Após o encerramento do encontro saímos conversando, e Kélvia, insistentemente, tentava fazer a minha conversão. Sua capacidade de comunicação e de liderança poderia ser comparável a de um adulto. No final de nossa conversa, Kélvia se disponibilizou a me ajudar na pesquisa, dizendo que “a comunidade estava de braços aberto para mim”.

Ao longo de toda a semana, principalmente à noite, como meus entrevistados me narravam, é possível encontrar também muitas crianças brincando em suas casas ou nas proximidades destas, mas, na maioria das vezes, elas se recolhem muito cedo, momentos em que as elas se reúnem, junto com alguns adultos para as rodas de contos. “As histórias são de visagens, reais ou sobrenaturais, coisas que acontecem na comunidade, após a meia noite”, como diz uma das crianças com quem conversei.

Outro local também freqüentado pelas crianças é o “xem”, entretanto, a insalubridade do lugar: o sol quente, os gases em combustão, o cheiro forte do chorume, os insetos, ratos e urubus que se aglomeram ali e as inúmeras pessoas que ali se encontram, faz com que as crianças tornem-se praticamente imperceptíveis para os “catadores”. Ali comparados aos adultos, suas habilidades físicas e agilidade motora tornam as disputas pelo lixo no mesmo patamar de igualdade. O “gandame”, seu instrumento de trabalho, torna-se, muitas vezes, sua arma de defesa contra as disputas constantes que se estabelecem entre os demais “catadores”, pois o lixo é disputado a cada “gandanhada”. Os meninos parecem ter algumas vantagens sobre os adultos e as meninas, já que sobem no “papa lixo” com rapidez, desmancham as sacolas agilmente e dali mesmo já vão separando e jogando na “saca de sarrapilheira” o lixo de melhor qualidade. Às vezes, são jogados nas “células” (de lixo) junto com todo o dejetos. As meninas ficam à procura de “*rider*” e alumínio, ou muitas vezes, vigiando o lixo já coletado pela família toda. O cansaço no rosto, o corpo franzino e com fome é obrigado a tirar dali mesmo o alimento que suprirá suas necessidades mais básicas. As frutas, o iogurte, os enlatados são alimentos aguardados com grande ansiedade, pois imediatamente, em muitas situações eles são consumidos ali mesmo. Ao se encontrar um brinquedo, ou parte dele, tanto os meninos quanto as meninas visivelmente demonstram com um discreto sorriso no rosto a satisfação em ter encontrado um “tesouro”. Ali, também partem para outras disputas, com os irmãos e colegas de idade aproximada, que muitas vezes, curiosos, querem compartilhar daquele momento. O pudor com o corpo há muito tempo parece ter se perdido, pois suas necessidades fisiológicas são ali mesmo supridas. Tudo tem que ser muito rápido, pois a chegada de um novo “papa lixo” pode trazer a possibilidade de uma lucrativa coleta. Assim, os pequenos corpos, parecem dançar sobre o vento, junto com os urubus que em muitas ocasiões roubam a cena e o próprio alimento da criança e de sua família.

É em meio a esse universo, por vezes dramático e triste, por vezes, rico e criativo que a noção de infância vai se delineando no Aurá. O lugar da criança bela, doce, sonhadora e completamente feliz, representado na literatura popular, vai tomando outros contornos no Santana do Aurá. A infância pura, mágica e cheia de sonhos e fantasia¹⁰⁷ é muitas vezes, subjugada a uma realidade onde a luta pela sobrevivência se mostra absolutamente avassaladora.

Durkheim (1996, p.16) diz que:

“Cada sociedade tem para si um certo ideal de homem, daquilo que ele deve ser, tanto do ponto de vista intelectual, como físico e moral; que esse ideal é, em certa medida, o mesmo para todos os cidadãos; que, a partir de um certo ponto, ele se diferencia consoante os meios particulares que qualquer sociedade compreende o seu seio”.

Assim, para ele, o processo de aprendizagem e de socialização, por assim dizer, corresponderia a formar e educar as crianças para o alcance desse homem ideal. O autor afirma, assim, que as condições de educação se alteram e se efetuam a partir das necessidades humanas e, portanto, dada às condições sociais concretas.

Sem dúvida, o processo de aprendizagem não se dá através de uma escolha arbitrária ou individual. A presença marcante da cultura, seus símbolos e significados traduzem, no cotidiano das relações com o outro, as nuances da vida social. Parece que para as famílias e as crianças do Aurá essas questões delineiam-se a partir da lógica vivencial dos grupos e da organização familiar.

Para maior elucidação acerca do tema da socialização, necessário se faz entendê-la ao longo do tempo, a fim de se compreender as diversas formas de construções e saberes acerca de seu processo.

Os estudos que citarei a seguir me ajudaram a compreender o processo de socialização das crianças em suas relações com os adultos, a demonstrar as mais variadas formas de socialização, demarcadas por diferentes culturas e tipo de sociedade.

Ariès (1975) tem sido uma referência histórica desses estudos. Tem destacado o quanto a noção de infância, no decorrer do processo civilizatório, tem contribuído e reforçado a relação de poder entre o adulto e a criança. Segundo ele, essa construção, “noção de infância”, foi delimitando uma indefinição do papel social da criança, assim como,

¹⁰⁷ Léa Sales (1992), em sua tese de mestrado, constatou que a idéia de espontaneidade e felicidade paradisíaca, remetida à infância, decorre de um processo de idealização, processo este que demarca a dor e angústia da perda da infância pelo adulto.

estabelecendo relações desiguais entre o adulto e ela. Enfatiza, por exemplo, como na Idade Média o lugar da criança era comparado a de um adulto em miniatura, sendo que não cabia à família controlar o processo de socialização, mas era a própria convivência com o adulto na sociedade que demarcava e garantia a aprendizagem da criança. O autor faz referência, ainda, às mudanças históricas que se processam ao longo do processo de industrialização e urbanização das cidades e, com isso, a construção da noção de Estado e de família. Segundo ele, a noção de infância foi se construindo em paralelo a essas duas noções de Estado e família. O sentimento de família que emerge nesse período, por volta do séc. XVI e XVII, junto com a escola (não a escola que costumeiramente verificamos nos dias de hoje, mas a escola como espaço de aprendizagem da vida cotidiana, dos códigos morais, do ofício), passou a ter um papel fundamental na aprendizagem das crianças. Os progressos do sentimento de família passam a seguir os padrões da vida privada, da intimidade doméstica, em contraposição à rua (lugar por excelência da aprendizagem e sociabilidade nos séculos anteriores).

O processo de socialização passou a não mais se dar somente pela convivência e contato com os adultos, mas, e, primordialmente, perpassava, nesse processo educativo, pela construção de um sujeito moral¹⁰⁸, cujo processo de socialização deveria enfatizar a conduta, o hábito, os costumes de uma vida civilizada e racional, sustentada por processos evolutivos e classificatórios. A criança seria um ser em evolução cujo desenvolvimento dependeria das possibilidades sensório-motoras e cognitivas para se transformar em ser ativo, produtivo e íntegro.

Por outro lado, os estudos de Margareth Mead & Martha Wolfenstein (1955) realizados em meados do séc XIX e XX nas sociedades americanas, francesas, soviéticas, alemãs e em Bali revelam uma outra faceta no processo de socialização das crianças e, com isso, a noção de infância subjacente. Ancorando suas análises na literatura, desenhos, fotografias, música e no modo de vida dessas sociedades, essas eminentes pesquisadoras da etnografia americana revelam que a noção de infância nessas sociedades vai se constituindo de acordo com o modelo de sociedade que se quer imprimir. Assim, para a sociedade americana, a noção de infância é comparada com a natureza de uma planta, ou seja, um ser

¹⁰⁸ Sujeito moral é entendido aqui, não no sentido foucaultiano (que define um modo de ser, que age sobre si mesmo), mas no sentido kantiano; enquanto sujeito atrelado à moral do dever, mediado pelo ato da razão e subjugado a uma lei universal (informações colhidas na disciplina “História da Sexualidade em Michel Foucault” realizada no 2º semestre de 2004 ministrada pelo prof. Dr. Ernani Chaves).

frágil em sua essência, que precisa de amparo e proteção, sendo a família o alicerce capaz de suplantar suas incongruências. Tanto a sociedade soviética quanto a americana desejam incorporar e reforçar no comportamento da criança a disciplina e o auto-controle, diferindo apenas em seus métodos pedagógicos, pois para a primeira o que é premente nesse processo é a atitude meticulosa, regrada e congruente, já para a segunda, a honra a honestidade e, sobretudo, a virtude de ser um cidadão são os elementos mais importantes.

Entretanto, segundo Metroux (1955), na sociedade alemã no início do século XX as crianças são educadas pelas famílias de forma impessoal, sendo primordial em seu processo de aprendizagem a retidão do caráter, sendo combinados dois aspectos na educação das crianças: a disciplina da mente e do espírito. Já em Bali, por volta de 1936 a 1939, Mead e Wolfenstein (1955), observam que elas (as crianças) são educadas para serem inseridas nas artes, havendo, portanto, uma individualização da produção artística. Assim, o desenvolvimento das habilidades artísticas é essencial em seu processo pedagógico. As crianças em Bali estão sempre em estado de liminaridade, pois elas são concebidas através dos ciclos de vida, os quais são ritualizados e demarcados. Assim, elas são seres comparáveis aos ancestrais, pois são criaturas celestiais.

Após a formulação deste breve contexto histórico, procurarei resgatar as questões que suscitei anteriormente. Afinal, como se estabelecem as relações de poder no processo de socialização? E que saber, ou saberes, se constituem nesse processo? E no Aurá, como eles acontecem?

Se nos remetermos à análise de Ariès (1975) será que podemos chegar a conclusão que no Aurá o processo de socialização se deu tal qual na Idade Média? As crianças sendo consideradas adultos em miniatura, onde o processo de aprendizagem se deu pelo fazer direto. Entretanto, essa análise parece grosseira demais para os nossos propósitos, principalmente porque o ideal de homem, de que fala Durkheim, o tipo de sociedade, e, portanto, de necessidade são completamente diferentes da sociedade àquela época e do contexto aqui estudado.

As crianças que vivem no Aurá, ao contrário do que aparenta, não estão secundarizadas e negligenciadas como na Idade Média, nem tão pouco desvinculadas dos laços familiares. Não estão certamente, em lugar cândido, de esplendor e pura inocência, como pesquisou Sales (1992) em sua tese de mestrado, nem tão pouco correspondem a um

lugar específico construído pelo saber científico, que delimita, demarca, e periodiza etapas adequadas e/ou apropriadas de habilidades para cada período da vida. Estão sim, situadas em um universo cuja inteligibilidade corresponde a cada vivência e situação experimentada no dia-a-dia. Lá o trabalho, a violência, a brincadeira, os encontros religiosos, e as ações dos serviços de saúde e a escola vão constituindo-se e permitindo a cada família e as crianças, numa relação *sui generis*, construir arranjos e possibilidades de viver e sobreviver.

E as relações de poder no Aurá entre os pais e as crianças, como se processam? Certamente que as relações dos adultos com as crianças se estabelecem de forma desigual, mas, com uma plasticidade que talvez não seja possível observar em outras realidades. Lá a criança pode passar de dominador, controlando e disciplinando a aprendizagem das crianças menores, a dominado, reproduzindo o desejo e normas dos pais. As crianças, embora muitas vezes, assumam o papel de mãe, de pai ou os dois juntos, em determinadas situações, em outras, parecem negligenciar a aridez e pobreza do espaço, buscando nos inúmeros atos criativos, encontrar formas de brincar, de sonhar e representar o seu universo. As carências materiais, e muitas vezes, afetivas não garantidas pelos pais, são supridas pela arte de criar novas invenções e relações. O irmão ou a irmã mais velho, a tia ou tio, a avó ou avô, ou até mesmo um vizinho, estabelecem e garantem o suporte afetivo que permitirão às crianças estabelecerem os elos e vínculos com o mundo e as coisas.

4.2 OS EFEITOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NAS RELAÇÕES FAMILIARES E NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

Neste momento irei abordar a relação entre as ações das políticas públicas sobre o cotidiano das famílias (e das crianças, por conseguinte) que residem no Santana do Aurá, na medida em que diz respeito aos conflitos entre o poder-saber dos pais em relação aos profissionais como: professores, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, agentes comunitários, engenheiros, além dos grupos religiosos, que por intermédio dos projetos sociais implantados na área e de outras ações, convivem e estabelecem relações diárias com as famílias e as crianças. Esta é uma questão particularmente importante, pois através de ações disciplinares e normativas, vai se criando um outro cenário e uma nova rotina, e conseqüentemente, um outro tipo de saber, que, certamente, como diz Antonaz (2001) gera uma série de “perturbações” na dinâmica das famílias e das crianças. Estabelece também a

criação de uma nova "etiqueta" (Elias, 2000) que envolve cuidados com o corpo, higiene das casas e das ruas, cuidados com as crianças, forma de morar e de vestir, hábitos de comer e de beber, e ainda preceitos morais estabelecidos pelas igrejas, enfim, uma série de normas que vão paulatinamente alterando as relações entre adultos e crianças ou até mesmo entre crianças maiores e menores.

O relato de Raquel, de 11 anos (filha de Bete, catadora), retrata um pouco essa realidade:

“Eu quero ser enfermeira, desde pequena quero ser isso, eu brincava de doutora, eu e o meu irmão. Eu penso em ajudar as pessoas. O meu irmão dizia que queria ser doutor para fazer o parto da mãe, mas agora ele quer se alistar. Ele quer ser policial...” (...) [E]u não sei como passei na escola, porque eu faltava muito, tinha que ajudar a mãe, ela vive no xem e no hospital, o pai não mora aqui, e o monstro (o padrasto), passa a semana toda no xem. A tia brigou comigo, porque ela disse que se eu continuasse faltando na escola, eu ia perder a bolsa do PETI. Às vezes é bom ir para escola, lá tem televisão, tem comida, e brinquedo, e ainda recebe quarenta reais, mas faz tempo que não sai, falaram que ia sair antes do Natal”

Percebe-se no relato de Raquel a apropriação de um discurso e de um saber diferente da realidade e vivências engendradas no processo de socialização das crianças. A introdução de novos elementos, produtos ou ações vão gerando expectativas e novos ideais, (que se afastam das possibilidades dos pais de perceber o mundo) tanto de conduta como de relações entre as crianças e o ambiente¹⁰⁹. O sonho de Raquel parece ter dois sentidos: um que retrata a própria realidade de sua família; a mãe vive no hospital doente, conforme ela mesma relata. Ela já teve 16 filhos (talvez isso explique a vontade do irmão de querer, por um tempo, ser médico) e o outro sonho se refere ao próprio desejo de libertar-se do destino de sua mãe: de viver no “lixão” e /ou no hospital, mas que também parece, muitas vezes, reproduzir as ações já vivenciadas pelas famílias e pelas crianças através das ações das políticas públicas no local.

Em uma outra situação se percebe claramente no conteúdo programático da escola elementos no processo de aprendizagem das crianças distantes de suas realidades. As histórias da “Bruxa Keka” diariamente veiculadas nos meios de comunicação através do programa da “Xuxa”¹¹⁰ vão paulatinamente sendo incorporadas ao vocabulário e introduzidas nos contos

¹⁰⁹ A localidade do Aurá tem a presença marcante dos profissionais de saúde, da própria polícia (pois, não é raro acontecer eventos violentos por lá) e, recentemente, dos profissionais da área da educação.

¹¹⁰ Programa infantil exibido na rede de televisão Globo todas as manhãs, tendo como personagem principal a apresentadora Xuxa.

de visagens, freqüentemente narrados pelas pessoas do Aurá. No seio da organização escolar, as professoras vão estabelecendo certa separação entre meninos e meninas que não ocorre normalmente nas relações entre as crianças do Aurá. As habilidades, principalmente dos meninos, para subir nas árvores, para domar as cobras, dentre outras vão pouco a pouco sendo substituídas pelas professoras. Além disso, novos hábitos vão sendo incorporados: tomar banho antes de ir para escola, escovar os dentes, vestir uma roupa limpa e ir calçado para a escola, vão também fazendo parte da rotina e do dia-a-dia das crianças.

No PETI, também novos hábitos e condutas vão dando o contorno e plasticidade dessa relação com a criança. As brincadeiras de pira-se-esconde, cemitério, jogo de futebol entre meninos e meninas, vão sendo substituídos pelos jogos de dama, dominó, tênis, handebol e outras brincadeiras que não fazem parte do repertório das crianças.

Segundo o coordenador do programa, ali é o espaço de resgatar a infância, pois,

“o trabalho massacrante rouba-lhe o tempo de brincar e de estudar... O objetivo é isso né, trabalhar com a erradicação mesmo do trabalho infantil, e fazendo com que essas crianças venham a ser criança, no seu tempo que se possa dizer que não estejam na escola, estejam desenvolvendo uma atividade salutar, né, pra sua idade, e o projeto tem propiciado isso na medida do possível (...) Olha, aqui a gente leva muito em consideração a questão da recreação. Eu acho que eles aqui, nós temos uma clientela que tem pouco acesso à recreação, ao esporte. Nós trabalhamos com uma clientela aqui de dentro do Santana né, e uma de fora, então às vezes a gente percebe até diferenciação dos que moram aqui, dos que moram lá... a gente percebe que aqui fica uma coisa assim muito reduzida. A mais significativa é o próprio vocabulário, é o comportamento. Os daqui até por serem, a gente percebe que eles são assim mais quietos né, enquanto, que os outros são mais ativos, mais elétricos. A gente percebe que eles têm assim uma gana de buscar, não param, sempre elétrico mesmo, enquanto que os daqui, eles apesar de terem as peculiaridades deles, a gente percebe que falta alguma coisa, eu penso que seja isso, a questão da informação, da recreação, do acesso às coisas, que aqui a gente sabe que não existe. Aqui o fato desse ônibus ser como é, de uma em uma hora, às vezes não entra, é informação dada pelas comunidades que ele funciona até seis e meia, sete horas, então tudo isso, eu acho que dificulta os adolescentes já numa faixa etária que estudam à noite até de sair pra estudar, ir buscar essa informação, porque muitos se negam a ir mesmo, preferem ficar por aqui, e a comunidade não tem uma escola que supra as necessidades dessa adolescência já nessa faixa”.

Percebe-se através do relato do coordenador que nas ações disciplinadoras do programa, está implícito em sua narrativa um estatuto de ser criança. Sua concepção, forma de enxergar a criança de outras camadas e seu lugar parecem pouco considerar os referenciais e representações das meninas e meninos, "moleques" do Aurá. Durante o trabalho de campo observei inúmeras vezes os meninos, principalmente, fugindo das brincadeiras programadas pelo PETI, iam para o campinho fazer e empinar pipa. Ao que parece, o sistema simbólico das

crianças, modo de viver, enxergar, relacionar-se com o mundo e dar significado as coisas, pouco ou em nada são considerados por eles. O sentido para muitas crianças e suas famílias para estar ali, difere em muito dos objetivos do programa. Após muitas conversas com as crianças, elas me revelaram que o que importava mesmo nas atividades que desenvolviam no PETI era receber a bolsa no final do mês e almoçar lá. Além do mais, elas continuavam a freqüentar o “lixão”, pois ali estava a fonte de sustento da família.

Vejamos o depoimento de Bete uma das mães que matriculou os filhos no PETI

“tu sabe, né, a gente somos do PETI, mas olha, já tem não sei quantos meses que ninguém vê esse dinheiro do PETI aí, nesses dias agora, antes de eu ficar doente, que eu fui na rádio. Eu até pensei em denunciar o PETI sabe, mas pra mim não prejudicar outras mães, que se tivesse mais uma denúncia eles ameaçaram a gente, se tiver mais uma denúncia que eles vão isolar, o PETI não vai ter mais, e ninguém vai receber o dinheiro que tá atrasado. Olha o tempão que a gente tá esperando, já tem bem uns 6, 7 ou 8 meses [...] Lá na escola, minha mana, eles querem coleta pra não sei o quê de quadrilha, aí nem sempre a gente pode [...] ah, eu não posso porque a mamãe é crente, ela não vai deixar, e eu já tô indo pra igreja com a mamãe”, “não mas se tu não coisar, tu vai ser expulsa daqui”, eles ficam ameaçando sabe, e no PETI é a mesma coisa, que se a menina não dançar, que eles querem fazer quadrilha no PETI, também vão riscar a menina, aí eu disse: “olha gente, vocês riscando, mas pagando os atrasados, não tem problema, porque se eu depender daí eu morro de fome com os meus filhos”. Lá no PETI eles falaram assim que criaram esse projeto pra tirar as crianças do trabalho infantil.... mas só que isso não tá acontecendo aqui dentro porque as crianças a maioria tá indo tudo pro lixão, os próprios pais tão levando, porque o dinheiro do PETI não sai, né e se era pra esse fins que eles queria, eles mesmo tão obrigando os próprios pais a levar as crianças pra lá, mesmo correndo risco, que esse risco é nosso, e pior pra eles, né?”

Cohn (2005) em sua obra sobre a antropologia da criança aborda a questão da educação e aprendizagem das crianças a partir da idéia de que elas são produtoras de cultura. São atores ativos, capazes de desenvolver seus próprios “sentidos e significados”. Ancorada nessa perspectiva, acredito que as crianças que vivem no Aurá não são consideradas algozes apenas pelo infortúnio de viverem às proximidades do “lixão”. Elas constroem, a partir desse contexto, formas de representar e re-inventar a realidade, criam sua linguagem e seus códigos. Assim, nessa relação entre os programas sociais e a realidade de vida das crianças e suas famílias, parece que a produção cultural das mesmas não é considerada. Suas realidades e os significados que atribuem às suas ações e práticas não são perceptíveis. Assim, instala-se um hiato, em que de um lado as crianças participam das ações dos projetos, ou pelo menos freqüentam e usufruem daquilo que melhor lhe convém, sem alterar seu modo de viver e, por outro, as ações dos programas não conseguem alcançar seus objetivos, na medida em que se mantêm distantes do universo e da realidade das crianças.

Creio que o posicionamento de Cohn (2005, p.36-37) a respeito da educação e da aprendizagem, numa perspectiva antropológica, deve antes de tudo, como salienta a autora:

“começar do começo – ou seja, nos perguntando o que significa educar e aprender nos casos que pesquisamos; como se concebe o conhecimento e sua transmissão; quais são as modalidades, os lugares e as relações envolvidas nesse processo; como se insere e é inserida nele a criança; e de que criança se trata”.

Até aqui constituímos de forma geral o processo de socialização e sua relação de poder sobre o outro, entretanto, agora, já se faz pertinente aprofundarmos essa questão para uma maior elucidação acerca da relação poder-saber.

Quem melhor problematizou essa questão foi Michel Foucault ao longo de sua obra, em seu trabalho intitulado “Microfísica do Poder” (1979) no qual o autor traz à tona, novamente, a análise da genealogia do poder. Machado (1979, p.XIV), prefaciando esta obra diz que “o poder não é uma teoria geral, a coisa em si”, mas, que ele é representado e construído a partir das relações sociais, e, portanto, fruto das relações históricas que se processaram ao longo dos tempos. Nesse sentido, para ele, o poder se constitui e se efetua, pelas práticas sociais, construindo relações e provocando efeitos sobre os indivíduos. Para Foucault, a vigilância seria o principal instrumento do poder, pois através dela se constituiria o poder disciplinar do corpo, que passaria a ser controlado e comandado pelo sentido do dever e não do prazer.

Que reflexões Foucault quer suscitar com essas afirmações? Foucault quer mostrar que o poder se constitui de positividade, e não através da repressão, que ele existe a partir de uma relação, porque tem um outro que se opõe a ele. A necessidade de regular e vigiar o corpo da criança, por exemplo, decorre de um jogo de forças, pois para ele há um discurso que se interpõe. Há nesse aspecto, a produção de um saber médico-psiquiátrico, religioso, pedagógico. Em sua outra obra “História da Sexualidade” de 1984, Foucault mostra que esse discurso se desloca para a família, tornando-o psychologizante e tem o objetivo de manter o controle sobre o prazer, sobre o corpo; os cuidados de higiene, a prevenção, e o controle sobre a sexualidade¹¹¹. Nesse sentido, o processo educativo teria então esse papel de disciplinar, de vigiar e controlar a saúde mental da criança, mantendo a ordem das coisas.

¹¹¹ Sexualidade é aqui entendido no sentido tratado por Foucault, ou seja, ligada ao campo do conhecimento, do saber, das relações de poder e de constituição do “eu”. Para maiores informações, consultar FOUCAULT, Michael. “História da Sexualidade”. São Paulo: Graal, 1984.

A primeira vez que entrei em contato com as famílias e as crianças que moram no Aurá, algo me chamou atenção. A forma de conceber a saúde, o corpo e o processo educativo das crianças era completamente diferente dos referenciais já apreendidos e incorporados em minha formação. Não compreendia os valores e as crenças das famílias em relação a esse aspecto. Logo não demorou, vieram as frustrações: as crianças, nem tão pouco as famílias, respondiam às normas e recomendações de saúde. O sentido de limpeza e de higiene não se enquadrava dentro dos referenciais sanitários necessários para melhorar e/ou reduzir os indicadores de saúde¹¹². A preocupação com o controle das doenças era enorme, pois o índice de mortalidade era assustador. Para meu olhar imbuído de um saber sanitário, psicologizante e normativo, as famílias pareciam não se importar com isso. Algumas crianças tinham dificuldade de andar e de falar, entretanto, isso não era motivo de preocupação para as famílias, ou pelo menos, era dessa forma que eu interpretava, quando muitas delas se recusavam a ir aos atendimentos de fisioterapia ou ao médico.

Aos poucos, as dificuldades e o sentimento de frustração da equipe, que não conseguia sensibilizar as famílias para “obedecer” aos novos códigos, foi gerando um certo conflito entre os saberes em jogo, naquele momento. Entretanto, à medida que conhecia e convivia com as famílias e com as crianças, fui me dando conta e percebendo que se tratava de uma outra lógica e de outros referenciais completamente diferentes do saber e da lógica materializadas nas condutas da equipe de saúde. O fato das famílias conviverem com o lixo, ou até mesmo sobreviverem dele, era algo extremamente significativo e carregado de sentido para eles. As condutas como dormir toda a família, muitas vezes, em um mesmo colchão, o trabalho infantil, a organização das casas e das ruas, o trabalho no lixo, a alimentação (de restos de comidas encontrados no lixo), o fato das crianças não freqüentarem a escola, os arranjos familiares (várias alianças, número grande de filhos, gravidez precoce), enfim uma série de valores e de comportamentos que traduziam o universo, as experiências e os conhecimentos daquele grupo, incompreensíveis para mim naquele momento.

Costa (1989) em sua obra “Ordem Médica e Norma Familiar” retrata um pouco as questões que acabo de suscitar. Fazendo um estudo sobre a família colonial no Brasil, demonstra a forma como o discurso sanitário, disciplinador, ordenador e racional foi se estabelecendo e constituindo relações impositivas de poder sobre as famílias. Diz ele, que

¹¹² Na época (em janeiro de 2000) os indicadores de morbi-mortalidade da área, superavam a média nacional.

através desse discurso, foi se constituindo uma nova família, e um novo tipo de saber, que influenciou sobremaneira a concepção de corpo, de saúde e de educação. As ações de vigilância e de prevenção foram, segundo o autor, estabelecendo novas relações de poder e saber sobre as famílias e destas com as crianças. Nesse aspecto, a noção de infância foi também se constituindo como instrumento desse poder-saber dos pais e do Estado.

No Aurá, ao que parece também a ação das políticas públicas provoca, ou melhor, está provocando novos efeitos¹¹³, parecido em alguns aspectos, com as análises feitas por Costa, no Brasil colonial. Hoje, com os projetos sociais desenvolvidos lá, uma série de conflitos são presenciados nas relações de poder e de saber ali postas. O ordenamento do “lixão” em aterro sanitário, a organização dos “catadores” em cooperativas, a retirada das crianças do “lixão”, a iniciação das crianças no mundo escolar, as ações de vigilância à saúde e assistência social, assim como as ações dos grupos religiosos, vem constituindo-se em elementos disciplinadores de uma nova ordem na organização das famílias e do processo de socialização das crianças.

Após ter tratado das relações de poder-saber implícitas nas ações entre as famílias e as Políticas Públicas, voltemos ao nosso propósito, qual seja: relacioná-las com o processo de socialização das crianças e a produção do lugar da infância no Aurá.

Certamente, muitas poderão ser as análises desse contexto, entretanto, importa aqui, situar e mostrar como os diversos saberes se engendram e se constituem nas relações de poder em jogo, dando o sentido e significado no processo de aprendizagem e de concepção da infância.

Entendo assim, que a aprendizagem das crianças vai se modelando conforme o jogo de forças e das relações de poder presentes, entre o que é próprio da cosmologia¹¹⁴ e o do universo das famílias e das crianças e o das políticas públicas, construindo um lugar, em que a criança protagonista de criação e invenção vai dando forma e sentido às suas próprias representações. Como afirma Cohn (2002, p.234).

“Os processos de socialização e de aprendizado podem ser melhor apreendidos, ao se abdicar da busca de realizações de um desenvolvimento cognitivo universal em favor de uma análise de como as sociedades concebem e refletem sobre esses processos. Tarefa

¹¹³ Estou me referindo ao ano de 2004.

¹¹⁴ Cosmologia será abordada aqui de acordo com que salienta Bonte (1992) como sendo uma concepção de mundo, que traduz o universo simbólico das práticas culturais de um determinado grupo e que expressa as representações da dinâmica das relações sociais do homem com o universo onde ele está inserido.

mais afeita à antropologia: importante saber como homens de diferentes contextos sócio-culturais dão sentido ao mundo que vivenciam, e à experiência de humanidade”

Assim, entre uma lógica e outra, ou seja, entre a produção de uma saber e de outro, as relações de poder vão dando plasticidade e sentido de mundo e de infância, criando e recriando novos arranjos e relações, de forma que o processo de socialização vai delineando, a partir daí, um aprendizado particular.

Desse modo, a socialização da criança não se trata de uma escolha arbitrária, mas de um processo cujas relações e representações sociais vão se constituindo a partir das vivências e necessidades sentidas pelas pessoas. São elas que, ao interagirem entre si, e com seu ambiente é que vão elaborando ou re-elaborando simbolicamente suas experiências e dando-lhes sentido. Assim, perceber o universo onde se sustentam as relações sociais e culturais é fundamental para se entender como determinado grupo representa seu mundo e sua organização.

4.3 COSMOLOGIA DOS CONTOS

Ao retratar o universo infantil no Santana do Aurá, algumas cenas se cruzam em meus pensamentos, “flashes” de imagens que ficaram em minha memória que me tocaram e sensibilizaram. Talvez esse universo, por vezes obscuro, por vezes tênue e dramático, revele-se por demais chocante para uns, mas procurando a cadeia significativa de suas representações é possível entender o significado lógico, aprisionado, muitas vezes, através de esquemas mentais distantes das vivências cotidianas dos nativos.

O primeiro contato com as crianças que residem no Santana do Aurá despertou-me uma infinidade de sentimentos, a perplexidade diante do estado nutricional, o corpo franzino, a expressividade do olhar perdido e distante e, principalmente, o pouco interesse pelo mundo à sua volta. A percepção que tive *a priori*, era de uma apatia sobre o mundo e as coisas que beirava o desespero, o medo, assim como a sensação de desamparo parecia encobrir-lhes a alma. Nada mais vulnerável do que a fragilidade humana exposta de forma tão intensa e absoluta. A partir da convivência com as crianças nas ações do projeto de “Desenvolvimento Infantil”, que coordenei por quase três anos, essas imagens foram se modificando. À medida que as crianças iam adquirindo peso ou recuperando seus movimentos, pois por falta de estimulação muitas delas não tinham ainda desenvolvido a habilidade motora apropriada para a idade, conforme preconizam os estudos acerca do

desenvolvimento (Ministério da Saúde, 2002), uma infinidade de descobertas ia me surpreendendo: a destreza motora, a agilidade e expressividade dos movimentos, a linguagem, a espontaneidade e criatividade iam tomando um contorno muito peculiar.

Com base em minhas observações sistemáticas naquele espaço, busquei a cadeia de entendimento “do ponto de vista da cultura do Outro de dentro”. (Cardoso, 1996, p.22) para, através dos contos e das brincadeiras, que se configuram como categoria *sui generis*, entender a vida social das crianças e suas experiências no mundo. Entre questionamentos e inquietações, estabelecerei relações entre esse universo do “lixão” e as situações ditas ‘limite’, buscando analisar de que forma, em meio à necessidade de sobrevivência, demasiadamente marcante nesse contexto – dada à dura rotina que muitas crianças têm que enfrentar no dia-a-dia no “lixão” – como elas encontram diferentes estratégias que as permitem interpretar e perceber o seu universo social.

Começarei narrando um conto, pois ele será o viés que me permitirá “mergulhar” nesse universo, onde as brincadeiras, as histórias e os contos tomam uma dimensão muito particular para as crianças que vivem no Aurá, uma vez que eles intermediam as relações entre o universo interno e cultural, dando às tarefas domésticas e ao trabalho executado pelas crianças, sentido diverso daquele próprio aos adultos.

Nas noites das crianças e suas famílias é muito comum acontecerem rodas de contos. Tais momentos traduzem-se em descontração, socialização e principalmente, troca afetiva intensa. Nesses encontros, a concentração das crianças é apreendida pelo mundo não habitado pelos vivos: os mortos, os bichos surgem como personagens “encantados” para normatizar e ordenar a vida das pessoas que ali habitam.

Para entendermos como se configuram esses contos é importante estabelecer algumas relações que se intermediam entre o universo dos adultos e das crianças, pois é através dessa relação que será possível compreender algumas categorias identificadas pelas crianças e presentes em seu processo de socialização.

A narrativa de Bete é bastante ilustrativa para entendermos esse contexto. Bete conta que no Aurá é muito comum aparecer o lobisomem. Ela relata ser uma das vítimas desse ser assustador, pois, segundo ela, ele tinha por costume aparecer às sextas-feiras, nas proximidades do “lixão”. Ela conta que o viu uma vez, na época de finados, momento em que se dirigia, de madrugada, rumo a mais uma noite de trabalho. Conta que estava cansada e

acompanhada de uma amiga quando o avistou de longe. Desesperada, saiu correndo pedindo socorro, encontrando no caminho um antigo conhecido que vinha em um caminhão e a socorreu. Segundo ela, essas “visagens” aparecem porque esse é um lugar que antes era habitado pelos seres da mata, da floresta, e que após ser habitado pelos “catadores”, continuou a ser considerado um lugar abandonado, distante e isolado da cidade, razão que levava as pessoas a deixarem ali muitos corpos depois de assassinados. Esses acontecimentos geravam um temor muito grande nas famílias, o que, segundo ela, possibilitou que os vizinhos se solidarizassem, para que ali se transformasse em um lugar de boa convivência e possível de ser habitado por pessoas de bem.

O conto narrado a seguir por sete crianças e três adultos em uma pequena roda no quintal de Elza, moradora do Santana do Aurá, demarca claramente como as construções mentais vão se ajustando ao universo de representações culturais das pessoas, reinventando narrativas que identificam as formas de convivência coletiva.

A narrativa de Michel, 12 anos (filho de Elza, esposa de “catador”, mas que já foi agente comunitário), é ilustrativa, nesse sentido.

“Outro dia eu fui comprar carvão para a mamãe aí eu vi um lobisomem muito grande no campinho, foi uma confusão muito grande. Era gente correndo para dentro de casa , as crianças caindo no chão, as galinhas foram derrubadas por ele. Isso foi verdade, todo mundo viu. Era a mulherada se agarrando na cozinha, a minha prima até pulou a janela, teve uma que pulou para debaixo da lama..... Deu muito medo, é muito feio. No outro dia nós só vimos as pegadas dele.”²¹

A partir de relatos como esse buscarei discurrir a respeito da relação desses contos e alguns eventos importantes que acontecem entre as crianças e os adultos, pois julgo ser importante compreender tal relação para que se possa analisar o processo de socialização.

A lenda do lobisomem no Aurá é um importante referencial cultural que demarca o processo de socialização das crianças. Através dessa crença em um ser lendário, pais e filhos vão estabelecendo os contornos entre o que consideram certo e errado. Essa lenda demarca os limites estabelecidos pelos adultos de interdição às crianças, estabelecem-se, assim, os horários apropriados ou não de sair de casa. Santana do Aurá é considerado um lugar violento, com muitos eventos de estupros e assassinatos. Desta forma, os contos

²¹ Walcyr Monteiro (2003, p.216) em sua obra intitulada “Visagens e Assombrações de Belém” coletou depoimentos de moradores dos bairros de Belém e fez uma análise interpretativa das narrativas de visagens e assombrações. Segundo ele “o Lobisomem – é um homem ou mulher que se transforma em porco comum de grande tamanho. É encantado e aparece sempre nos caminhos usados pelos habitantes da região, e quando encontra com eles, ataca-os”.

organizados pelas famílias, é uma forma de atualizar as crenças e estabelecer os lugares que podem ou não ser freqüentados pelas crianças para a sua segurança e integridade.

Entretanto, o que desperta atenção nesse universo das crianças é a riqueza dos contos, a forma como elas integram novos elementos às suas narrativas, a vivacidade e o entusiasmo das crianças em relatar tais estórias, que no dizer delas, são reais. Esse universo nos seduz e encanta, pois elas ficam horas concentradas, reatualizando, muitas vezes, acontecimentos do dia-a-dia, que através dos contos, tomam uma outra dimensão. Vejamos algumas narrativas das crianças e de dois pais que são ilustrativas para análise.

Mário, de 6 anos, filho de Kátia, vendedora de comida no “xem”

“[...] outro dia eu vi um homem de branco lá no curvão, quando nós fomos passando perto da mangueira, nós vimos uma sombra e saímos correndo...essas coisas só aparece na sexta feira, à noite, quando nós fomos ver a lua tava vermelha, grandona [...]”.

E Elza, 36 anos:

“[...] tem uma história que é real que acontece aqui, que contando ninguém acredita, é de uma moça que estava com seis meses de grávida, ela tomou remédio para abortar, que quando ela fez o aborto, ela morreu junto com a criança. Ela passa depois que ela cometeu o crime, ela passa na época que aconteceu o crime com o bebê na boca gritando, pedindo socorro. Isso é verdade, verdade verdadeira, todo mundo já viu.[...]”

Michel de 12 anos, completa “Eu tenho um pensamento assim, que ela está pedindo libertação, pedindo para libertarem ela para ela não aparecer mais”. Seguido de Elza, “Outra estória que é real é de um cachorro que eu acho que dá dois metros de altura. Ele não é um cachorro normal, muita gente já viu, ele passa aqui na rua[...].

Ilda de 16 anos, filha de Socorro, “catadora” diz que:

“O pessoal conta também aqui, que tem uma Matinta Pereira, mas nós nunca vimos, nós só vimos ela assobiar, mas a minha professora falou que ela vai pro cemitério, pega um osso, aí a pele dela vira, aí ela sai, voa e começa a assobiar, mas ela não mexe com a gente, só se a gente mexer com ela, ela vai pedir café, tabaco”.

Juliana, 9 anos, filha de Kátia, vendedora de comida no “xem” também narra que a “Matinta Pereira”:

“[...] sai para pedir café, tabaco, na casa dos outros aí ela assobia, quando o assobio está perto, assim da gente é porque ela está muito distante, quando o assobio está longe da gente, ela está bem pertinho da gente”.

Sendo complementada por Michel, 12 anos, que diz:

"[...] Tem uma velha dali que ela vira Matinta Pereira, num é Manoel? num dia que eu fui na casa da dona Márcia e não tinha ninguém lá no campinho, eu vi ela fumando e tomando café, mas eu não tenho medo dela, ela é bacana a dona Márcia".¹¹⁵

Galvão (1955, p.64) em seu clássico trabalho “Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá”, já mencionava a rica expressão do folclore amazônico. Estudando o sincretismo religioso, a partir dos significados da pajelança, santos e visagens, Galvão explicita em sua análise as construções mentais dos nativos em relação às representações e organização da “comunidade”, com isso, ele quer demonstrar que as crenças caboclas são reveladoras de sentido, capazes de traduzir as relações e a função estrutural da vida do caboclo. Segundo suas interpretações, “a relação que o caboclo amazônico faz entre o mundo natural e sobrenatural derivaram do ancestral ameríndio, havendo o processo de fusão dos elementos das duas fontes primitivas (a ibérica e a indígena)”. Para ele, os bichos visagentos (deterei-me neles basicamente, no momento, por se constituírem elemento de interesse analítico nesse trabalho) “ não recebem devoção, a atitude do caboclo é de evitá-los ou de recorrer a técnicas de neutralização”. Sendo sua função estabelecer mecanismos de proteção sobre as ações depredadoras empreendidas pelo homem sobre a mata, eles funcionariam, então, como elementos capazes de evitar e impedir tais ações.

Por outro lado, Teixeira (1998) interpreta os contos de horror, suspense e medo, como “condição *sine qua non* para elaborar a angústia, diante do confronto com o desejo do Outro”. Isso significa dizer, que a inserção da criança na cultura (castradora por excelência, no sentido laciano) é sempre permeada de medo e de desamparo, e que essa passagem do universo “imaginário” para o “simbólico” permite à criança se inserir no universo de regras, valores e normas, deslocando o desejo¹¹⁶ para objetos substitutivos. Assim, os contos de terror serviriam para demarcar essa passagem, permeada de angústia, de forma simbólica, permitindo à criança processo de elaboração desse mundo interno ameaçador.

Não pretendo fazer dessa discussão um ensaio psicanalítico, mas apenas abordar o assunto sob perspectivas diferentes, buscando dar inteligibilidade àquilo que se denomina de

¹¹⁵ Monteiro (ibid. 2003, p.215) comenta sobre a crença na Matinta Pereira e suas variações de nome e de narrativa, diz ele: “A Matinta Pereira– tem diversas formas de escrever ou pronunciar: Matinta Pereira, Mat-taperê. Figueiredo e Silva apud Monteiro (2003) encontraram a forma “ Titinta-Pereira” que é visagem que frequenta os lugares habitados. Não aparece na mata. É uma crença principalmente dos moradores urbanos, informa Galvão apud Monteiro (2003), que diz também que “Matinta Perera é invisível... tem um xerimbabo, um pássaro negro de carvão cujo pio denuncia a presença da visagem”. Figueiredo e Silva apud Monteiro (ibid, 2003) afirmam que “aparece sob forma de ave do mesmo nome, só fazendo assombração. Dizem que as velhas faladeiras e “avisteiras” (bisbilhoteiras) à noitinha se transformam em Matinta Pereira.”.

¹¹⁶ Desejo é aqui abordado no sentido laciano, como a falta, a incompletude, nunca saciado porque o objeto primeiro (a mãe) é interdito pela cultura como objeto incestuoso.

aspectos inconscientes presentes na mente dos indivíduos, relacionados à vida social. Com isso, julgo necessário estabelecer um diálogo com aquilo que Bettelheim (1980, p.16) chama de “linguagem simbólica do inconsciente”, a qual busca, exatamente, constituir, através dos contos e das brincadeiras, processos de identificação que os personagens dos contos possibilitam através da fantasia da criança. Esse processo permite, assim, o deslocamento da realidade, uma vez que os personagens vivenciam situações de contradição, de ambigüidade, de rivalidade, decepções (sentimentos ainda não dominadas do ponto de vista psicológico pela criança), facilitando com isso, intermediar “o que está dentro e fora do seu inconsciente, e possibilitando dar à criança, habilidade de lidar com as coisas”.

Cabe enfatizar que o aspecto inconsciente presente, os contos das crianças, pois as regras sociais e morais parecem ser o aspecto central dessas estórias. O castigo da mãe que abortou a criança é como diz o pequeno Michel, “não ter libertação”. Assim, ela fica vagando, pedindo socorro para os vivos. Este fato, particularmente, é digno de nota, na medida em que a questão do aborto parece ser um tabu na realidade das relações das famílias e das crianças que vivem no Aurá. Foi possível perceber como tal situação é condenável para eles. Assim, estórias e contos típicos da cultura amazônica, repassados pelos adultos, preservam no imaginário das crianças crenças que fortalecem as regras do jogo social.

Segundo Florestan Fernandes (2004, p.215) em um estudo realizado sobre o folclore e a cultura infantil na década de 40 em bairros paulistanos, mas especificamente em Bom Retiro, diz que “a cultura infantil – uma cultura constituída de elementos culturais quase exclusivamente dos imaturos e caracterizados por sua natureza lúdica atual, provém dos elementos da cultura adulta, incorporados à infantil por um processo de aceitação e nela mantidos com o correr do tempo [...]” boa parte desses elementos constitutivos da cultura infantil são restos de romances velhos, hoje transformados em jogos cênicos, que congregam valores sociais e tradicionais padronizados e transmitidos, pela recreação, aos indivíduos, membros da mesma sociedade. Neste caso, “são as crianças que, dessa forma, asseguram a continuidade tradicional, através dos elementos da sua cultura, continuidade essa posta em crise pelo desaparecimento absoluto ou parcial daqueles traços na cultura adulta”.

Não se trata aqui de reafirmar os estudos de Fernandes (2004), mas de algum modo elucidar as questões que ele aponta. Sem dúvida, o folclore amazônico tem suas particularidades e seu próprio contexto, assim como fica evidente que as crianças

(meninos/meninas) não somente reproduzem as tradições do adulto, mas de alguma forma, através de suas narrativas e da introdução de novos elementos realizados por elas, vão re-elaborando novos significados de acordo com suas percepções da realidade. Nesse sentido, e aí discordo das reflexões de Fernandes (2004), uma vez que, elas próprias (as crianças) vão entre si, aprendendo e socializando com seus pares, criando e recriando novas leituras, e não somente reproduzindo ou conservando as produções dos adultos.

4.4 A DIMENSÃO DO BRINCAR

Um outro aspecto a destacar, na rotina das crianças do Aurá são as brincadeiras. Através dessa categoria, é possível compreender seu sentido e significado no processo de socialização.

A rotina das crianças tem suas particularidades; pois a relação com o ambiente se traduz em atos constantes de descobertas e criatividade. As crianças, tanto as mais velhas quanto as mais novas, assumem tarefas no ambiente doméstico que, muito cedo, são incorporadas nas brincadeiras e nos jogos. Os objetos da natureza tornam-se instrumentos indispensáveis para se estabelecer a relação com o mundo exterior: cada pedaço de madeira, cada lata ou garrafa encontrada no “lixão” tomam dimensões simbólicas fundamentais para enriquecer o seu universo lúdico. Nesse contexto, as relações com as categorias espaço e tempo são diariamente internalizadas pelas descobertas do corpo e da sua expressividade nos movimentos constantes, que se estabelecem através das tarefas diárias, nos cuidados com as outras crianças menores, no trabalho do “lixão” e nos jogos em grupo.

Durante o dia, as crianças têm a possibilidade de explorar o mundo de forma livre e sem pressa. A paisagem do Aurá oferece uma diversidade de descobertas: as ruas, os quintais, as árvores, o contato com uma infinidade de objetos trazidos do “lixão”, que peça a peça, vão demarcando suas representações simbólicas. O que é descartado pelo homem cidadão como lixo e que parece não ter uso e função, vai possibilitando às crianças criar e reinventar. Assim, elas vão também reproduzindo a rotina e a forma de organização engendradas pelos adultos. O contato permanente com as outras crianças (meninas e meninos de várias idades) e suas experiências em casa com os pais e demais parentes e afins vai se configurando em uma relação de troca afetivamente rica.

Não raro é encontrar as crianças subindo em árvores, em um pequeno bosque já bastante identificado como delas. Os "moleques" e as "molecas" participam ativamente dessas brincadeiras. Possuem uma facilidade de equilíbrio, já que em segundos é possível observá-los no topo de uma árvore alta e frágil. Seus galhos flexíveis permitem uma dança perfeita, onde o corpo da criança enroscado sobre ele, como numa aderência, permite que se desenvolva um balanço prazeroso. Passam horas ali, fazendo acrobacias, cambalhotas, se escondendo ao brincarem de “pira-se-esconde”. As fotografias 18, 19, 20, mostram alguns desses momentos. As meninas parecem menos ousadas, também sobem nas árvores, mas em galhos mais baixos e que lhes proporcionam maior segurança. Recolhem cipós, pequenos galhos e alguns frutos maduros ou não, que servirão de alimentos para outras brincadeiras, mais tarde. Pulam corda, fazem balanço, brincam de casinha, permitindo que as crianças menores sejam inseridas nas brincadeiras.



Fotografia 18 – Brincadeira de pira se esconde na árvore (dos meninos)



Fotografia 19 – Brincadeira de acrobacias das meninas



Fotografia 20 – Brincadeira de balanço dos meninos e meninas

Em muitas ocasiões todas se juntam em um único balanço, um sobre o outro como se fosse “um cacho de banana”. Todos muitos juntinhos a soltar grandes gargalhadas, como se naquele momento nada mais importasse a não ser o desejo de estar ali e desfrutar de um prazer incomensurável. Quando uma das crianças não suporta o peso da outra, aí as gargalhadas parecem não ter mais fim. Passam horas a rememorar o acontecido, “caçoando” e fazendo chacota daquele que não conseguiu se equilibrar no balanço.

É muito fácil identificar os lugares mais freqüentados pelas crianças no Santana do Aurá, para brincar. Geralmente há um balanço demarcando o território ou uma pequena

casinha de boneca. Entretanto, é muito raro encontrar as meninas brincando com bonecas em perfeito estado, a maioria das vezes elas estão sem braço ou sem perna, com a cabeça deslocada ou quebrada, como é possível visualizar na fotografia 22. Geralmente elas brincam com pequenos objetos, tampinhas de refrigerante, latas, algumas panelinhas e pauzinhos, que são complementados com frutos, folhas, areia ou qualquer outro objeto que dê idéia de utensílios domésticos. Aliás, nesses momentos, são preparados saborosos doces e comidas, que irão saciar a fome de seus filhos famintos e de toda a família. Também nessas brincadeiras é perceptível a reprodução do espaço doméstico. Mas, algumas crianças, não a grande maioria delas, possuem brinquedos convencionais: carros, bonecas, estojos da Barbie e outros objetos facilmente encontrados em casas de crianças de classe média ou alta. Mas, estes ficam dentro de casa guardados dentro de sacos e inacessíveis ao alcance as crianças, são em sua totalidade, doações que as crianças recebem de instituições, pessoas e do próprio governo, na época de Natal ou no Dia das Crianças. Esses brinquedos não são utilizados pelas crianças. Seus pais guardam-nos como se fosse um objeto de grande valor, assim como os brinquedos doados por alguma patroa, que não sendo mais desejado pelo seu filho ou filha, são destinados aos filhos da empregada.



Fotografia 21- Brincadeira de casinha das meninas e meninos

Nos dias de chuva, parece que a paisagem torna o ambiente da brincadeira mais prazeroso, pois as meninas e os meninos saem de casa, correm contra a correnteza das águas que se espalham pelas ruas. Neste momento pouco importa se a sujeira ou o contato com os

dejetos estão presentes. O lixo e com ele toda a sorte de “bagulhos” estão ali para se inserirem nas brincadeiras. O pequeno short ou calcinha a cobrir o corpo desnudo, muitas vezes escorregam e deslizam pelo corpo, constantemente cheios de cicatrizes e marcas de feridas. Mergulham como peixes, flutuando sobre a maré como que se deixando levar pelo devir das águas. Criam as mais diversas situações. Fazem represas da água para que se tenha a sensação de uma cachoeira, sobem em pequenas tábuas ou isopor como se fossem pequenos surfistas a deslizar sobre o mar, correm atrás de uma bola tentando alcançá-la empregando mais rapidez em seus movimentos. Seus corpos pequenos entrelaçam-se em uma contagiante brincadeira que só tem hora de acabar quando a chuva se vai e com ela toda a sua magia¹¹⁷. Depois tudo volta como antes. Retornam às suas casas, voltam a ajudar os pais ou qualquer outro adulto que esteja em casa, ou simplesmente, retomam as suas atividades que costumeiramente estão habituadas a executar.

Altman (2002) em seu artigo intitulado “Brincando na História” traz algumas reflexões sobre a dimensão do brincar na historiografia indígena. Fazendo levantamento das brincadeiras e dos brinquedos indígenas, revela as várias influências sofridas pelos costumes e crença dos negros. As “yayás” e toda a linguagem ainda presente em nosso vocabulário: “dengo”, “moleque” “pipi” e tantas outras palavras incorporadas e mantidas até hoje, assim como a dos indígenas: “arapuca”, “pipoca”, “tetéia”, “caipira” nos dão a dimensão de como até hoje preservamos esse legado. Na mesma obra trago as análises da referida autora para dialogar com o meu campo de pesquisa, na medida em que encontro parâmetros analíticos capazes de elucidar as questões que levanto no processo de socialização das crianças. Ao abordar a relação do brincar, do brinquedo e a natureza nas comunidades indígenas, Altman (2002) revela o quanto essa relação é primordial para inserir a criança na cultura. São os elementos da natureza que dão a referência identitária que permitirá à criança estabelecer a relação com o mundo e com as coisas, a construção dos brinquedos e das brincadeiras, todas engendradas a partir da realidade e da relação com a natureza vai paulatinamente permitindo ao “indiozinho” incorporar o mundo dos adultos e o próprio domínio sobre a natureza, lugar por excelência de conhecimento.

Assim, ao que parece, a mesma relação vai se estabelecendo no Aurá, guardadas as devidas diferenças, até porque as crianças que vivem no Aurá não são índios e nem

¹¹⁷ Em Belém, principalmente nos bairros mais periféricos é muito comum encontrar as crianças brincando e tomando banho no decorrer da chuva.

tampouco sobrevivem e convivem diariamente para dominar os elementos da natureza, mas da mesma forma que eles, interagem com os elementos disponíveis em sua realidade e vão dando a dimensão simbólica que permitirá estabelecer as relações com o mundo adulto.

Do Aurá às reminiscências das memórias de Thiago de Melo e de outros interlocutores tão cuidadosamente reconstituídos por Aldrin Figueiredo (2004) em “Memórias da Infância na Amazônia”, no livro organizado por Mary Del Priore, intitulado “História das Crianças no Brasil”, Aldrin Figueiredo (2002) traz à baila um tempo de glória e *glamour* em que viviam as crianças amazônicas de classe média e alta. Rodeadas de cuidados e proteção por amas e/ou pais zelosos, esse universo retrata também a simplicidade das relações de vizinhança, do convívio com o trabalho infantil: pequenos jornalheiros, engraxates, “pitorescos vendedores de jasmim” tão naturalizados nessa região, que muitas vezes, como diz Aldrin Figueiredo (2002), não estavam presentes nas memórias de seus mais importantes informantes, que perambulando pelo Ver-o-Pêso e por outras ruas da cidade de Belém, convivendo junto com os adultos, permeavam a paisagem da bucólica cidade.

A distância que separa esses dois universos tem no tempo sua marca mais indelével. Entretanto, as dimensões da casa e da rua mantêm entre esses dois universos um limite muito tênue, em certa medida, parecido com o que se encontra ainda presente na vida das crianças que residem no Aurá. Também a relação com os parentes, que por meio da circulação das crianças estabelecem sociabilidades diversas, tendo os contos como intermediadores do universo sobrenatural com os eventos cotidianos, parecem remeter ainda ao velho período áureo da borracha.

Cohn (2002) ao estudar o processo de socialização dos Tupinambá, enfatiza que os processos de educação e aprendizagem podem ser melhor apreendidos considerando-se a especificidade do universo infantil, compreendendo, portanto, a criança dentro de diferentes contextos, com suas experiências e vivências, e não simplesmente categorizando-a dentro de esquemas cognitivos universais. É, pois, o conhecimento construído no momento que se torna significativo para o seu aprendizado.

Retrarei uma visita que é bastante elucidativa para entendermos como esse processo de aprendizagem se constrói nas experiências das crianças (moleques/molecas) que residem no Aurá. Meu trajeto até o “lixão” tem o objetivo de relacionar o mundo do trabalho e das brincadeiras, pois é entre esses dois pólos que a aprendizagem das crianças vai se

constituindo. O caminho até o “lixão” é permeado de inúmeras recordações para mim: a sensação de estranhamento do primeiro contato retorna insistentemente em meus pensamentos. A cena presente de algumas imagens da época em que acompanhei a equipe do PSF emerge como um filme, atualizando sentimentos, ainda não superados: a repugnância do lugar, o horror de algumas cenas que me marcaram profundamente: as crianças magras e doentes, mulheres, homens de variadas idades, lutando dia e noite para sobreviver. Permeado a isso, o ambiente insalubre, o sol ou a chuva, o cheiro do chorume, o contato permanente com insetos, baratas e os mais diversos dejetos: hospitalares, domésticos, urbanos, enfim, a cada dia uma convivência com o inesperado, que vai demarcando as fronteiras de uma infância árida, mas ao mesmo tempo, carregada de fantasias e de sonhos.

Por outro lado, essas imagens também me remetiam a um universo muito diferente daquele presenciado naquele momento: as minhas relações de trabalho, o meu ambiente doméstico, a socialização e processo de aprendizagem de minha filha, enfim contextos diversos, nem melhores nem piores, mas certamente com referenciais completamente diferentes.

Em meu ingresso até o “lixão”, o contato com a administração parece demarcar claramente algumas resistências para se presenciar algumas cenas: as crianças trabalhando e se juntando aos demais membros da família para garantir sua sobrevivência parece ser uma situação pouco aceitável para os técnicos. Ao direcionar-me até as “células”, encontro duas crianças no meio do caminho (magras, a pele morena, provavelmente da exposição prolongada ao sol), carregando sacos de lixo, com idade aproximada entre 11 e 12 anos.

Na procura desesperada para coletar o lixo homens, mulheres e crianças colocam em risco a própria vida, correndo atrás do caminhão ou do trator os quais parecem não diferenciar o lixo das pessoas. Os veículos seguem seu caminho, derramando e aterrando o lixo. Na tentativa de encontrar mais um “bagulho” que poderá servir para garantir o almoço ou lanche da família, todos parecem ignorar o limite entre morrer e viver. Visualizo em torno dessa cena, doze crianças a movimentarem-se entre o lixo e o caminhão, com o olhar atento e as mãos ágeis capturando, com o “gandame”, o lixo certo para vender. Dentro do saco alguns materiais que, segundo as crianças, são mais fáceis de pegar: “*rider*” e alumínio. Em seu

semblante, um sorriso acolhedor demonstra a afetividade, o diálogo fácil que se desenvolve entre nós é logo interrompido pelo engenheiro, que insiste em me retirar dali¹¹⁸.

Ao continuarmos conversando até o prédio do projeto de biorremediação, o engenheiro identifica uma menina que foi violentada na semana anterior. Conversamos sobre isso por longas horas, depois com outros moradores de Santana do Aurá pude confirmar o evento e, conseqüentemente, com o decorrer do trabalho de campo fui percebendo o quanto a violência é um fenômeno latente lá. As mais diversas formas de violência que as crianças têm que conviver no dia-a-dia no “lixão” vai se configurando nas inúmeras estratégias que elas próprias e suas famílias vão empreendendo para protegê-las. Ali, a luta pela sobrevivência impõe-lhes os mais terríveis riscos. A presença de pessoas armadas, os assassinatos, os inúmeros acidentes, a violência sexual, a exploração infantil, vão delineando um cenário onde o limite de vida e de morte se torna cotidianamente presenciado e vivido pelas crianças. As crianças vão junto com os pais e parentes, aprendendo a conviver e a se defender. As inúmeras formas de enfrentamento dessas situações, tais como: trabalhar junto dos adultos, identificar as pessoas que oferecem alguma ameaça na coleta, entender quais são as redes de proteção e de ameaça, aprender a lidar com as pessoas que aliciam as crianças e manter-se vigilante para qualquer situação ameaçadora vai se constituindo em um aprendizado em que o risco, a violência e o perigo se transformam em elementos socializadores.

Após sair do “lixão” resolvo ir à casa de uma das famílias das crianças para observar suas brincadeiras. Chego à casa de Elza (no Santana do Aurá) por volta das dez horas da manhã. No quintal amplo sem muros ou divisão entre as casas, a sombra das árvores transforma o ambiente em um espaço agradável para se conversar e brincar. Um pequeno balanço improvisado, uma casinha de boneca com restos de madeiras pregadas umas sobre as outras, retrata a estética das muitas casas construídas no Aurá. Estão juntas crianças pequenas (de colo), crianças entre cinco e doze anos, adolescentes e adultos, todos em uma conversa bastante envolvente. Um fato logo me chama atenção: as crianças maiores catando piolho na cabeça das menores, em uma troca afetiva tão intensa que me penaliza interromper: uma menina brincando com um bebê de colo. Os adultos atentos a cada passo das crianças expressam o interesse em acompanhar as suas brincadeiras.

¹¹⁸ Esse é um aspecto interessante de analisar, pois a rigidez e o controle exercido pelos técnicos do projeto demonstra a necessidade de se manter em silêncio uma situação considerada por eles como não controlada, ou seja, o acesso das crianças ao “lixão” e o crescente número de catadores. Entretanto, não me deterei em analisar aqui, no âmbito deste trabalho, tais aspectos.

Nesse ambiente, observo algumas brincadeiras cuja análise torna-se interessante procurar compreender de forma mais ampla, uma vez que o processo de socialização das crianças vai se constituindo entre o “lixão” e o Santana do Aurá, pois entre esses dois universos – o espaço do trabalho e o espaço doméstico - há limites muito tênues.

Relatarei uma brincadeira que parece bastante interessante para espelhar esse processo. A brincadeira é denominada pelas crianças de “taco”. Trata-se de um jogo, onde duas duplas se formam cada uma de um lado, com um taco na mão (pedaço de madeira), uma garrafa de “pet” de cada lado, demarcando o território, e uma pequena bola (achada no “lixão”). Participam dela, meninos e meninas, de idades variadas (crianças de cinco anos em diante). Embora essa brincadeira precise de agilidade e equilíbrio, é permitido às crianças menores participarem dela. Estabelecem-se as regras que variam, de acordo com o consenso do grupo. Tem o “vale tudo”, ou seja, as regras do jogo são menos rígidas e o jogador tem que estar disposto a tudo, sem o direito de contestar. A “vitória régia” é o momento decisivo do jogo, pois, se por um acaso, após uma forte tacada, a bola cair em cima do telhado de alguma casa ou de alguma árvore, quem der uma “tacada” na bola, decide o jogo. A última regra do jogo diz respeito à permissão para que ambos os jogadores possam tocar apenas uma vez na bola que está sob o seu domínio.

O que é mais visível, no entanto, é a torcida em torno dos jogadores. A vigilância realizada pelos torcedores garante respeito às regras e tal fato representa uma questão de princípios, pois a inobservância das regras pelos jogadores, acarretará o afastamento da dupla, cedendo lugar a outros jogadores. Um outro aspecto a ressaltar é a participação ativa das crianças em outras brincadeiras, todas muito parecidas em que se exige percepção, atenção, habilidade motora, concentração, sempre com os recursos encontrados no quintal ou nas ruas. Em alguns jogos, os adultos participam junto com as crianças, ditando algumas regras, mas também acatando suas opiniões.

Nunes (2002, p.70), ao estudar as brincadeiras das crianças da tribo A’uwê-Xavante, percebe como “o controle, a autonomia, a disciplina e a liberdade, confrontadas com a vivência de várias dimensões de tempo e espacialidade são pensadas conforme a sociabilidade”. Percebe-se, entretanto, no dia-a-dia das crianças que residem no Aurá, que as brincadeiras e o trabalho são categorias interligadas ao processo de socialização das crianças, pois o que para muitas pessoas se constitui em categorias inconciliáveis, na realidade das

crianças que moram no Aurá, traduz-se em elementos estruturantes no processo de socialização. A mesma disciplina empreendida nas tarefas domésticas é representada nas brincadeiras. O sentido de espaço e tempo são também incorporados por meio das experiências diárias em casa e no “lixão”, tendo o lúdico papel fundamental nessas representações.

A categoria espaço é representada com muitas possibilidades para as criança, pois o pequeno riacho e uma pequena lagoa (visivelmente contaminados), ora são usados para tomar banho, para lavar os resíduos que os pais trazem do “lixão”, ora para brincar de empinar pipa, ou de “pira-se-esconde”¹¹⁹. As árvores, que muitas vezes produzem frutos, podem se transformar em balanços, em esconderijos ou em traves de futebol. Um fato notado foi presenciado em um passeio ao Bosque "Rodrigues Alves" (o Jardim Botânico da cidade de Belém) realizado em 2003 na época em que eu coordenava o projeto de “Desenvolvimento Infantil”: as crianças entraram nos lagos destinados aos peixes e tartarugas para banhar-se, queriam subir nas árvores e fazer suas necessidades fisiológicas nos canteiros do parque. Em um outro passeio ao cinema, as crianças choraram ao subir a escada rolante. O medo de enfrentar uma situação nunca vivenciada por elas parecia fora de seu domínio social e, portanto, apresentava-se como ameaçadora. Tais situações evidenciam claramente como as representações de espaço e tempo estão relacionadas ao modo de vida e às experiências sociais das crianças, demarcando assim seu universo cultural.

A temporalidade das brincadeiras é demarcada pela fome (que nem sempre é saciada, pois não é raro que as famílias não tenham o que oferecer às crianças durante as refeições) ou pelo horário de ir à escola, que segundo elas “não é tão legal como ficar brincando”.

Um outro aspecto a destacar, diz respeito à forma como as crianças lidam com o cotidiano, pois, a despeito de toda responsabilidade que elas têm com a casa e com os outros irmãos, elas dão a essa realidade cotidiana um caráter lúdico e criativo, onde cada atividade ou tarefa se transforma, no sentido em que elas parecem fantasiar e criar um universo único. Nessa perspectiva, o irmão e a irmã das crianças mais velhas são inseridos nas brincadeiras, ora como personagens (filhos ou filhas), ora como aprendizes das brincadeiras, que são

¹¹⁹ “Pira-se-esconde” é uma brincadeira onde a criança mergulha na água para se esconder e não ser identificada como a “mãe”, ou seja, a pessoa que está na função de procurar os demais jogadores, alcançando-os e tocando-os. Ao ser tocada, a criança está fora da brincadeira.

inventadas cotidianamente pelas circunstâncias do trabalho ou do que está disponível na natureza.

Assim, tanto os contos como as brincadeiras vão tomando uma dimensão onde a participação das crianças é significativa para reestruturar alguns elementos culturais, pois a “Matinta Pereira” das lendas, é um personagem assustador. Para as crianças, ela é identificada como alguém afetivamente amável e bondosa. O lobisomem, outro personagem lendário no Aurá, aparece no campinho ou no “lixão” para assustar os adultos e as crianças, estabelecendo regras e limites. Até mesmo os que conviveram entre eles retornam, após a morte, para demarcar a importância das condutas e dos preceitos morais. Assim, entre o mundo da fantasia e da realidade, vão se configurando as regras e interdições que passam a ser referências culturais nos comportamentos e atitudes das crianças, perceptíveis nas relações do dia a dia com os adultos, no trabalho, em casa, na rua. “Nesse sentido, idéias infantis não são imaturas, nem as crianças deixam de entender o que realmente acontece” (Ferreira, 2002 p.151), mas simplesmente interpretam o mundo de acordo com suas percepções e modo de ver a realidade.

No limite entre sobreviver e morrer, estão presentes cenas comoventes, que aos nossos olhos (pelo menos aos meus, pois foi essa a primeira imagem que memorizei) transformam solidão, desamparo em criação e reinvenção. Diante da fome, da miséria e da doença, representações são criadas e reinventadas, preservando crenças e costumes, que simbolicamente, traduzem o sentido cultural de seus saberes e práticas. Assim, o silêncio se rompe, cabendo às brincadeiras, jogos e contos, traduzir esse universo rico em sua cosmologia: o saber e o conhecimento do universo infantil das crianças que vivem no Aurá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas foram as reflexões ao longo desse estudo. Entre questionamentos, dor, alegrias, perplexidades, ao conviver por dois anos com as famílias e as crianças (na realidade cinco anos, pois já trabalhava no Aurá desde janeiro de 2000) algumas idéias se tornam elucidativas para mim. A partir das questões iniciais retomo algumas reflexões suscitadas, ao longo dos capítulos. Muito mais, do que buscar explicações dos fatos compartilharei idéias, que ao longo do trabalho de campo foram me possibilitando pensar sobre a realidade de vida das crianças e das famílias de Santana do Aurá.

A história de vida das famílias e suas trajetórias muito me chamaram atenção, pois a complexidade do fenômeno da pobreza que lhes impõe permanentemente inúmeros deslocamentos, estratégias diversas, como; transformar o que é considerado resto, dejetos, ou aquilo que é nojento, em forma de consumo e de troca, a convivência diária em um ambiente insalubre; com ratos, baratas e toda ordem de violência levaram-me a perceber como esse universo possibilita às famílias recriarem e inventarem uma cultura própria, para sobreviver. Ao traduzir o universo de suas práticas em situações limite entre viver e morrer pude compreender essa realidade e buscar os elos explicativos que me fizeram pensar como se dá a socialização das crianças nesse contexto.

Ao submeterem a si próprias e as crianças aos mais diversos riscos, as famílias buscam capacitá-las para aprenderem a valorizar o trabalho, a negociar no “lixão” a se defender e enfrentar essa realidade como única alternativa de sobreviver. Reproduzindo através de suas próprias vivências acompanhando os pais; na emigração, no trabalho, convivendo no espaço doméstico e observando a plasticidade nos arranjos familiares, as crianças também vão descobrindo novas formas de recriar e representar essa realidade. As brincadeiras vão dando a dimensão entre a fantasia e a realidade, e nesse jogo (lúdico) os referenciais dos pais vão marcando suas identificações. Parece paradoxal, como em meio a uma situação dada como extrema, que as crianças possam recriar essa realidade. Os contos, as brincadeiras, os jogos infantis vão estabelecendo outras fronteiras desse universo tão penoso. A fome, a miséria, as doenças, vão sendo redimensionadas nesse contexto. O

significado e representação das coisas e objetos vão estabelecendo novas ordens, novas classificações que lhe possibilitam dar integridade àquela realidade.

Ao reconstituir a interioridade das relações das famílias, e em particular, das crianças no contexto do “lixão” percebi o quanto significativo se torna para essas famílias encontrar estratégias que possibilitem às crianças sobreviver frente a essa realidade. A fragilidade e pouca consistência das ações das políticas públicas em suas vidas levam as famílias a socializarem suas crianças, para muito mais do que aprender a viver, mas a aprender a não morrer.

Diante disso, algumas questões são pensadas nesse contexto. Uma delas diz respeito ao trabalho infantil. Considerando toda a legislação sobre os direitos da criança, as convenções internacionais e toda ordem de questões, que mediante a realidade atual, nos grandes centros urbanos, nos faz refletir sobre a situação da infância brasileira, e em particular as crianças do Aurá, podemos nos perguntar: o que fazer, especificamente com as famílias que vivem no Aurá, que têm no trabalho um valor moral, único meio possível de garantir seu status social? Não é uma questão fácil de responder, pois se levarmos em consideração o ponto de vista das famílias, e nesse trabalho é esse o enfoque que pretendi dar a essa pesquisa, o trabalho é uma questão cultural, pertence a ordem das representações do que é ser família, porque nesse caso específico, ele reproduz as relações com o espaço doméstico, com a organização dos papéis do que é ser homem e do que é ser mulher. Muito mais do que isso, ele traduz as representações do que é ser criança para essas famílias. Pois diante da realidade de suas próprias vidas e das impossibilidades de inserí-las naquilo que prevê os estatutos, as legislações, essas famílias procuram meios de socializar e educar suas crianças a partir do que tem sentido para elas e das reduzidas expectativas de futuro.

A situação parece dramática, pois se nos remetermos as reflexões suscitadas no segundo capítulo desta dissertação compreenderemos melhor essas questões, uma vez que a totalidade dessas famílias veio do campo, donde tinham um estilo de vida diferente do modo de vida da cidade; a organização do grupo doméstico, do trabalho, as relações de vizinhança, enfim retratam os referenciais que situam e organizam essas famílias na vida social e no contexto de vida rural. Entretanto, ao se depararem com outra realidade precisam recriar novos padrões culturais para sobreviver nesse contexto. Mais mantém e

preserva práticas anteriormante incorporadas, que conforme mencionado acima, não cabem nessa nova realidade. Como sair desse impasse? Não me cabe nesse trabalho, encontrar respostas, mas fazer algumas reflexões que nos leve a redimensionar a situação da infância no Aurá dentro de um contexto nacional.

Além do mais outras questões parecem relacionadas a essa, pois, o fenômeno da migração, que de acordo com que vimos também no segundo capítulo, tem tomado, em especial na região norte, outras dimensões, pois ao se alterar o modo produtivo das famílias, elas passam a se deslocar para os grandes centros urbanos. No caso específico da Amazônia, a criação dos grandes projetos em áreas produtivas dos pequenos agricultores, foi alterando o ciclo ecológico e suas práticas de sobrevivência e com isso a expulsão dessas famílias de suas terras. Esse fato em si demarca as inúmeras trajetórias dessas famílias ou de alguns de seus membros, para produzir novas formas de viver. Ocorre que, ao chegarem à cidade, não lhes é possível reproduzir sua práticas anteriores, e se dá início a um longo e penoso percurso de tradução desse novo universo. Ao chegarem no “lixão”, ao que parece, encontram algumas alternativas (não menos penosa) de sobreviver.

Entretanto, se observa, que o percurso dessas famílias continuam, pois ao se depararem com muitas impossibilidades de sobrevivência no “lixão” com; os inúmeros eventos de violência, a pouca qualidade do lixo e sua baixa rentabilidade, o difícil acesso a bens e serviços, enfim, uma série de dificuldades que impulsiona novos deslocamentos. Invadindo novas terras, retornando à antigos lugares, onde por um determinado período (o ciclo produtivo lhes parece ser uma alternativa viável de sobrevier, naquele momento) se deslocam para novos lugares e em seguida retornam ao “lixão”. A transitoriedade dessas famílias, mas em particular, nesse caso, das crianças torna o evento migratório de ordem brutal, pois se considerarmos a formação da personalidade dessas crianças, podemos nos perguntar: qual a referência de lugar, de ambiente que essas crianças introjetarão? Não tenho respostas para isso, pois somente a constituição da própria trajetória dessas crianças é que nos dará as respostas que tento buscar aqui.

Por outro lado, uma outra questão me leva também aos mesmos questionamentos, como essas crianças incorporarão a dimensão da violência, vivenciada de forma tão banal no “lixão”? mata-se por dívida, por comida, por representar uma ameaça de

sobrevivência. Algumas respostas já foram apontadas ao longo dos capítulos, a julgar pela forma como elas (as crianças) vão educando seus irmãos/irmãs menores já nos diz muito de que forma elas vão reproduzindo-a em suas relações.

Contudo, ficam aqui alguns argumentos para refletirmos sobre como se constroem as relações, dentro de um universo de pobreza, violência e riscos, em que as crianças protagonizam através da reinvenção do lixo novas possibilidades de criação, mas que também vão estabelecendo o contorno de uma fronteira muito tênue entre a viver e morrer.

REFERÊNCIAS

ABREU FILHO, Ovídio de. Parentesco e identidade social. In: ANUÁRIO Antropológico 80. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1982.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. Solidariedades ameaçadas e redefinição do serviço público. In: NEVES, Rosa H. do Nascimento; QUINTELA, Rosângela da Silva ; CRUZ, Sandra H. Ribeiro (Org.). **A reinvenção do social: poder local e a política de assistência social em Belém (1997-2004)**. Belém: Paka-Tatu, 2004.

ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na história. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das crianças no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ALVES, Rubens. Quando eu era menino. São Paulo: Papirus, 2003.

ALVIM, Maria Rosilene B. **Constituição da família e trabalho industrial: um estudo sobre trabalhadores têxteis numa fábrica com vila operária** 1975. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

ALVIM, Maria Rosilene B.; LOPES, José Sérgio Leite. Famílias operárias, famílias de operárias. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 5, n. 14, 1990.

ANTONAZ, Diana. **A dor e o sentido da vida. um estudo de caso: a nova doença das telefonistas no Rio de Janeiro 1980/1990**. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara,

1978.

BATISTA, Elaine de Matos Paula et al. Manual para elaboração e normatização de dissertações e Teses. **3. ed. rev. atual. ampl. Rio de Janeiro: BIBI, 2004.**

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. **Tradução: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.**

BONTE, Pierre; IZARD, Michel. **Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie France:** Paris: Universitaires de France, 1992.

BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. Le déracinement: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie. **Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.**

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde da criança: acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil. **Brasília, DF, 2002. (Cadernos de Atenção Básica, v. 11).**

BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa. **2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.**

COHN, Clarice. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia. **In: LOPES DA SILVA, Aracy (Org.). Crianças Indígenas: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.**

COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Coleção

Passo a Passo, 57).

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal; Paz e Terra, 1979.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa: Perspectivas do Homem; Edições 70, 1966.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Tradução: Plínio Deutzein. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade: a vida rural e migração para São Paulo**. 3. 3ed. São Paulo: Perspectiva, 1984. (Coleção Debates / Ciências Sociais).

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramento, 1978.

ELIAS, Norbet; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FABIETTI, Ugo. Between two myths: underproductivity and development of the Bedouin domestic group. Italie: Via Buschi,1990

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. Divina abundância: fome, miséria e a terra-sem-mal das crianças Guarani. In: LOPES DA SILVA, Aracy (Org.). Crianças indígenas: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Memórias da infância na Amazônia. In: DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004.

FONSECA, Cláudia. **Caminhos da adoção.** São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Família, fofoca e honra:** etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade:** a vontade de saber. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1.

_____. **História da sexualidade:** o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984. v. 2.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala:** introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens:** um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. São Paulo: Nacional, 1955.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. **O sul**: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1989. (Coleção Pensamento Antropológico).

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico In: O SABER local, novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1998

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HEILBORN, Maria Luíza. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. cap. 4 e 5.

HIRSCH, Eric; O'HANLON, Michael. The anthropology of landscape: **perspectives on place and space.** Oxford: Clarendon Press, 1995.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 5 jan. 2006.

KEESING, R. Kwai Religion: The Living and the dead in a Solomon Island society. New York : Columbia University Press, 1982.

KOFES, Suely. Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 1, p.19 - 30, 1993.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A família. In: O OLHAR distanciado. Lisboa: Edições 70, 1979.

LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Ângela. Contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da criança. In: LOPES DA SILVA, Aracy (Org.). **Crianças indígenas**: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Coral Gardens and Their Magic – study of the methods of tilling the soil and of agricultural rites in the Trobiand Islands**. v.1 – the description of Gardening. London : George Allen and Unwin, 1934.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Uma outra 'invenção' da Amazônia**: religiões, histórias, identidades. Belém: Cejup, 1999.

MEAD, Margaret; WOLFENSTEIN, Martha. **Childhood in contemporary cultures**. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Helena de Oliveira. Na dor do corpo, o grito da vida. In: COSTA, Nilson do Rosário; RAMOS, Célia Leitão; MINAYO, Maria Cecília Souza. STOTZ, Eduardo Navarro (Org.) **Demandas populares, políticas públicas e saúde**. Petrópolis: Vozes, 1989. v. 2, p. 76-101.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e assombrações de Belém**. 4. ed. Belém: Paka-Tatu, 2003.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. "Na casa da mãe" na "casa do pai": anotações (de uma antropóloga e avó) em torno da "circulação de crianças". **Revista de Antropologia da USP**, São Paulo, v. 47, 2004.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. **Trabalhadeiras e camarados**: relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: UFPA, 1993.

MUSEU DO MARAJÓ (Cachoeira do Arari, PA). Exposição interativa: urubu. Disponível em: <<http://www.museudomarajo.com.br/expuru.cfm>>. Acesso em: 22 dez. 2005.

NUNES, Ângela. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwê-Xavante.
In: LOPES DA SILVA, Aracy (Org.). Crianças indígenas: ensaios antropológicos.
São Paulo: Global, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.
Revista de Antropologia, v.39, n. 1, p.13-37,1996.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura.
In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHÈRE, Louise (Org.). **A mulher, a cultura, a sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. L'expérience concentrationnaire: essai sur le maintien de l'identité sociale. Paris: Éditions Métailié, 1990.

RIDLEY-LEIGH, Dominique. Mulheres na migração: redes de parentesco como uma estratégia de sobrevivência. In: ENCONTRO com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, v. 26.

ROCHER, Daniel. **História das coisas banais**: nascimento do consumo nas sociedades do

século XVII ao XIX. Tradução: Ana Maria Sherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SALES, Léa Maria Martins. **A negação do mal**: as idéias de infância no imaginário adulto: um processo de idealização. 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SIGAUD, Lygia (curadora);WELLER, André (concepção). **Lonas e bandeiras em terras pernambucanas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE BELÉM. Boletim Epidemiológico do Sistema de Informação da Atenção Básica. Belém, agosto de 2005

SILVA, Anaclan Pereira Lopes. **“Nem do bem ,nem do mal”**: infância, moral e socialização. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p.15 - 23.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. Monstros & Cia: gênero do medo na literatura e nos contos de fadas. In: MENGARELLI, Jandira Kondera (Org.). Dos contos, em cantos. Salvador: Ágalma, 1998.

TOREN, Christina. Do babies have culture? In: GOTTLIEB, Alma. **The Afterlife is where we come from**: the culture of infancy in West Africa. Chicago: University of

Chicago Press, 2003.

WOORTMANN, Klaas. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador**: escola, resistência e reprodução social.
Tradução: Tomaz da Silva e Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

GLOSSÁRIO

GLOSSÁRIO DE EXPRESSÕES NATIVAS

ANFITRIÃO – É a pessoa que recebe em sua casa os demais membros da “célula”, que organiza a cerimônia em casa e fica na recepção dos convidados.

BAGÉ – É como os nativos denominam o ônibus que circula no Aurá.

BAGULHAR – É uma categoria nativa atribuída pelos moradores quando se separa o material que serve de uso, daquele que não tem utilidade, no lixão, na tentativa de encontrar algo que possa ser aproveitado em casa ou que possa ter um valor de troca ou venda.

BAGULHO – É categoria nativa que os catadores identificam como lixo.

BANHAREM – Tomar banho

BUCHUDA – Mulher grávida.

CACAIA – Espécie de árvore, considerada nobre naquela no Aurá

CATADOR – É uma denominação atribuída pelos moradores para quem sobrevive da catação do lixo.

CÉLULA – Formação de grupo de mulheres, homens e crianças que se reúnem para estudar e evangelizar outras pessoas.

CHARLAR – Pessoa que vive passeando, vaidosa e que não tem responsabilidade.

COISAR - Fazer alguma coisa

CORTUME – Lugar onde se prepara o couro de boi para fabricação de sapato

CURUBINHA – Doença de pele.

CURVÃO – é uma palavra que significa lugar onde se tira terra e fica um vácuo no terreno.

GANDAME – É uma palavra nativa, que significa um Instrumento de ferro que se assemelha a um gancho, feito artesanalmente pelos catadores e que é utilizado por eles para catar o lixo no “xem”. No dicionário de Buarque de Holanda (1993) a palavra é chamada de gadanho e significa garra de ave de rapina. Espécie de ancinho.

GANDANHADO – Pego com o gadanho

GANDANHAR – É uma categoria nativa que significa pegar com o gadanho (espécie de gancho) que serve para furar as sacolas de lixo e separar um material de outro.

GRANDONA – Pessoa grande

INVASÃO – Categoria nativa que define o espaço onde os moradores de Santana do Aurá residem.

KI-SUCO – Marca de um suco artificial, encontrado em pequenos sacos de papel.

LÍDER – Pessoa encarregada de ser o exemplo: dentro de casa, dentro do lar, onde ele esteja. Ele tem que dar bom testemunho.

LIXÃO – Lugar onde exercem suas atividades produtivas na catação do lixo

MALINO – Criança agressiva, violenta.

MARIZONA– Quer dizer ondas grandes.

METER A PEIA – Bater, usar de violência física.

O PAU TE ACHA – Usar de violência física

PAPUDINHA – Pessoa que vive alcoolizada.

PET – garrafas de plástico de refrigerante

PORANGA – Lamparina produzida artesanalmente

PULAR DE GALHO EM GALHO – Se mudar de um lugar para outro.

PUTEIRA – Profissional do sexo.

RAIDER – Significa sandália de borracha, tipo havaiana.

RECICLAR – É uma denominação nativa que significa separar, limpar colocar em ordem e armazenar o produto nas embalagens para exportação ou a venda do produto para outras empresas fora do Estado.

ROÇA – Categoria nativa que deve ser entendida como um pequeno terreno, onde as famílias plantavam e colhiam mandioca, gergelim e outras plantas medicinais, assim como pequenos animais domésticos: pato, galinha, porco.

SACAS DE SARRAPILHEIRA – Sacos de fios de nylon, usadas geralmente para armazenamento de gêneros alimentícios e adubos.

SUCATEIRO – É a pessoa que compra o lixo dos catadores depois de ser coletado por eles no lixão.

TIMOTE – É uma espécie de assistente e é responsável em ajudar na evangelização.

TREPADA – Ato de subir na árvore

URINOL – Conhecido também como “penico” na região norte, é usado em substituição ao vaso sanitário.

XEM – É uma categoria nativa que significa um lugar que tudo tem e que tudo cai. É como se fosse uma espécie de Shopping”.

XUXINHA – Liga para amarrar o cabelo

APÊNDICE

Universidade Federal do Pará
Centro de Filosofia e Ciências humanas

Programa de pós-graduação em ciências Sociais
Mestrado em Antropologia

QUESTIONÁRIO

O que é família?

Como vivia antes de chegar no Aurá?

Como chegou em Santana do Aurá?

Como se deu o processo de inserção no trabalho no lixão?

Como vive atualmente no Aurá?

O que é lixo?

Como convivem com das crianças?

